

**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós Graduação em Educação**



**CRENÇAS AMBIENTAIS E COMPORTAMENTOS ECOLÓGICOS DE  
USUÁRIOS DO RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Marina Silva Bicalho Rodrigues**

Brasília, julho de 2011

**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós Graduação em Educação**

**CRENÇAS E COMPORTAMENTOS DE USUÁRIOS DO  
RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**Marina Silva Bicalho Rodrigues**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-graduação em  
Educação da Faculdade de  
Educação da Universidade de  
Brasília, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Claudia Pato

Brasília, julho de 2011

**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós Graduação em Educação**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup> Doutora Claudia Marcia Lyra Pato (orientadora)**  
**Universidade de Brasília - Faculdade de Educação**

---

**Prof<sup>a</sup> Doutora Vera Margarida Lessa Catalão**  
**Universidade de Brasília - Faculdade de Educação**

---

**Prof<sup>a</sup> PhD Maria Inês Gasparetto Higuchi**  
**Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental**

Brasília, Julho de 2011

Dedico este trabalho a toda  
minha família, amigos e  
professores.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Claudia Pato, por toda sua competência e sensibilidade de me auxiliar em todo o processo de trabalho e aprendizagem durante a superação de mais esta etapa do meu percurso acadêmico, ouvindo minhas angústias e orientando-me pacientemente.

À professora Vera Catalão, pelo incentivo inicial dado ainda durante o curso de graduação, quando orientou-me em diversos trabalhos, pesquisas e monografia, e por todo o apoio ofertado durante a realização deste curso.

À professora Tereza Cristina Cerqueira, pela paciência e dedicação ao dedicar seu tempo para troca de ideias acerca do meu trabalho.

Aos professores da Faculdade de Educação, pela ótima formação que me proporcionaram hoje ser uma profissional interessada em aprender sempre mais.

À Universidade de Brasília, campo de pesquisa onde sempre consegui tudo aquilo que precisei para a realização deste trabalho.

Aos usuários do Restaurante Universitário – RU, que se dispuseram a colaborar participando da pesquisa.

À administração e aos funcionários do RU, que atenderam aos meus pedidos e sempre foram muito solícitos, atenciosos e prestativos.

À equipe e à coordenação do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB, principalmente àqueles atuantes em 2009/2010.

Aos meus colegas do grupo de estudo da linha de pesquisa em Educação Ambiental orientado pela professora Claudia Pato: Valéria Lima, Fernanda Fagundes, Fernanda Rachid, Magnólia Barros, Valdivan Lima, Patrícia Dias, Ednalva Lima, Rebeca Campos e Danielle Abud, por todas as conversas, ideias, incentivos e sugestões.

À Fundação CAPES, pela bolsa de estudo ofertada, a qual me proporcionou disponibilizar maior dedicação à realização desta pesquisa.

Às minhas amigas Luciana Carneiro, Diana Rosada, Thaianne Landa, Raquel Camargo e Adriana Alves por todas as conversas, momentos de descontração, carinho e compreensão.

Ao Bruno, por todas as conversas, ideias e sugestões.

Por fim, à minha família, meu pai Vicente Alfredo, minha mãe Lúcia Bicalho e minhas irmãs Lorena Bicalho e Nicole Bicalho, por todo seu amor, paciência nos meus momentos angustiantes e compreensão pela minha ausência em diversos momentos familiares.

## RESUMO

A Universidade de Brasília constituiu-se ao longo dos anos como um espaço democrático e aberto para discussões. A proposta é que a comunidade acadêmica opine sobre as ações realizadas na universidade, principalmente naquelas que se referem à qualidade de vida nos *campi*. A implantação de uma política pública de caráter socioambiental foi considerada uma das discussões que mais se destacou nas últimas décadas. A emergência desta discussão iniciou-se ainda na década de 90 diante de diversos problemas ambientais vivenciados. Tais problemas corroboraram para a construção da Agenda Ambiental da UnB – AAUnB. Dentre as ações realizadas pela AAUnB, destaca-se a Campanha “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo Não aos Copos Descartáveis” a qual, desde 2007, promove ações com o intuito de fazer com que a comunidade universitária reavalie seus hábitos de consumo. Em setembro de 2009 a AAUnB, em parceria com o RU, iniciou um processo gradativo de redução dos copos descartáveis no restaurante, culminando com a eliminação total destes após um ano de ações. Diante desse contexto, o presente trabalho investigou crenças ambientais e comportamentos ecológicos de usuários do Restaurante Universitário da UnB frente à substituição dos copos descartáveis por canecas pessoais de material durável. Participaram do estudo 211 usuários do restaurante, dos quais 203 (44,3% mulheres) com média de idade de 22,72 (DP = 6,04) responderam um questionário contendo duas escalas: uma de crenças ambientais e outra de comportamento ecológico e 8 participaram de uma entrevista para identificar a percepção dos usuários a respeito da substituição dos copos descartáveis no RU. As participações foram voluntárias, anônimas e sigilosas. Os resultados revelaram uma aproximação entre as crenças ambientais e os comportamentos ecológicos. Verificou-se que 64% dos usuários acreditam que o uso da caneca diminui o impacto ambiental e a maioria (58,1%) acredita que manter a caneca higienizada quando está na UnB é fácil. Com relação aos comportamentos, 24,1% dos usuários afirmaram que sempre utilizam a caneca em outros ambientes também e, 32,5% afirmam economizar água quando higienizam suas canecas. Os resultados revelaram ainda que, apesar do apoio à campanha, ainda há pontos que devem ser melhorados como a maior participação da comunidade acadêmica nas propostas de ação, estratégias diferenciadas, melhoria nas informações e aumento da divulgação das mesmas.

**Palavras-chaves:** crenças ambientais; comportamentos ecológicos; uso de caneca; gestão ambiental de resíduos; educação ambiental.

## ABSTRACT

The University of Brasilia was formed over the years as a democratic space for open discussion. The proposal is that the academic community judge about the actions that are taken at the university, especially those that are about the quality of life at the *campi*. The implementation of a socio-environmental public policy was considered one of the discussions that stood out in the recent decades. The emergence of this discussion began in the decade of 90 faced with environmental problems experienced at the university. Those problems corroborated to the construction of the Environmental Agenda of UnB - EAUnB. Among the actions taken by EAUnB, highlighted the campaign "I'm UnB, fair play. I say no to disposable cups" which, since 2007, promotes actions in order to make the university community to reassess their spending habits. In September of 2009 the AEAUnB in partnership with the University Restaurante – UR, began a gradual process of reduction of disposable cups in the restaurant, culminating in the total elimination of these shares after one year. In front of this context, this study investigated environmental beliefs and environmental behaviors of users of the University Restaurant of UnB forward the replacement of disposable cups mugs for durable personal material. The study included 211 users of the restaurant, wich 203 (44.3% women) with mean age was 22,72 years (SD= 6,04) answered the questionnaire containing two scales: one of environmental beliefs and another of environmental behavior, and 8 participated of a interview to identify the user's perceptions about the replacement of the disposable cups at UR. The participations were voluntary, anonymous and confidential. The results revealed a rapprochement between the environmental beliefs and the environmental behaviors. I was found that 64% of de users believe that de use of the mugs decrease the environmental impact and most (58,1%) still believe that to hygienic the mugs at the University is easy. With respect the behaviors, 24,1% of the users said that ever have been using the mugs in another places out the UR and, 32,5% claim ever to economize water when wash their mugs. Furthermore, the results revealed that, despite the support for the campaign, still have points that can be better such the most participation of the academic community in the actions proposes, different strategies that can attend a major public, better information about the campaign and more divulgation of the same.

**Keywords:** environmental beliefs; environmental behavior; use of mug; environmental management of waste; environmental education.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>v</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>vii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>x</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>xi</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>xii</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>xiii</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>xiv</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 01 – CULTURA: CRENÇAS E COMPORTAMENTOS.....</b>	<b>18</b>
1.1 – Cultura.....	18
1.2 – Crenças ambientais.....	21
1.3 – Comportamentos ecológicos.....	24
<b>CAPÍTULO 02 – SOCIEDADE CONSUMISTA.....</b>	<b>28</b>
2.1 – Consumo.....	28
2.2 – Um estilo de vida consumista.....	30
2.3 – Brasília e Universidade de Brasília: palcos de grandes acontecimentos.....	31
<b>CAPÍTULO 03 – RESÍDUOS SÓLIDOS.....</b>	<b>34</b>
3.1– Panorama geral dos resíduos sólidos: Brasil, Distrito Federal e UnB.....	34
<b>CAPÍTULO 04 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>38</b>
4.1 – Educação Ambiental: iniciativas e movimentos pró ambientais.....	39
<b>CAPÍTULO 05 - AGENDA 21.....</b>	<b>42</b>
5.1 – Agenda 21 Global.....	42
5.2 – Agenda 21 Brasileira.....	43
5.3 – A3P (Agenda Ambiental da Administração Pública).....	43
5.4 – Agenda Ambiental na UnB.....	44
5.4.1 – Formação da Agenda 21 da UnB (1998 – 2001).....	44
5.4.2 – GT de Resíduos Sólidos (1999 / 2000) – principais resultados.....	46
5.4.3 – A nova organização da Comissão da Agenda Ambiental da UnB (2007 – 2009) e a criação do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB.....	48
5.4.4 – “ <i>Sou UnB, Jogo Limpo: Digo Não aos Copos Descartáveis</i> ”.....	50



<b>CAPÍTULO 06 – MÉTODO.....</b>	<b>57</b>
6.1 – Contextualização do ambiente de pesquisa.....	57
6.2 – Amostra.....	59
6.3 – Instrumentos.....	60
6.3.1 – Questionário.....	60
6.3.1.1 – Escala de Crenças Ambientais.....	61
6.3.1.2 – Escala de Comportamentos Ecológicos.....	61
6.3.1.3 – Variáveis Sociodemográficas.....	61
6.3.2 – Roteiros de entrevista.....	61
6.4 – Procedimentos.....	62
6.5 – Análise dos dados.....	65
6.5.1 – Observações, conversas informais e notas críticas.....	65
6.5.2 – Questionário.....	65
6.5.3 – Entrevistas.....	66
<b>CAPÍTULO 07 – RESULTADOS.....</b>	<b>66</b>
7.1 – Resultados das observações, conversas informais e notas críticas.....	67
7.2 – Resultados dos questionários.....	70
7.2.1 – Escala de crenças ambientais.....	71
7.2.2 – Escala de comportamento ecológico.....	75
7.2.3 – Variáveis específicas .....	77
7.3 – Resultados das entrevistas.....	78
<b>CAPÍTULO 08 – DISCUSSÃO.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>113</b>

## LISTA DE SIGLAS

A3P – Agenda Ambiental na Administração Pública  
AA – Agenda Ambiental  
CPA – Comportamento Pró-Ambiental  
CPDS – Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional.  
DAC- Decanato de Assuntos Comunitários  
DEX – Decanato de Extensão  
DF – Distrito Federal  
DP – Desvio Padrão  
DPP – Decanato de Pesquisa e Pós Graduação  
GT – Grupo de Trabalho  
GT – Grupo de Trabalho  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
JK – Juscelino Kubitschek  
Kg – Quilograma  
MMA – Ministério do Meio Ambiente  
N – número  
NAA – Núcleo da Agenda Ambiental  
NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital  
ONG – Organização Não Governamental  
PNRS – Política Nacional de Resíduos Sólidos  
PRC – Prefeitura do Campus  
RU- Restaurante Universitário  
SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
SLU – Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal  
UnB – Universidade de Brasília

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Quantidade diária de resíduos sólidos, domiciliares e/ou públicos, coletados e/ou recebidos (t/dia) por unidade de destino.....	36
Tabela 02 – Agrupamento das fontes geradoras de lixo em setores .....	68
Tabela 03 – Número de usuários portando um recipiente de material durável por refeitório..	70
Tabela 04 - Cargas fatoriais (F1, F2) e comunalidades (h2) das crenças ambientais.....	71
Tabela 05 – Média e desvio padrão por fatores das crenças ambientais.....	72
Tabela 06 – Usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental.....	73
Tabela 07 – Manter a caneca higienizada quando estou na UnB é fácil.....	73
Tabela 08 – O uso da caneca de material durável compromete a higiene.....	74
Tabela 09 – Cargas fatoriais e comunalidades das variáveis da escala de comportamento ecológico.....	75
Tabela 10 – Média e desvio padrão do fator comportamento ecológico.....	76
Tabela 11 – Compartilho a caneca com outra pessoal quando esqueço a minha.....	76
Tabela 12 – Se esqueço minha caneca utilizo um copo descartável.....	77
Tabela 13 – Sujeitos favoráveis à Campanha de substituição de copos descartáveis por canecas.....	77
Tabela 14 – Usuários que possuem a caneca pessoal de material durável.....	78
Tabela 15 – Usuários que já participaram de atividades cujo objetivo foi a proteção ambiental.....	78

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categoria 1 – Sugestões dos usuários sobre a campanha.....	69
Quadro 2: Categoria 2 – Críticas de usuários que apoiam a campanha.....	69
Quadro 3: Categoria 3 – Críticas de usuários que não apoiam a campanha.....	70
Quadro 4: Categoria 4 – Percepção quanto a substituição dos copos descartáveis por canecas no RU/UnB.....	79
Quadro 5: Categoria 5 – Pontos positivos percebidos durante o processo de substituição dos copos descartáveis por canecas.....	81
Quadro 6: Categoria 6 - Pontos negativos percebidos durante o processo de substituição dos copos descartáveis por canecas.....	82
Quadro 7: Categoria 7 - Percepção quanto às mudanças nos comportamentos dos usuários do RU, após a eliminação dos copos descartáveis.....	83
Quadro 8: Categoria 8 – Percepção quanto ao uso da caneca ou outros recipientes em outros espaços da Universidade.....	85
Quadro 9: Categoria 9 - Estratégias sugeridas para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB.....	86
Quadro 10: Categoria 10 – Crenças sobre os possíveis motivos para o RU ter adotado o uso da caneca.....	87
Quadro 11: Categoria 11 - Mudanças percebidas no próprio cotidiano quando está na Universidade, após a campanha das canecas.....	89

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Pias adaptadas e exclusivas para a higienização das canecas.....	52
Figura 02: Histórias em quadrinho com o tema resíduos sólidos coladas nas mesas do RU.....	54
Figura 03: Personagens “Canecão” “Canecona” conversando com os usuários na fila do RU.....	54
Figura 04: Cartaz menor fixado para a contagem regressiva do fim dos copos descartáveis.....	56
Figura 05: Encenação da morte dos copos descartáveis no RU.....	56
Figura 06: Fotos expostas no RU na semana em comemoração ao fim dos copos descartáveis.....	57
Figura 07: Usuário servindo-se de suco com a caneca pessoal.....	59

## INTRODUÇÃO

Dentre os mais complexos dilemas da modernidade, encontram-se as atuais, mas não tão recentes formas de degradação ambiental. Na tentativa de satisfazerem suas necessidades, os seres humanos foram modificando o meio ambiente, usufruindo de seus recursos naturais de maneira irregular e indevida, o que, ocasionalmente, vem causando grandes transformações no espaço.

O planeta tem assistido a uma devastação, exploração e destruição em massa de seus recursos naturais, exaurindo sua capacidade de regeneração natural e provocando, desta maneira, uma possível escassez destes recursos. Com o crescimento exponencial da população humana na Terra e, conseqüentemente, o aumento da produção e do consumo, os resíduos descartados têm crescido em uma proporção ainda maior, ultrapassando assim a capacidade da natureza de degradar esses rejeitos em tempo hábil, gerando conseqüente acúmulo de resíduos no meio ambiente. O individualismo tem prevalecido na sociedade contemporânea, fazendo-nos, muitas vezes, enxergar o mundo por meio de uma visão antropocêntrica, que exclui a relação ser humano/natureza como pessoa e ambiente integrados, subordinando cada vez mais nossas atitudes e comportamentos em benefício individual.

Em contraponto a esta visão, Carvalho (2008) sugere que é preciso trocar de lentes, para que, desta maneira, estas novas lentes possam dar lugar a uma relação de cooperação e inter-relação estabelecida entre ser humano/sociedade/meio ambiente e, assim, uma nova realidade composta de conexões complexas seja visualizada e vivenciada. Gadotti (2000) lembra-nos que é preciso abraçar as causas comuns, coletivamente, contra quaisquer ameaças ao equilíbrio do ambiente no qual habitamos e realizamos nossas inter-relações com o meio. Assim, qualquer intervenção objetivando contribuir para com a conservação do meio ambiente e, especialmente, da natureza e de seus recursos é necessária e indispensável para que, desta maneira, busquemos cooperação para a promoção de uma melhor qualidade de vida no Planeta.

Entender o processo de formação cultural é de extrema relevância para que possamos refletir sobre a unidade da humanidade dentro da diversidade, buscando outras perspectivas que vão além dos aspectos meramente biológicos. Há muitos anos busca-se entender os processos e diferenças comportamentais dos seres humanos. A partir de estudos sobre as culturas, pôde-se entender um pouco mais sobre esses comportamentos, por meio de certos aspectos, como valores e crenças.

No paradigma moderno, possuímos uma maneira de ver o mundo no qual sujeito e objeto encontram-se separados, e, a partir desse distanciamento, desencadearam-se inúmeras outras separações, as quais levaram a uma crise, incluindo-se aqui a “crise ambiental” que presenciamos. Para Carvalho (2008), foi esse paradigma moderno o responsável por construir uma forma diferenciada de se conhecer, ou seja, uma forma onde a natureza foi considerada como sendo apenas um objeto passivo de conhecimento pelo homem, e este último o ser supremo detentor do saber e que, portanto, possui permissão para usufruir da maneira que achar mais conveniente esta natureza.

No contexto de tal paradigma, a educação ambiental possui importante papel como meio de sensibilização dos cidadãos, visando à mobilização individual e coletiva para futuras ações. Objetivando uma sociedade mais crítica e responsável, a educação ambiental, pretende contribuir para que os cidadãos pensem antecipadamente nas suas atitudes; observem e analisem, criticamente, o seu cotidiano; e atuem ao perceberem a necessidade de intervenção ou mudança.

A educação ambiental surgiu com o movimento ecológico e com a preocupação das pessoas com o futuro e com a qualidade de vida da sociedade de hoje como também das futuras gerações. Visa construir novas maneiras de pessoas e grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente e assim, pretende ser uma prática intersubjetiva de conscientização que possa chamar a atenção para a finitude e para a má distribuição no acesso e uso dos recursos naturais. Também pretende proporcionar diálogo entre o campo educacional e o político, com os problemas ambientais e com tradições culturais, teorias e saberes que possam oferecer caminhos diferentes para o enfrentamento desta crise ambiental, em contexto local e global. No Brasil, a educação ambiental buscou construir-se dentro de uma perspectiva interdisciplinar como tema transversal, objetivando compreender as questões que envolvem os grupos humanos e seu ambiente, buscando agir a partir de uma intervenção positiva dentro desta relação.

Diante de todos esses aspectos, grupos organizados, instituições públicas ou privadas, ONGs, movimentos sociais, entre outras formas de organização social, têm abordado questões socioambientais em suas práticas, colaborando para mudanças ocorridas em inúmeras comunidades, promovendo a interação/participação da sociedade e estimulando os sujeitos a repensarem suas atitudes, inserindo informações e desenvolvendo ações no ambiente em que estes sujeitos mantêm relações de interdependência.

Acompanhado à emergência do movimento ambientalista, um importante documento, anteriormente preparado, foi discutido e aprovado durante a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1992, mais

conhecida como Rio 92 ou ECO-92. O documento referido é a chamada Agenda 21 Global – base para que cada país elaborasse seu plano de ações em prol do meio ambiente – e assim, foi criada também a Agenda 21 brasileira e a partir desta, as Agendas 21 locais, com suas diversas especificidades. A Agenda 21 brasileira, em linhas gerais, tem por objetivo redefinir o modelo de desenvolvimento do Brasil, introduzindo o conceito de sustentabilidade nos seus projetos de ação.

Com base nas Agendas 21 Globais, e antes mesmo da finalização da Agenda 21 brasileira, foi pensada a Agenda Ambiental (AA) para a Universidade de Brasília (UnB). Esta buscou interligar e mobilizar a comunidade universitária (estudantes, professores, permissionários, funcionários e freqüentadores) para uma gestão integrada, coletiva, socioambiental e sustentável nos *Campi* da Universidade.

A Agenda 21 da UnB teve início em 1998, por meio da iniciativa da Comissão da Agenda Ambiental da UnB, na época coordenada pelo Decanato de Extensão da UnB. Porém, suas ações só obtiveram continuidade até o ano de 2002. Após um período de estagnação, no início de 2007 as ações foram retomadas, agora com o nome de Agenda Ambiental da UnB e, contando com o apoio de um novo grupo de pessoas comprometidas com essa temática e compondo uma nova comissão.

A Comissão da Agenda Ambiental da UnB tem funções consultivas e deliberativas. Para o apoio da realização das ações propostas existe o Núcleo da Agenda Ambiental da UnB – NAA, organizado para ser um grupo de execução. Sediado no Decanato de Extensão da UnB, o NAA tem por missão discutir e implantar, de forma participativa e integrada, a Agenda Ambiental nos *Campi* da UnB, além de representar um ponto de convergência dos diversos projetos socioambientais atuantes na Universidade, favorecendo a interação entre eles, em um processo participativo e propositivo que envolve elaboração e desenvolvimento coletivo de projetos, ações e decisões compartilhadas.

Dentre as ações desenvolvidas pelo NAA, em parceria com os projetos a ele vinculados, destaca-se a campanha intitulada “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo não aos copos descartáveis”, juntamente a uma de suas extensões, o chamado “Dia da Caneca”. Esta campanha trabalha em uma das áreas de atuação da AA da UnB, qual seja a dos resíduos sólidos e visa à redução dos descartáveis gerados na Universidade, além de fomentar que a comunidade universitária repense seus hábitos de consumo e assuma a responsabilidade de suas ações. No Restaurante Universitário - RU, segundo o documento de “Políticas Públicas para Gestão Socioambiental Sustentável na Universidade de Brasília”, a meta era que não fossem mais fornecidos copos



descartáveis a partir do primeiro semestre de 2010. Porém, esta ação só concretizou-se no segundo semestre de 2010, devido a vários problemas vivenciados na Universidade, inclusive uma greve dos servidores.

Os resíduos sólidos e o lixo são entendidos como as sobras da sociedade capitalista resultantes do descarte do excedente da produção humana e não desejada pela maioria da população. Segundo Zaneti e Mourão (2002), a geração desses resíduos, em geral, tem aumentado nos últimos 40 anos devido, principalmente, às embalagens não recicláveis de produtos, aos hábitos alimentares cada vez mais artificializados, aos utensílios descartáveis, entre outros. Considerando estes aspectos, a campanha “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo não aos copos descartáveis” pretendeu trabalhar baseada na gestão dos resíduos sólidos e, de forma a contribuir para a conscientização da comunidade acadêmica em prol da sustentabilidade nos *Campi*, elabora atividades de educação ambiental para a diminuição dos resíduos gerados na Universidade.

Diante do exposto, o presente trabalho teve por objetivo geral **“Investigar crenças ambientais e comportamentos ecológicos de usuários frente à retirada dos copos descartáveis do Restaurante Universitário - RU da Universidade de Brasília – UnB.”** Como objetivos específicos, pretendeu **identificar aspectos favoráveis à eliminação dos copos descartáveis, na percepção dos usuários do RU e identificar aspectos desfavoráveis à eliminação dos copos descartáveis, na percepção dos usuários do RU.**

# CAPÍTULO 1

## CULTURA: CRENÇAS E COMPORTAMENTOS

### 1.1 Cultura

A noção de cultura é importante para que se reflita sobre a unidade da humanidade dentro da sua vasta diversidade, indo muito além dos aspectos meramente biológicos. Desde a Antiguidade é muito comum verificar a tentativa de se explicar diferenças de comportamento entre os seres humanos, particularmente a partir de seus ambientes físicos. Muitas foram as afirmações de descrições de comportamentos feitas por geógrafos no final do século XIX, estudiosos, e até mesmo viajantes, a partir de uma origem geológica. Porém, ao longo da história, percebeu-se que tanto o determinismo geológico como o determinismo biológico não foram capazes de caracterizar ou mesmo determinar a cultura de um ser ou um povo. O estudo das culturas procura responder as questões relacionadas às complexas diferenças entre os povos, considerando que os aspectos meramente genéticos, fenotípicos ou geológicos não conseguiram. (Laraia, 2009; Cuche, 2002) Segundo Corral-Verdugo (2005), “As visões culturais também afetam as noções leigas das relações humano-ambiente.” (p.80)

Hoje os antropólogos já estão convencidos de que as diferenças genéticas não podem ser determinantes das diferenças culturais das pessoas. Antropólogos como Boas e Wissler refutaram a idéia desta corrente determinista, demonstrando que existe certa limitação na influência destes fatos geológicos na formação da cultura. Diferenças que, inicialmente, parecem estar conectadas apenas às variações genéticas ou geográficas, por exemplo, são apropriadas pela cultura, e assim poderão representar uma gama de comportamentos diferenciados em grupos diversos. Entende-se a partir de então que os comportamentos são orientados pela cultura. (Laraia, 2009; Cuche, 2002)

O processo de hominização começou há mais ou menos 15 milhões de anos e consistiu, basicamente, na transição da adaptação genética ao meio ambiente natural onde viviam, para uma adaptação cultural. O *Homo sapiens* é resultado desta evolução, considerando-se assim que o ser humano é essencialmente cultura (Cuche, 2002). Compreende-se então que a cultura não apenas permite ao homem que se adapte ao seu meio, mas, também, que este homem possa influenciar e, deste modo, adaptá-lo como possa lhe convir, de acordo com suas necessidades e objetivos. Sendo assim, a cultura possibilita a transformação da natureza, ação esta possível por meio das ações comportamentais humanas.

Cultura está entre as palavras de significado mais complexo de nosso vocabulário. Segundo Eagleton (2005), etimologicamente falando, o conceito de cultura é derivado do conceito de natureza e um de seus significados originais vem de “lavoura” ou mesmo “cultivo agrícola” – cultivo daquilo que cresce naturalmente. Cuche (2002) apresenta uma definição parecida com a elaborada por Eagleton, destacando que a palavra cultura, vinda do latim, significa um cuidado dispensado ao campo ou mesmo ao gado e, já no final do século XIII, aparece para dar nome a uma parcela de terra que é cultivada.

Segundo Cuche (2002), o conceito de cultura emerge em um contexto de discussão entre a valorização e o privilégio dado à unidade, minimizando a diversidade; ou, pelo contrário, privilegiando a diversidade, mas procurando demonstrar que ela não é contraditória à unidade. O conceito de cultura então surge como um instrumento para pensar e discutir as diferentes respostas possíveis para estas questões. Para este autor, a cultura pode e deve ser transmitida de geração para geração. Porém, não é algo que possa ser transmitido imutavelmente, visto que, por ser um processo de produção histórica, implica que seja construída na história, pelos personagens desta história e, mais precisamente, nas relações dos grupos sociais. Ainda segundo Cuche (2002), “as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais” (p.143). Deste modo, existe sempre uma hierarquia cultural entre culturas, o que resulta em uma hierarquia social. Se não aceitarmos que existe essa hierarquia entre as culturas, teríamos também que acreditar que as culturas são independentes entre si, ou seja, que não se relacionam e que não se influenciam mutuamente.

De acordo com Geertz (1989), o caráter assumido por cultura é essencialmente semiótico, sendo considerada então como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Assim como Max Weber – o qual acredita que o homem é um animal amarrado em teias de significados tecidas por ele mesmo – para Geertz, a cultura também se compõe de tais teias, porém acrescidas de suas análises, ou seja, “uma ciência interpretativa, à procura do significado” (p.4). Segundo Geertz (1989), a escola chamada diversamente de etnociência, análise componencial ou antropologia cognitiva, afirma que a cultura “[...] é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento” (p.8). Ainda de acordo com este autor, a cultura é um sistema simbólico e, desta maneira, suas partes não podem ser examinadas apenas separadamente. Seus elementos podem sim ser isolados para estudos, porém, as relações internas destes devem ser especificadas, caracterizando assim todo o sistema de uma forma integral. É por meio do “[...]”

fluxo do comportamento – ou mais precisamente da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (p.12).

Segundo Geertz, a cultura não é um poder, ou seja, não é algo onde podem ser atribuídos casualmente acontecimento sociais ou mesmo comportamentos, instituições ou processos. Ela é na verdade um contexto dentro do qual estes elementos podem ser descritos de maneira inteligível. Para ele é por meio do fluxo de comportamento, ou seja, da ação social, que as formas culturais são articuladas. Os sistemas culturais devem ter um grau mínimo de coerência, ou senão não seriam chamados “sistemas”.

Laraia (2009), por sua vez, afirma que, inicialmente, as teorias difundidas por alguns neoevolucionistas consideraram a cultura como um sistema simplesmente adaptativo. Segundo o autor, apesar das divergências, tais estudiosos concordavam em suas teorias em muitos aspectos, sendo um desses aspectos que “Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos.” (p.59). Para Laraia (2009) um conceito definido e exato de cultura provavelmente nunca existirá, visto que este fato significaria a própria compreensão da natureza humana, entendido pelo autor como um tema de perene reflexão.

Laraia (2009) acredita que nossa herança cultural, desenvolvida durante várias gerações, nos leva a reagir negativamente aos comportamentos daqueles cujas ações estão fora dos padrões comuns aceitos pela maioria da comunidade. Segundo o autor, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.” (p.68). E é por este fator que, indivíduos de uma mesma cultura podem ser identificados devido ao seu modo de falar, vestir, andar, seu gosto alimentar, entre outros elementos. Mesmo comportamentos humanos considerados fisiológicos, como o riso, são condicionados e diferenciados por meio da cultura. A diferenciação poderá acarretar em discriminações, como é o caso do etnocentrismo, visão pela qual o indivíduo enxerga sua cultura, o seu modo de vida, como sendo o mais correto e natural. O etnocentrismo é considerado um fenômeno universal, sendo então comum a crença entre os humanos de que “[...] a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão.” (p.73), crença esta que, muitas vezes, pode gerar comportamentos antropocêntricos com relação, inclusive, à natureza.

## 1.2 Crenças ambientais

Segundo Rokeach (1981) durante muito tempo não conseguiu-se chegar a um consenso entre os estudiosos sobre o que queremos dizer ao falarmos sobre os conceitos de crenças, atitudes e valores e quais são as reais diferenças existentes entre estes três conceitos. Para ele,

Nós, algumas vezes, empregamos estes e conceitos similares no singular e, algumas vezes, no plural, como se ainda não tivéssemos aprendido como enumerá-los e tendemos a empregá-los arbitrariamente e de forma permutável. (Rokeach, 1981, p.1).

Desta forma, a definição do conceito de crença ainda hoje varia entre os estudiosos dessa temática. Para Corral-Verdugo (2001, *apud* Pato, 2004), crenças são entendidas como sendo a associação de situações do sujeito, tendo como base o grupo social e o contexto cultural no qual está inserido, ou mesmo suas próprias experiências pessoais, dentro de sistemas relacionais onde acontecem tais associações. Rokeach (1981), por sua vez, afirma que crença pode ser considerada como sendo qualquer proposição simples, consciente ou inconsciente, inferida a partir do que uma pessoa diz ou faz e que, além disso, seja capaz de ser precedida da frase

Eu creio que.... O conteúdo de uma crença pode descrever o objeto de crença como verdadeiro ou falso, correto ou incorreto; avaliá-lo como bom ou ruim; ou advogar um certo curso de ação ou estado de existência como sendo desejável ou indesejável. (Rokeach, 1981, p.92)

O número total de crenças que uma pessoa adulta possui, em geral, é muito grande. Na idade adulta, o ser humano, possivelmente, pode chegar a possuir centenas de milhares delas sobre os mais diversos temas. Acredita-se que as crenças, de certa forma, estejam organizadas de alguma maneira em sistemas arquetônicos, com propriedades estruturais descritíveis e mensuráveis e que possuem, por conseguinte, comportamentos que podem ser observáveis.

Segundo Rokeach (1981), as crenças não são diretamente observáveis, mas sim inferidas da melhor forma possível. O autor inicia sua análise com três suposições simples: A **primeira** é que “[...] nem todas as crenças são igualmente importantes para o indivíduo [...] e variam ao longo de uma dimensão periférica-central.” (p.2) A **segunda** suposição é que “[...] quanto mais central uma crença, tanto mais resistirá à mudança.” (p.2) E, por fim, a **terceira**, diretamente relacionada à segunda suposição, é que “[...] quanto mais central for a crença que mudou, tanto mais difundidas as repercussões no resto do sistema de crenças.” (p.3).

Rokeach (1981) definiu a importância das crenças, apenas para fins de encadeamento lógico. Segundo ele, quanto mais uma crença é funcionalmente ligada ou encontra-se em

comunicação com outras, maiores consequências e implicações trarão para outras crenças e, assim, conseqüentemente, para a crença considerada mais central. Dentro do sistema de crenças, as crenças primitivas são consideradas as mais centrais, ou seja, são mais difíceis de serem modificadas, enquanto as secundárias seriam mais fáceis de serem modificadas, visto que sofrem a influência das crenças primitivas.

As crenças, as atitudes e os valores são organizados de maneira a formar uma estrutura cognitiva funcional integrada. Caso ocorra qualquer alteração em alguns destes, os demais sofrerão algum impacto. Este autor ainda considera que as crenças não existem de maneira isolada, ou seja, são estruturadas dentro de um sistema das crenças da pessoa de acordo com a sua realidade física e social.

A origem das crenças no sujeito está relacionada a alguns fatores como a relação direta estabelecida com o objeto da crença, contato com crenças de outras pessoas ou grupos, entre outros fatores. Desta forma, as crenças podem ser classificadas como: **crenças primitivas**, ou seja, aquelas que se desenvolvem a partir do contato direto com o objeto de crença. As crenças primitivas podem estar em consenso ou não com outras pessoas ou grupos; **crenças de autoridade**, sendo estas dependentes das experiências de aprendizagem dentro do contexto da estrutura social da pessoa como a família, a classe, os grupos de iguais, os grupos étnicos, os grupos político e religioso e o país, levando-se em conta as autoridades existentes nestes meios; **crenças derivadas**, ou seja, acreditar na credibilidade de uma autoridade específica implica na aceitação de outras crenças vistas como provenientes de tal autoridade (a pessoa não possui contato direto com o objeto de crença); **crenças inconsequentes**, representam questões de gosto mais ou menos arbitrárias, sendo consideradas inconsequentes por ter pouca ou nenhuma ligação com outras crenças. (Rokeach, 1981)

Em resumo, um sistema total de crenças de uma pessoa engloba tanto crenças inconsequentes quanto crenças derivadas, crenças pré-ideológicas sobre uma autoridade específica e crenças primitivas pré-ideológicas, compartilhadas ou não socialmente. Essas crenças são formadas e desenvolvidas cedo na vida da criança. Primeiramente são aprendidas no contexto das interações com os pais e, à medida que vai crescendo e se desenvolvendo,

[...] a criança aprende que há certas crenças em que, geralmente, todos os outros acreditam, outras crenças que são verdadeiras para ela, mesmo se ninguém mais acredita nelas, outras crenças importantes nas quais os homens diferem e outras que são questões arbitrárias de gosto. (Rokeach, 1981, p.9)

Em um estudo realizado por Rokeach em colaboração com Albert Zavala, foi verificada a resistência para mudança, o consenso social e a intensidade das crenças que variam em sua

centralidade. Foram empregados três tipos de crenças e, de acordo com os resultados obtidos no estudo, verificou-se que as crenças primitivas foram classificadas como mais altas quando relacionadas à resistência a mudanças. A maioria dos entrevistados aderiu às crenças do Tipo A (crenças primitivas verificáveis) com intensidade absoluta. Um número considerado relativamente pequeno de sujeitos aderiu com intensidade absoluta às crenças derivadas. Segundo o pesquisador,

Mais profundamente mantidas e possivelmente mais resistentes à mudança estão aquelas crenças que todos os homens compartilham entre si e que, raramente, caem em discussão ou controvérsia, isto é, as crenças do Tipo A. (Rokeach, 1981, p.13).

Dentro do contexto sobre as crenças, surgiu o conceito de crenças ambientais. As crenças ambientais, segundo Pato (2004), podem ser classificadas em dois tipos: O primeiro tipo são as **crenças ecocêntricas**, caracterizadas pela preocupação com o meio ambiente e pela interdependência entre homem/meio-ambiente. Os favoráveis a este tipo de crenças apresentam uma visão de mundo sistêmica, onde homem e meio ambiente estão integrados. Além disso, acreditam que a natureza é afetada pelas ações humanas e, por esse fator, refletem uma preocupação maior com o meio ambiente e maior predisposição a agir em favor dele do que aquelas pessoas mais favoráveis às crenças antropocêntricas. O segundo tipo são as **crenças antropocêntricas**, a qual reflete em comportamentos caracterizados pela utilização do meio ambiente apenas como um instrumento para se conseguir conforto e maior qualidade de vida. Os aderentes a este tipo de crenças apresentam uma visão de domínio do homem sobre a natureza e não percebem o homem como parte do meio ambiente, sendo estes considerados distintos e interdependentes.

Com base na literatura, crenças ambientais são consideradas como sendo antecedentes às atitudes e aos comportamentos ecológicos, porém este último ainda não possui uma definição única e comum a todos. O conceito de crenças ambientais, segundo Pato (2004) é importante para que se compreenda a maneira como as pessoas se comportam em relação ao meio ambiente. Suas ações neste meio, de certa maneira, estão relacionadas ao que as pessoas pensam a respeito de tal comportamento. Se a pessoa acredita que o que está fazendo não é algo ofensivo ao meio ambiente, por exemplo, então ela o fará, sem desconfiar que na verdade está contribuindo para sua degradação. Desta maneira, as crenças ambientais podem indicar a predisposição das pessoas em agirem mais ou menos ecologicamente. (Pato, 2004)

De acordo com Corral-Verdugo (2005), as sociedades ocidentais demonstram certo dualismo em seu pensamento a respeito do papel dos seres humanos sobre natureza, enquanto

as culturas tradicionais não ocidentais tendem a um pensamento mais holístico sobre esta relação. Percebe-se que em muitas culturas ocidentais, não há uma característica que se acentua em apenas um dos tipos de crença. Ao mesmo tempo em que se verifica a predominância de um certo tipo de crenças, há uma presença também marcante do outro tipo, e por isso, tal cultura não poderia ser caracterizada como sendo essencialmente uma cultura com características antropocêntricas ou ecocêntricas.

De acordo Aguilar-Luzón e colaboradores (2006), os estudos realizados por Stern e colaboradores chegaram a um modelo sobre valores, normas e crenças sobre o meio ambiente, o qual propõe que o comportamento ecológico pode ser explicado a partir dos valores, crenças gerais sobre o meio ambiente, o grau de conscientização, responsabilidade e as norma pessoal ou moral, sendo que esta última é considerada pelo modelo proposto como sendo determinante direto do comportamento.

### **1.3 Comportamento ecológico**

O comportamento humano tem sido objeto de estudo de diversas áreas, inclusive da psicologia. O comportamento ecológico, por sua vez, vindo sendo estudado, especificamente, por uma área da psicologia chamada de psicologia ambiental. A psicologia ambiental investiga tanto o modo como como os aspectos sociais e físicos do ambiente influenciam o comportamento das pessoas e como as ações dessas influenciam seus entornos. O objeto da psicologia ambiental, desta forma, pode ser considerado como sendo a influência mútua de fatores ambientais/comportamentais, ao tentar focalizar determinados problemas específicos e suas possíveis soluções.

A psicologia ambiental surgiu como uma área aplicada da psicologia, cujo objetivo foi propiciar possíveis soluções de problemas que dizem respeito às interações existentes entre ambiente e comportamento. Segundo Corral-Verdugo (2005) duas abordagens que dominaram a área de estudos da psicologia ambiental, ainda hoje prevalecem na maioria dos estudos. A primeira das abordagens privilegiou o estudo dos efeitos ambientais sobre o comportamento humano. Já a segunda, incumbiu-se dos estudos referentes a como e porquê o comportamento humano afeta o ambiente. Esta última, segundo o autor, incluiu as pesquisas que dizem respeito a temáticas como: conservação e comportamento sustentável, crenças ambientais, valores, personalidade e capacidades, entre outros, e a investigação da associação entre variáveis demográficas e comportamento ambientalmente relevante.



De acordo com Corral-Verdugo (1999), durante as últimas décadas, o comportamento pró-ambiental – CPA tem sido um dos objetos de estudo que tem despertado maior interesse entre os pesquisadores da psicologia ambiental. Graças aos estudos realizados, tem sido possível levantar condições e características pessoais dos indivíduos que demonstram responsabilidade ambiental. O mesmo autor ainda coloca que trabalhos realizados por estudiosos da área como Borden e Schettino (1979), Hines, Hungerford e Tomera (1987) e Schahn e Holzer (1990) apontam que “[...] as pessoas mais propensas a cuidar de seu entorno são aquelas com conhecimento, atitudes favoráveis, motivadas, hábeis, com locus de controle interno, responsáveis e com crenças pró-ambientais.” (Corral-Verdugo, 1999, p.8). Nesta afirmação destaca-se a importância das crenças pró-ambientais na escolha dos comportamentos a serem realizados pelos indivíduos.

O comportamento humano afeta o ambiente físico de modo que a interação humano / comportamento tenha implicações sobre o status da dimensão químico-física da realidade. Nossas ações produziram mudanças significativas em diversos espaços ambientais, tais como: na composição da atmosfera, nos solos e florestas, na qualidade e na disponibilidade da água, nos recursos naturais e na biodiversidade dos seres-vivos. Desta forma, grande parte da investigação psicossocial realizada sobre comportamentos ambientais tem se voltado para a análise de alguns determinantes sobre o comportamento ecologicamente responsável como a redução da geração de resíduos, a conservação de energia, entre outros. (Corral-Verdugo, 2005; Aguilar-Luzón e colaboradores, 2006)

Carvalho (2008) diferencia atitude de comportamento ao afirmar que a primeira é uma predisposição para que um indivíduo se comporte de determinada maneira, enquanto comportamentos são ações observáveis que podem ou não estar de acordo com as atitudes deste mesmo indivíduo.

Os primeiros estudos realizados sobre comportamento pró-ambiental tiveram ou natureza experimental ou naturalista. Os behavioristas foram os principais responsáveis pela realização dos estudos experimentais, nos quais se pretendia incrementar a probabilidade de ocorrência de condutas pró-ambientais através de seu reforçamento. Porém, com base nos delineamentos observados a partir dos resultados dessas pesquisas, percebeu-se pelo menos dois inconvenientes: o número limitado de determinantes do CPA estudado (visto que os behavioristas interessavam-se mais nos aspectos motivacionais do comportamento pró-ecológico do que nas outras variáveis, do tipo disposicional ou situacional) e a dependência dos sujeitos de controles externos ao comportamento. Desta forma, os experimentos

realizados não tiveram grande utilidade prática. Enquanto os behavioristas concentraram sua atenção no controle dos fatores externos ao comportamento, os cognitivistas, por sua vez, ocuparam-se em estudar as variáveis internas dos indivíduos, as quais os conduziam ao CPA. Utilizando-se da estratégia de observação, os psicólogos cognitivistas concentraram-se na relação existente entre a conduta ambientalmente responsável e certas características psicológicas dos indivíduos, como: atitudes, conhecimentos e personalidade. (Corral-Verdugo, 1999)

No entanto, segundo Aguilar-Luzón e colaboradores (2006), apesar da extensa gama de estudos sobre a relação entre atitudes e o comportamento ecológico, as suas correlações tem sido, muitas vezes, moderadas. Para os autores, ter uma atitude favorável para a conservação ambiental, não assegura que o indivíduo terá com certeza comportamentos ecologicamente responsáveis.

Alguns autores apontam razões diferentes para explicar tal impasse existente na relação atitude/comportamento e, suas explicações, se diferem tanto em caráter metodológico quanto teórico. Diversos autores apontam para a necessidade de se estudar outras variáveis que possivelmente também influenciam (diretamente ou indiretamente) no comportamento ecológico, e que poderiam assim diminuir as baixas relações encontradas entre atitude e comportamento em algumas pesquisas. Entre as variáveis sugeridas para estudos, destaca-se: os valores ambientais, o conhecimento ambiental e as crenças ou as normas morais. (Aguilar-Luzón e colaboradores, 2006). Porém, cabe acrescentar que esta opinião dos autores não é consenso entre os pesquisadores.

Na década de 80, os estudos de cunho experimental diminuíram e as pesquisas do tipo correlacional aumentaram. Uma das características importantes dessa mudança não foi o predomínio da postura cognitivista sobre a behaviorista, mas sim a inclusão de variáveis de natureza comportamental e cognitiva nos modelos submetidos às análises. Incorporaram-se também mais variáveis preditivas aos modelos em estudo, fossem estes cognitivistas ou behavioristas. Além disso, o estudo de fatores demográficos foram incluídos, revelando, por exemplo, que os indivíduos jovens são considerados sutilmente mais responsáveis com o meio-ambiente do que os mais velhos, aqueles que possuem maior renda revelam níveis mais elevados de CPA e, indivíduos com maior nível de instrução tendem a ser mais pró-ecológicos. Porém, segundo alguns estudos realizados por Hines, Hungerford & Tomera (1987) apontam que essas influências das variáveis demográficas sobre o CPA são praticamente insignificantes. As variáveis situacionais como a pressão social para o cuidado

com o ambiente, também foram levadas em consideração nestes estudos, sendo a partir de então, mais profundamente analisadas. (Corral-Verdugo, 1999)

De acordo com Aguilar-Luzón e colaboradores (2006), há muito tempo vem surgindo diferentes modelos que buscam explicar o comportamento ecológico, incluindo também suas variáveis. No entanto, para o autor, um dos estudos que merecem destaque foi o “[...] Modelo del valor, las normas y las creencias hacia el medio ambiente (V-N-C)” (p.23), elaborado por Stern, Dietz, Abel, Guagnano e Kalof (1999) e Stern (2000). Segundo o autor,

Este modelo parte de la concepción tradicional de los valores como variables que “actúan guiando la acción y el desarrollo de las actitudes hacia los objetos y las situaciones” (Rokeach, 1968, p.160). Asienta su bases, por una parte, en el modelo de Influencia Normativa sobre Altruismo planteado por Schwartz (1977), en el que se trata de explicar el mecanismo que lleva a las personas a actuar de manera altruista, y que también se ha aplicado con frecuencia al estudio de la conducta ambiental (García-Mira y Real-Deus, 2001). (Aguilar-Luzón e colaboradores 2006, p.24)

Aguilar-Luzón e colaboradores (2006) afirmam ainda que o modelo sugerido por Stern e colaboradores (2000) demonstra que as variáveis que influenciam em maior ou menor grau os comportamentos ambientais poderiam ser agrupadas em quatro tipos: O primeiro tipo seria sobre os fatores atitudinais (ex: predição geral sobre o comportamento); o segundo sobre os fatores situacionais (ex: pressão social); o terceiro sobre os fatores individuais (ex: variáveis sociodemográficas relacionadas com o conhecimento e a autoeficácia); e, por último, o quarto tipo seria o hábito (comportamentos elaborados automaticamente), considerado pelo autor como sendo um preditor do comportamento ecológico.

Corral-Verdugo (2005) afirma ainda que as diferenças culturais e as especificidades dos problemas sociais e ambientais vivenciados por cada uma destas culturas geram explicações particulares sobre o comportamento humano em cada uma.

Em relação ao comportamento ecológico, especificamente, inúmeros estudos, apesar de ainda bastante recentes, já apontam para antecedentes deste tipo de comportamento, destacando-se entre eles: as crenças, os valores, as atitudes, a preocupação ambiental, a percepção de risco, as condições ambientais e os estilos de vida, sendo todos estes de relevante significação para a construção e entendimento deste conceito. (Pato, 2004)

Segundo Pato (2004) se os valores forem tomados como sendo o centro da cultura (Hofstede, 1994), pode-se também considerar que os valores são antecedentes de comportamento e, portanto, antecedentes dos comportamentos ecológicos. Ao se compreender aspectos pessoais e culturais que estão relacionados às ações pró e contra o meio ambiente, poder-se-á obter um melhor esclarecimento a respeito da problemática ambiental vigente.

Para a pesquisadora, nem sempre a relação entre os valores e o comportamento ecológico é direta, podendo-se ter mediação de outras variáveis, como, as crenças, o gênero, o nível de escolaridade, a área de atuação. A variável crença ambiental, especificamente, quando introduzida no modelo de estudo, pode vir a contribuir para a identificação das crenças que estão mais ou daquelas que se encontram menos associadas ao comportamento ecológico do indivíduo. Essa relação existente entre os valores, as atitudes e os comportamento é bastante complexa e, há muito tempo, vem sendo objeto de pesquisa dentro da psicologia.

## **CAPÍTULO 02**

### **SOCIEDADE CONSUMISTA**

#### **2.1 Consumo**

O consumo tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, principalmente dentro das ciências sociais, destacando-se em estudos históricos tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. No entanto, esse interesse também foi fruto de uma troca interdisciplinar, a qual aproximou pesquisadores de diversas áreas como antropólogos, educadores, ambientalistas e psicólogos, entre outros, considerando-se que, durante muito tempo, o interesse foi quase que exclusivo dos profissionais de publicidade e marketing.

As ciências sociais e os historiadores intensificaram seus estudos, tornando-os conhecidos ao final da década de 1970 e início da década de 1980. Novas interpretações a respeito da historiografia referente à Revolução Industrial foram em parte as principais responsáveis por tudo isso. Aqui no Brasil, tal tema ainda desperta bastante suspeita, apesar do crescente interesse observado nos últimos três anos. (Barbosa e Campbell, 2006)

De acordo com Barbosa e Campbell (2006), todo membro de uma sociedade é consumidor ativo de bens e serviços. No entanto, nem todos podem ser considerados parte do processo produtivo, como, por exemplo, alguns doentes, crianças, estudantes em tempo integral, aposentados, entre outros. Estes não geram riqueza do ponto de vista econômico.

Observa-se que nas sociedades contemporâneas o valor do trabalho é moralmente muito superior ao atribuído ao consumo, visto que este último é considerado “[...] uma alienação, falta ou perda de autenticidade e um processo individualista e desagregador.” (Barbosa e Campbell, 2006, p.21) As pessoas, em geral, não sentem culpa pelo trabalho que realizam. O mesmo não se pode dizer a respeito do consumo. As pessoas sentem, em diversas ocasiões,

certa culpa daquilo que consomem, especialmente quando os bens consumidos são considerados supérfluos.

Consumo pode ter diferentes significados. Pode ser entendido tanto como uso ou experiência; tanto como o próprio ato de comprar; e, ainda, como exaustão ou esgotamento de algo (por exemplo, quando se usa indevidamente bens naturais e esses estão sujeitos ao esgotamento). No senso comum, o consumo é ligado apenas a ideia da aquisição de algo novo.

De acordo com (Barbosa e Campbell, 2006), “[...] do ponto de vista empírico, toda e qualquer sociedade faz uso do universo material a sua volta para se reproduzir física e socialmente.” (p.22) E, os bens e serviços utilizados para nos reproduzir física e socialmente também contribuem para a descoberta ou constituição da subjetividade e identidade individual e até mesmo social.

O consumo é um campo de investigação demasiadamente complexo, visto que engloba não só diversas atividades, como um número considerável de atores e um conjunto elaborado de bens e serviços. Segundo Barbosa e Campbell (2006),

Existem várias outras fontes provedoras de serviços e produtos que não são consideradas pela maioria dos estudiosos da área como da esfera do consumo, mas que são absolutamente fundamentais nesse processo. Por exemplo, o Estado, enquanto instituição e entidade política, provê um conjunto de serviços, tecnicamente chamados de serviços de “consumo coletivo”, que são pouco estudados por antropólogos e sociólogos dedicados ao fenômeno urbano. (p.25)

Desta forma, o consumo envolve também outras formas de compreensão que não podem ser restringidas apenas aquelas concebidas tradicionalmente, ou seja, de compra e venda de mercadorias.

Necessidades básicas, a partir de um ponto de vista cultural, são aquelas consideradas legítimas e cujo seu consumo não suscita culpa, visto serem justificadas moralmente. No entanto, as necessidades consideradas supérfluas são totalmente dispensáveis e, em geral, estão associadas ao excesso e ao desejo. Seu consumo não é considerado legítimo e, por isso, requerem-se justificativas para que os consumidores sintam menos culpa. Todo esse consumismo exacerbado contraria o pressuposto da racionalidade econômica na aquisição de novos bens. O que estes argumentos indicam é a existência de um eixo supostamente compensatório onde diversos valores moralmente legítimos, como trabalho, dedicação, senso de economia, oportunidade, entre outros, possam neutralizar a falta da legitimidade de uma compra considerada supérflua. (Barbosa e Campbell, 2006)

## 2.2 Um estilo de vida consumista

O *american way of life*, pós Segunda Guerra Mundial, foi derivado tanto do resultado da produtividade da economia dos Estados Unidos quanto da amplitude da riqueza dos recursos naturais. Em 1950, os EUA contavam com cerca de 150 milhões de habitantes e pareciam destinados a um padrão de vida bastante elevado, uma moeda nacional sólida, além de uma predisposição para liderar economicamente e culturalmente o mundo. No entanto, a história não é feita apenas de acontecimentos lineares e estáveis, muito pelo contrário. Os Estados Unidos, aos poucos, foram se deteriorando, não somente no setor econômico, como também seu meio ambiente e, concomitantemente, elevavam os seus gastos militares em função de outros fatos como a Guerra Fria e a corrida espacial. A partir da década de 1960 a balança comercial iniciou uma nova era deficitária que perdurou durante anos. Durante os oito anos do governo de Bush os déficits externo e fiscal aumentaram, e fizeram crescer as dívidas interna e externa. Os EUA só não declinaram de vez porque o dólar possui uma aceitação universal, o que permite ao país a emissão de moedas e títulos que poderão ser adquiridos por outros países. O que a realidade tem mostrado é que o povo americano e o setor público do país vêm sendo financiados pelo restante do mundo, e assim, mantém seu alto padrão de consumo e, além disso, uma grande pegada ecológica <sup>1</sup>. Ou seja, de maneira indireta (ou direta) estamos todos contribuindo para o sustento de um elevado padrão de consumo que está destruindo o meio ambiente. (Alves, 2010)

O Brasil, de acordo com Ribeiro (1995), já nasce como civilização urbana. Civilização esta separada em conteúdos rurais e citadinos, com suas distintas funções, porém complementares e comandadas por certos grupos eruditos da cidade. No desenvolver dos séculos, as cidades foram crescendo e se tornaram grandiosos centros de vida urbana. A abolição da escravatura, em 1888, proporcionou certa mobilidade aos negros, que aos poucos foram povoando cidades do Rio de Janeiro e da Bahia de núcleos chamados africanos, que com o tempo configuraram-se nas favelas que vemos hoje. Mesmo possuindo um poder de compra baixo, esses escravos representavam parte da população consumista ativa, que agora necessitava arranjar meios para conseguir dinheiro que garantissem sua sobrevivência.

Outro fator também influente no povoamento e crescimento urbano e econômico do Brasil foi a crise de desemprego que ocorreu na Europa na passagem do século XIX para o século XX, a qual fez com que cerca de 7 milhões de europeus viessem para nossas terras.

---

<sup>1</sup> Termo usado na ecologia como indicador de sustentabilidade.

Grande parte deles se fixou definitivamente no Brasil, principalmente na cidade de São Paulo, onde puderam reconstruir suas vidas e influenciar todo o sistema econômico local da época, dando o primeiro grande impulso de industrialização, mais tarde se expandindo para a industrialização substitutiva de importações. (Ribeiro, 1995)

Hoje prevalece no Brasil um grandioso sistema de comunicação de massa que modula as pessoas, impondo-lhes padrões de consumo e desejabilidades inalcançáveis. Os novos comportamentos relacionados ao consumo vieram acompanhados da promoção de novos estilos de vida e de campanhas de marketing, os quais tinham como referência o modo de vida norte-americano e a participação intensa das mais altas esferas governamentais na construção dessa sociedade. (Ribeiro, 1995; Barbosa e Campbell, 2006)

As pessoas foram e, ainda são, alvo de um bombardeio de informações advindas tanto de rádios e televisões como da própria internet, surgida mais recentemente, mas com tanto ou maior influência na sociedade. Esses meios de comunicação invasivos pregam informações “social e moralmente irresponsáveis, para as quais é bom o que mais vende, refrigerantes ou sabonetes” (Ribeiro, 1995, p.89) sem ao menos preocuparem-se com as infinitas opiniões que estão sendo formadas e o desarranjo da ética, dos valores, das crenças e das atitudes de todas essas pessoas que estão sendo influenciadas.

### **2.3 Brasília e Universidade de Brasília: palcos de grandes acontecimentos**

O final do século XIX data, entre outros fatos marcantes, a origem da expansão industrial brasileira, com a instalação e ampliação de indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis, como as indústrias têxtil e alimentícia. Durante a década de 30, com a crise econômica e política, uma nova proposta de desenvolvimento, baseada no fortalecimento do processo de industrialização, tem no governo getulista a transformação desta proposta em um projeto nacional de desenvolvimento. A partir da década de 30, a ação do Estado na economia foi fundamental, criando-se as bases para a aceleração industrial. Este processo foi gradual, pois era baseado na proteção do mercado nacional. (Anjos, 2002)

O governo do presidente Juscelino Kubitschek – JK foi marcado pela rápida industrialização, pela construção de Brasília e ainda pela crescente urbanização. Apesar destes fatos ditos positivos, aumentaram-se as dívidas externas, a inflação cresceu, diminuindo assim o poder de compra da população – fato este que levou a diversos reajustes no salário mínimo. Sua base era composta por empresas nacionais, pelo capital internacional e por empresas multinacionais. A cada uma das partes desta base foi designada uma atribuição: às empresas

nacionais, mercadorias de consumo básico, ou seja, os considerados bens de consumo não duráveis; ao capital internacional, o financiamento da maior parte das obras de infra-estrutura; e, às empresas multinacionais, o pólo industrial de bens de consumo duráveis. Atraídos pelas facilidades fiscais, e pela prosperidade de uma gama de novos consumidores, grandes empresas como a Ford e a Volkswagen se instalaram no Brasil, concentrando-se principalmente no ABC paulista<sup>2</sup>. Apesar do empenho dos economistas, a onda desenvolvimentista não chegou à área rural, permanecendo assim a concentração de grandes propriedades latifundiárias. (Moreira, 2005; Delgado, 2006)

O slogan de sua campanha presidencial “Cinqüenta anos em cinco” propunha como idéia central o planejamento econômico e investimentos públicos e privados em setores corretos da economia, de acordo com a visão econômica da época e, desta maneira, acreditava-se ser possível uma rápida industrialização do país em apenas cinco anos. Este projeto de JK ficou conhecido como nacional desenvolvimentista – considerado mais desenvolvimentista do que nacional – e, baseou-se no Plano de Metas, o qual se concentrou em setores como: energia, transporte, alimentação, indústria de base e educação. A construção da nova capital do Brasil só foi incorporada ao seu programa durante sua campanha presidencial, mas logo se transformou em umas das suas principais prioridades. Apesar da Constituição de 1946, em vigor na época, já fazer referência à mudança da capital, a idéia ainda não era levada tão a sério, visto que muitos acreditavam ser impossível o nascimento de uma nova cidade no Centro-Oeste do Brasil, região ainda habitada por tribos indígenas independentes. Esta empreitada foi vista como uma aventura modernista no interior do Brasil, e logo depois foi entendida ainda como a nossa “Revolução Industrial”. (Moreira, 2005)

Com a construção de Brasília e do cruzeiro rodoviário, o governo de JK pretendia fazer crescer o desenvolvimento nacional, levando este também para o interior, além de incentivar a industrialização, fazendo aumentar o mercado interno. Para a construção da nova cidade foi realizado um concurso público promovido pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP, do qual Lúcio Costa saiu vencedor com o plano urbanístico chamado de Plano-Piloto, e Oscar Niemeyer foi contratado para trabalhar juntamente na coordenação de arquitetura da companhia. Em 21 de abril de 1960, após 41 meses de trabalho dos cerca de 30 mil operários, foi inaugurada a nova capital do Brasil, Brasília. (Moreira, 2005)

---

<sup>2</sup> Região industrial do estado de São Paulo.



Os aspectos sociais e culturais que marcaram esta época (fim da década de 60 e década de 70) também foram de extrema relevância. A sociedade brasileira foi consolidada como urbana e industrial e, com estas novas características, alterações importantes tanto no comportamento desta sociedade, como no consumo foram bastante marcantes. A publicidade da época retrata bem este novo modelo de consumo, no qual os consumidores eram incentivados a compra de novos aparelhos que prometiam maior praticidade na vida cotidiana. Com isso, cresceu o consumo principalmente de eletrodomésticos, automóveis, casas e mobílias com menos luxo, além de produtos a base de fibras sintéticas e do plástico. O estilo de vida dessa sociedade da época refletia cada vez mais o estilo de vida norte-americano, *american way of life* que, após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, via-se fortemente influenciada pelos Estados Unidos. (Kornis, 2005)

O plano original da cidade de Brasília, idealizada por Lúcio Costa, já previa a expansão urbana e populacional da cidade, porém, muitos problemas só foram surgidos, ou mesmo percebidos, ao longo do tempo. De acordo com o plano urbanístico de Lúcio Costa (1957), a construção dos prédios e das vias de Brasília foram estrategicamente pensados para ser adaptados à topografia local e ao escoamento natural das águas, o que sugere uma integração da área urbana ao ambiente natural. Também foram pensadas grandes áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como o Jardim Botânico e o Jardim Zoológico, que serviriam como os “pulmões” da nova cidade. Porém, em outros momentos, o plano urbanístico já não demonstra tanta simpatia a ambientes mais sustentáveis, por exemplo, quando privilegia o automóvel particular a transportes públicos coletivos ou meios de transportes alternativos, como a bicicleta, visto que não são citadas ciclovias no plano Plano-Piloto. O censo demográfico realizado em 1.960 revelou que na época 141.742 pessoas habitavam o Distrito Federal, hoje, segundo dados do IBGE (2007), estima-se cerca de 2.455.603 habitantes.

A Universidade de Brasília, reconhecida em julho de 1961, foi criada seguindo os padrões da nova cidade que acabava de ser construída, pretendendo ser uma universidade inovadora, baseada em alguns aspectos, em modelos de universidades de países caracterizados como desenvolvidos na época. Esses países tiveram um papel pioneiro na Revolução Industrial e, desta maneira, procuraram o progresso científico e também cultural para o enriquecimento material de sua nação, tendo nas Universidades a base para a formação de cientistas e tecnólogos especializados, capacitados e diversificados para a formação de um corpo de trabalho pensante e atuante que permitisse tais avanços. Pretendia-se, portanto,

meios que assegurassem ao Brasil uma independência, tanto no plano científico, como no plano cultural. Assim como Brasília, a Universidade de Brasília também foi palco de grandes acontecimentos e transformações. Brasília tinha apenas dois anos quando a Universidade foi inaugurada. No meio do turbilhão de acontecimentos que se vivenciava na nova capital, a Universidade de Brasília teve que crescer e adaptar-se às características da época.

## **CAPÍTULO 03**

### **RESÍDUOS SÓLIDOS**

#### **3.1 Panorama geral dos resíduos sólidos: Brasil, Distrito Federal e UnB**

A Lei nº 12.305, aprovada em 2 de agosto de 2010, institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS e substitui o Projeto de Lei nº 203/91, em trâmite no Congresso Nacional por quase 20 anos. Após todos esses anos de discussão, esta lei foi considerada um grande avanço tanto para a população quanto para o meio ambiente, pois reúne princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações para a gestão integrada e o gerenciamento adequado dos resíduos sólidos em âmbito nacional.

Segundo a PNRS, os resíduos sólidos se caracterizam como:

[...] material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível; (Brasil, 3º, VI).

Uma questão que merece destaque nesse documento diz respeito à Educação Ambiental, a qual é tratada como um dos principais instrumentos a ser utilizado durante o processo de tratamento dos resíduos e que deverá também estar contida no conteúdo de todos os planos municipais formulados para a gestão integrada dos resíduos sólidos de seus respectivos municípios.

A PNRS também faz referência, em diversos momentos, à chamada logística reversa. Este conceito da logística trata da cadeia produtiva de produtos, embalagens e outros materiais, porém de maneira inversa, ou seja, a partir do consumo. De acordo com a PNRS,

[...] são obrigados a estruturar e implementar sistemas de logística reversa, mediante retorno dos produtos após o uso pelo consumidor, de forma independente do serviço público de limpeza urbana e de manejo dos resíduos sólidos, os fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes (BRASIL, PNRS, artº 33)

A chamada logística reversa é considerada a “alma” da PNRS, pois traz inovações quanto ao destino final dos resíduos descartados, fazendo com que as empresas se situem na cadeia produtiva e comercial como co-responsáveis por todo o ciclo de vida dos seus produtos, assumindo inclusive a responsabilidade pela destinação final destes, mesmo após terem passado pelos consumidores. O consumidor, portanto, não será mais o único responsável pelo descarte de seus resíduos, muitas vezes liberados em locais indevidos por falta de conhecimento de locais adequados para o descarte correto de determinados produtos. Desta forma, de acordo com a PNRS, deverá ser estabelecido um consenso entre todos os envolvidos na cadeia de comercialização dos produtos sobre as responsabilidades de cada uma das partes.

A logística reversa possibilita que exista uma cooperação entre poder público federal, estadual e municipal, setor produtivo e sociedade. O objetivo principal é que se consiga chegar a possíveis soluções para problemas hoje existentes e bastante pertinentes quanto à questão dos resíduos sólidos, principalmente no meio urbano. Para tanto, as empresas devem se adaptar às novas regras propostas pela PNRS, buscando atingir metas que visem otimizar seus processos produtivos, reduzir os custos e, prioritariamente, com todas essas ações, contribuir para o bem estar da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida do meio ambiente.

De acordo com dados do IBGE de 2008, existem no Brasil 5.664 municípios espalhados em todo o seu território. Destes, 5.553 fazem o serviço da coleta de resíduos sólidos tanto domiciliares quanto públicos. Em nível nacional são coletadas cerca de 183.488 t/dia de resíduos. No caso do Distrito Federal apenas duas entidades prestam serviços de manejo dos resíduos sólidos. Estas empresas recolhem uma média de 5.800 toneladas de resíduos sólidos por dia, sendo que, deste total, 1.945 toneladas são derivadas dos resíduos domiciliares e 3.855 de vias e logradouros públicos.

Ainda, segundo dados do IBGE (2008), calcula-se que são gerados 259.547 t/dia de resíduos sólidos no Brasil, considerando-se que boa parte destes resíduos não é coletada por nenhuma empresa responsável. A tabela 1, abaixo, apresenta a quantidade de resíduos sólidos coletados ou recebidos diariamente por unidade de destino final e suas respectivas quantidades.

**Tabela 01 – Quantidade diária de resíduos sólidos, domiciliares e/ou públicos, coletados e/ou recebidos (t/dia) por unidade de destino final dos resíduos sólidos coletados e/ou recebidos**

Quantidade / Unidades de destino final							
Vazadouro a céu aberto (lixão)	Vazadouros em áreas alagadas ou alagáveis	Aterro Controlado	Aterro Sanitário	Unidade de compostagem de resíduos orgânico	Unidade de triagem de resíduos recicláveis	Unidade de tratamento por incineração	Outra
45.710	46	40.695	167.636	1.635	3.122	67	636

Fonte: IBGE, 2008. Tabela 93

Analisando a tabela acima podemos perceber que os resíduos sólidos coletados têm como destino final principal os aterros sanitários, seguidos pelos vazadouros a céu aberto, popularmente conhecidos como lixões. Estes dados revelam o quão insuficiente ainda encontra-se o sistema urbano de limpeza e coleta de resíduos. Ambos os locais apontados como sendo os principais pontos de destino final dos resíduos não privilegiam saúde, higiene e qualidade de vida nem da população em geral e nem, principalmente, daquelas pessoas que sobrevivem da catação deste resíduo, visto que são obrigados a trabalhar em locais totalmente insalubres e perigosos. Os resíduos alocados inadequadamente no ambiente poluem rios e lençóis freáticos, além de tornarem inadequados os solos para plantação. Além disso, muitos destes trabalhadores acabam morando próximos a estes locais, até mesmo para facilitar o acesso ao trabalho. Essas pessoas vivem com suas famílias em locais insalubres e até mesmo desumanos, expostos a chorume, liberação de gases e produtos tóxicos, materiais cortantes, entre outras condições que possam gerar riscos a sua saúde, colocando, inclusive, sua vida e a de sua família em perigo.

Outro dado relevante diz respeito à coleta seletiva. De acordo com o IBGE (2008), dos 5.664 municípios registrados no Brasil, apenas 994 realizam a coleta seletiva. O Distrito Federal está incluso neste número, porém coletando seletivamente apenas em bairros selecionados. O que não garante que os resíduos coletados cheguem devidamente separados nos locais de despejo, mesmo porque não há campanhas educativas que incentivem o cidadão a fazer a coleta seletiva em seu bairro. Ainda de acordo com a pesquisa realizada pelo IBGE (2008), um dos resultados indica que os principais receptores finais destes resíduos coletados seletivamente são os comerciantes de materiais recicláveis, seguidos bem abaixo pelas

indústrias recicladoras e pelas entidades beneficentes. No Distrito Federal, os únicos receptores finais apontados pela pesquisa foram os depósitos/aparistas.

Amparada na PNRS, e em outras leis e decretos que também tratam de questões relacionadas ao meio ambiente e aos resíduos sólidos, a Universidade de Brasília, como parte da administração pública e como um espaço de aprendizagem e pesquisa, deve buscar servir-se como exemplo de gestão, inclusive de seus resíduos, para a sociedade. Para tanto, deve estabelecer metas e objetivos, baseadas na sua problemática socioambiental local, para assim propor ações que possam favorecer uma gestão sustentável em todos os seus campi. Tal comprometimento deve ser assumido por todos os segmentos da universidade, incluindo professores, estudantes, servidores, funcionários terceirizados, permissionários e até mesmo visitantes e comunidade.

Atualmente, não só na universidade, mas em um contexto nacional, e até mesmo mundial, uma grande quantidade de resíduos sólidos é gerada diariamente e, a maior parte destes não possui destinação adequada, contribuindo assim para contaminação de solos, lençóis freáticos, nascentes, rios. Consequentemente contribuem também para uma menor qualidade de vida da população, para a disseminação de doenças em áreas próximas ao depósito destes lixos, como é o caso dos lixões a céu aberto, e para a manutenção de um sistema injusto, onde diversas pessoas sobrevivem da catação deste lixo, o qual para eles são fonte principal, ou mesmo única, de renda.

Pesquisas realizadas na Universidade de Brasília também revelam dados interessantes. Segundo um levantamento feito em 1999, pela estudante Daniela Oliveira, 1.700Kg de resíduos sólidos eram gerados diariamente na UnB, o que equivalia a 42,5 t/mês. Hoje, apesar de não haver dados mais recentes, pressupõe-se que este número aumentou significativamente, visto que não apenas a comunidade universitária aumentou, mas também o consumo destes tem crescido. Um exemplo é a quantidade de copos descartáveis descartados no RU que, segundo dados do próprio restaurante, chegou a atingir em média 6 mil copos diariamente, ou seja, 120 mil copos descartáveis eram descartados diretamente no lixo em apenas um mês. E para onde vai todo esse resíduo? Segundo dados do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal –SLU, 80% dos resíduos coletados no DF vai direto para o Aterro do Jóquei, mais conhecido como Lixão da Estrutural, onde uma grande quantidade de pessoas vive da catação deste lixo.

Ribeiro (1995) coloca que é necessária uma reforma urbana tanto quanto uma agrária. Pode-se dizer que é necessária, além disso, uma reforma nas Políticas Públicas que possa

garantir, minimamente, melhores condições de trabalho e melhor qualidade de vida às pessoas que hoje se encontram excluídas da sociedade ou vivendo em níveis de desigualdade totalmente absurdos.

A exclusão é definida, sobretudo, como um fenômeno cultural e social. É um processo histórico, onde determinada cultura cria um discurso dito como verdade e, assim, cria o interdito e o rejeita. Na base da exclusão encontra-se um sentimento de pertença, que é fortalecido pelo de não-pertença. Diferentemente do sistema de desigualdade, onde existe um sistema hierárquico e quem está embaixo está dentro, o sistema de exclusão também é composto hierarquicamente, porém quem está embaixo está fora. O sistema da exclusão é fortalecido pelo essencialismo da diferença. A regulação social da modernidade capitalista é feita por inúmeros processos, os quais geram, entre outros fatores, a exclusão. Porém, ao passo que gera a exclusão, também constrói mecanismos que a controlam e a mantêm, dentro de certos limites. (Santos, 2008).

Para que haja uma significativa mudança, a iniciativa não só pode, como deve, partir de grupos, associações, organizações não governamentais (ONGs) e movimentos sociais, grupos esses que já há um tempo vêm lutando por melhores condições aos trabalhadores e que conhecem as reais necessidades desta população. No entanto, esta luta não deve limitar-se a essas esferas da sociedade, devendo ser incorporada também pelo poder público.

## **CAPÍTULO 4**

### **EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

#### **4.1 Movimentos ambientalistas e a educação ambiental**

Os educadores ambientais, segundo Carvalho (2005), se dividem em três gerações: fundadores, pós-fundadores e uma segunda ou nova geração. Os fundadores seriam aqueles que participaram do contexto fundador, mais ou menos por volta da década de 70 do século XX, onde a emergência da educação ambiental surge dentro da esfera pública, mas como tema de bastante interesse e relevância para a sociedade. Estes fundadores são considerados as primeiras referências tanto na ação como no debate público sobre questões ambientais e eram ativistas, cientistas ou técnicos governamentais. Os pós-fundadores possuem os considerados fundadores como modelo e inspiração para ação e são atuantes há mais de 15 anos. Estes

fizeram sua graduação entre o final da década de 60 e a década de 80. Os da segunda ou nova geração, por sua vez, estão no campo atuando há menos tempo, fizeram sua graduação em meados das décadas de 80 e 90. O aparecimento destes educadores acontece simultaneamente às tensões advindas das questões ambientais em âmbitos internacionais. Os debates internacionais intensificaram a difusão da problemática ambiental, contribuindo assim também para a articulação de experiências da sociedade civil em vários países.

No Brasil o movimento ambientalista iniciou-se com um cunho preservacionista, em que preservar o meio ambiente era sinônimo de proteger esse meio das ações humanas, e assim, a natureza deveria ser algo intocável. Esta visão permaneceu até os anos 70. Foi nesta década que movimentos sociais, entidades, ONGs, começam a configurar-se de forma mais organizada e assim caracterizam-se a si mesmos de ecológicos ou ambientais. Já na esfera governamental, há o início de um plano voltado para regulação, legislação e controle das questões relativas ao meio ambiente. O Brasil, inicialmente, não foi a favor de uma política ambiental. Após a Conferência de Estocolmo em 1972, onde o Brasil defendeu o chamado desenvolvimento-poluição, começou-se uma pressão, tanto internacional, vinda em primeiro plano, por parte de outros países interessados na Amazônia brasileira; quanto nacional, em segundo plano, por parte de um segmento da sociedade civil, que, a partir da crescente industrialização percebeu o impacto da poluição advinda das indústrias e a destinação dos resíduos resultantes do consumo do material produzido, que poderiam gerar degradações ao meio ambiente (Carvalho, 2005).

A educação ambiental pretende construir novas maneiras de pessoas e grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente e assim pretende ser uma prática intersubjetiva de conscientização que possa chamar a atenção para a finitude e para a má distribuição no acesso e uso dos recursos naturais. Pretende também fazer dialogar o campo educacional com problemas ambientais e com tradições culturais, teorias e saberes que possam oferecer uma alternativa à crise ambiental local e global. No Brasil, a educação ambiental buscou construir-se dentro de uma perspectiva interdisciplinar, tentando compreender as questões que “afetam as relações entre os grupos humanos e seu ambiente e intervir nelas, acionando diversas áreas do conhecimento e diferentes saberes.” (Carvalho, 2008, p.54).

O nascimento do movimento ecologista favoreceu a conscientização social acerca dos efeitos negativos produzidos pelos comportamentos humanos sobre o meio ambiente, facilitando assim a transformação de um “Paradigma Social Dominante” para uma nova forma de conceber as relações entre seres humanos, meio ambiente e natureza. Segundo

(Aguilar-Lúzon e outros, 2006), as mudanças para um novo paradigma ecológico resultou, principalmente,

[...] en un cambio de opiniones y creencias producidas en la población general hacia el medio ambiente, de forma que las personas son más conscientes de que se debe vivir en equilibrio con la naturaleza, respetando sus limitaciones. (p.24)

Na atual crise ecológica, a educação ambiental tem um papel fundamentalmente crítico desta realidade e assim, pretende contribuir para a formação de uma consciência crítica não só ambiental, mas também social. Discute-se, por exemplo, a problemática de se destruir a vegetação nativa para plantação de monoculturas de alimentos geneticamente modificados ou melhorados aumentando-se a produção, mas destruindo ecossistemas, perdendo a diversidade, aumentando a quantidade de agrotóxicos; outro ponto considerado relevante para discussão diz respeito à exploração não apenas dos recursos naturais, mas também de pessoas e animais exaurindo assim seus corpos e mentes de maneira desumana; discute-se também a crescente produção em larga escala e a conseqüente exclusão dos pequenos produtores autônomos. Ações como reflorestar espaços degradados, despoluir rios e lagos, poluir menos o ar, são de extrema relevância, porém devem estar associadas às ações sociais. As soluções dos problemas sociais e ambientais devem acontecer conjuntamente e concomitantemente, visto que “Os problemas de que trata a ecologia não afetam apenas o meio ambiente. Afetam o ser mais complexo da natureza, que é o ser humano.” (Gadotti, 2000, p.58).

Percebe-se que questões ambientais e questões sociais são intrinsecamente ligadas, inter-relacionadas e, por isso, não devem ser dissociadas e tratadas isoladamente. Conforme afirma Morin (2005), “A dissociação dos três termos individuo/sociedade/espécie desfaz a sua relação permanente e simultânea” (p.14). O homem deve se integrar novamente à sociedade, o que, segundo Morin, já vem acontecendo há um tempo. Em questões de estudo e pesquisa, as ciências biológica e antropossocial devem articular-se, para que, desta forma, o indivíduo possa entender-se por completo. Morin deixa claro que o homem necessita conceber-se dentro deste conceito trinitário (individuo/sociedade/espécie), onde um conceito não exclui o outro.

Muitas vezes quando estudamos o que vem a ser “meio-ambiente” nos é passada a idéia de que este é composto por partes como, natureza, rios, lagos, flora e fauna, todos vivendo ecologicamente em perfeito equilíbrio, bem distante dos seres humanos, entendidos como aqueles que destroem e que, por isso, devem manter-se em outro campo. Estes dois campos (meio ambiente e seres humanos), na percepção de muitos, não se inter-relacionam, e por isso, seria impossível que se estabelecesse uma vivência harmoniosa. Esta visão também é



explorada pela mídia, a qual, baseada em uma ideia naturalista, insiste em colocar que homem e natureza são seres totalmente distintos e que, portanto, cada qual deve permanecer do seu lado.

Em contrapartida a esta percepção de mundo, Morin (2003) nos alerta que devemos ter na consciência os lados: antropológico, o qual reconhece a unidade da diversidade; ecológico, que remete ao pensamento de que habitamos todos a mesma biosfera; cívico terrena, ou seja, da responsabilidade e solidariedade com os filhos da Terra; e, por último, mas não menos importante, o espiritual da condição humana, decorrente do pensamento que nos permite auto criticar, criticar e compreendermo-nos mutuamente. Gadotti (2000) nos lembra que é necessário ecologizar os seres humanos, para que assim estes possam vir a ter novas perspectivas de vida e uma nova relação com o planeta e com a vida.

Carvalho (2008) nomeia o modo ideal de ser e viver, baseado nos princípios ecológicos, de “sujeito ecológico”. Este, segundo a autora, é um tipo ideal de sujeito, que possui uma visão utópica das atitudes e dos comportamentos sociais, e que busca em sua vida que tais atitudes e comportamentos sejam ecologicamente orientados. Mas, é importante salientar, que justamente por ser um tipo ideal de sujeito, nem todos conseguirão realizá-lo completamente. Este sujeito, na medida em que ganha legitimidade, torna-se um modelo ético para a sociedade, no que concerne ao estar no mundo. Carvalho ainda caracteriza este sujeito como sendo um herdeiro da cultura socialista e da crítica marxista à chamada ética utilitarista. Assim, este sujeito protagoniza um novo paradigma de ação política onde unifica o campo dos novos movimentos sociais.

Educadores ambientais, neste contexto, compartilham dentro do campo educacional a identidade desse tal sujeito ecológico. Sendo assim, a educação ambiental é também a ação educativa do sujeito ecológico. É muito importante que o campo educativo e a educação ambiental sejam aliados, pois, é a partir desta união, que são construídas novas orientações específicas para a educação ambiental. O campo educativo é, ou deveria ser, aberto às demandas e temáticas sociais emergentes, e por isso, deve incorporar às problemáticas ambientais, transformando-as em objeto de teoria e prática educativa.

A educação ambiental deve estar voltada tanto para a capacitação individual quanto para grupos sociais, ressaltando a ideia do poder de se agir coletivamente com vista à resolução de um problema único, sem diminuir a importância das atitudes individuais. Gutiérrez e Prado (1999) compreendem que

A demanda deve nascer das necessidades sentidas pelos demandantes e, em consequência, são eles os atores sociais tanto no momento em que atuam como indivíduos, como, sobretudo, se estiverem vinculados a comunidades, instituições e outras estruturas sociais. (p.53)

É de extrema relevância o sentido que é dado às ações que estão sendo realizadas, pois quando os atores da ação encontram sentido para seu agir, o processo tem a concretização de sua meta mais assegurada.

## **CAPÍTULO 05**

### **AGENDA 21**

#### **5.1 Agenda 21 Global**

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992 na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, também conhecida como Rio 92 ou Eco 92, contou com a participação de 172 países, e 108 Chefes de Estado.

O maior legado desta Conferência foi a aprovação de um documento nomeado de Agenda 21 Global, que pretendeu fornecer subsídios para promoção, em escala planetária, de um novo padrão de desenvolvimento, nomeado por “desenvolvimento sustentável”. Esta agenda serve de base para a construção das agendas 21 nacionais e estas, por sua vez, são pontos de partida para as agendas 21 locais. Cada país participante comprometeu-se em elaborar sua própria Agenda 21 envolvendo não só o governo como também a sociedade civil organizada. Assim sendo, o Brasil elaborou sua Agenda 21 brasileira, contando para isso com a contribuição de especialistas de diversas áreas e, a participação do povo brasileiro por meio de consultas estaduais e regionais.

Com a finalidade de contribuir para a efetivação da Agenda 21 brasileira, em 1997 foi estabelecida por decreto presidencial a Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional – CPDS. Esta comissão era composta por dez membros, com paridade entre governo e sociedade civil. Uma das ações prioritárias desta comissão foi a seleção de seis áreas temáticas que abrangessem a complexidade do nosso país, considerando as características específicas de cada região. As referidas áreas temáticas são agricultura sustentável, cidades sustentáveis, infra-estrutura e integração regional, gestão dos recursos naturais, redução das desigualdades sociais e ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável. Apenas no ano de 2002, 10 anos após a realização da Rio 92, a Agenda 21 brasileira foi concluída.

## **5.2 Agenda 21 Brasileira**

A Agenda 21 brasileira, finalizada em julho de 2002, pretende aliar o desenvolvimento às práticas sustentáveis. Nesse sentido, o desenvolvimento econômico e tecnológico do Brasil deve ser associado à proteção do meio ambiente com medidas sustentáveis. O objetivo é que as políticas públicas nacionais, regionais e locais adotem os princípios da sustentabilidade para subsidiarem as ações futuras. Segundo o documento, a inclusão dos princípios da sustentabilidade nas políticas públicas brasileiras será o verdadeiro marco da implantação da Agenda 21 brasileira, mas este processo requer tempo. Não adianta apenas que estes princípios estejam bem expostos no papel. É fundamental que haja educação ambiental acompanhando este processo, entre outras ações, para que haja uma participação ativa da população, além de mudanças de valores, crenças, atitudes e comportamentos, sem os quais os princípios dessa Agenda 21 não se consolidarão. Essas mudanças não acontecem instantaneamente, mas são fruto de um intensivo trabalho de conscientização da população por meio da educação.

O principal desafio considerado é fazer com que o desenvolvimento (econômico, tecnológico, científico) seja gradativamente positivo, crescendo não apenas quantitativamente, mas também qualitativamente, visando à qualidade de vida dos brasileiros. Dentro de um sistema capitalista, há uma tendência em se pensar melhoria da qualidade de vida associada a crescimento econômico. Neste aspecto, questões pertinentes têm inquietado alguns cidadãos: Como desenvolver um país, como criar novas tecnologias a cada instante, sem que se degrade a natureza, por exemplo, ao gerar energia para abastecimento de indústrias e depois ao se descartar os restos industriais destas indústrias sem se poluir rios, lagos, lençóis freáticos? E depois de produzido todo esse material nas indústrias, estes produtos serão consumidos pela população que logo os descartarão – pelo menos uma grande parte. Para onde então irá todo esse resíduo gerado e descartado? Como pensar em desenvolvimento sustentável, se hoje o que mais se vê é o consumo de descartáveis, inclusive em departamentos públicos? Apesar de tantas controvérsias, o desenvolvimento tecnológico e econômico ainda mantém-se como um dos objetivos principais e fundamentais para as sociedades, as quais dizem conseguir aliar estes objetivos à conservação do meio ambiente.

## **5.3 A3P (Agenda Ambiental da Administração Pública)**

A partir das discussões surgidas com a Agenda Ambiental Brasileira, o projeto Agenda Ambiental na Administração Pública – A3P iniciou-se no Ministério do Meio Ambiente –

MMA em 1999 pretendendo fazer com que aqueles que compusessem a administração pública repensassem os padrões de produção e consumo e, desta forma, fossem pensadas novas estratégias que visassem à sustentabilidade socioambiental neste ambiente de trabalho. Com isso, uma nova cultura institucional deveria ser construída.

Em 2001 o Programa Agenda Ambiental na Administração Pública foi lançado em nível nacional pelo MMA e hoje estima-se que já tenham sido implementadas ações de gestão ambiental em mais de 350 instituições públicas, seguindo os princípios da A3P.

Em 2005 foi criada a “Rede A3P”, a qual pretendeu ser um canal permanente de comunicação entre os órgãos públicos com o intuito de promover o intercâmbio de tecnologias, informações e experiências, além de incentivar e promover programas de formação e mudança organizacional. De acordo com o documento da Agenda Ambiental na Administração Pública, cerca de 400 órgãos públicos já participam desta Rede.

Em 2007 houve a reestruturação do MMA e com isso a A3P passou a ser parte da Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental, integrando então ao Departamento de Cidadania e Responsabilidade Socioambiental. A partir desse novo arranjo institucional, a A3P tornou-se essencial para que um novo modelo de estruturação das atividades, tanto no âmbito público como no privado, fosse colocado em prática visando uma nova gestão das atividades econômicas com um foco socioambiental.

Para a implementação da A3P é necessária uma comissão formada por pessoas de diversas áreas, as quais serão agentes de sensibilização intersetorial. O objetivo maior da A3P consiste em fazer com que os gestores públicos integrem em suas práticas cotidianas princípios de gestão sustentável, que pretenda maior economia dos gastos institucionais. Para tanto, é preciso promover mudanças organizacionais e pessoais, de modo que haja otimização dos recursos e que os trabalhadores da instituição incorporem práticas racionais do uso dos bens públicos e destinação adequada dos resíduos gerados.

## **5.4 Agenda Ambiental na UnB**

### **5.4.1 Formação da Agenda 21 da UnB (1998 – 2001)**

Em 1998 a Universidade de Brasília foi protagonista da criação da sua própria Agenda 21 local, antes mesmo da instituição da própria Agenda 21 nacional, a qual só foi finalizada no ano de 2002.

Os princípios da Agenda 21 da UnB foram caracterizados em: **Processo Participativo** – legitimação da construção da agenda por meio do Seminário Agenda 21 da UnB;

**descentralização** – coordenação diferenciada dos Grupos de Trabalhos (GT's) separados por área temática; **multisetorial** – participação dos vários setores que compõem a Universidade; e **co-responsabilidade dos diferentes segmentos** – participação de professores, estudantes, funcionários, permissionários. (UnB, 1998)

Segundo o documento “Programa Agenda 21 da UnB: versão preliminar para discussão” (UnB, 1998), construído e organizado a partir de uma parceria entre Decanato de Extensão - DEX, Decanato de Assuntos Comunitários - DAC, Prefeitura do Campus - PRC e Decanato de Pós-Graduação - DPP, é colocado como objetivo geral e principal a “Elaboração da Agenda 21 da UnB, com a participação da comunidade universitária, visando à implementação de um sistema de gestão ambiental na UnB e a formulação de um plano de ações que resulte na melhoria da qualidade de vida no Campus, respeitando a Política Ambiental da UnB e as diretrizes da Agenda 21 Global, constituindo-se processo contínuo de discussão inter e multidisciplinar, claro, transparente, participativo e interativo, na perspectiva de auto-sustentação do programa e de seus projetos e subprojetos.” (p.10).

Já neste documento preliminar, algumas intervenções foram identificadas para compor o plano de ações da Agenda 21 da UnB. Os resíduos sólidos, deste modo, não poderiam ficar de fora e, por isso, logo no segundo ponto da lista de intervenções a serem feitas, é destacado que deverá haver Coleta Seletiva de Lixo, Reciclagem de Lixo, e um Programa de Educação Ambiental. Além de um Depósito de Dejetos Radioativos e Químico, Criação do Serviço de Compostagem e de uma Usina de Reciclagem. O documento também aponta cinco temas mobilizadores para definição de uma política ambiental na UnB: **1)** Coleta e disposição seletiva de resíduos sólidos; **2)** Uso eficiente de água e energia; **3)** Educação ambiental de adultos, jovens e crianças; **4)** Manutenção e conservação das áreas verdes e comuns do campus. **5)** Recuperação e revitalização da Unidades de Conservação do campus.

Nesse mesmo documento encontram-se um quadro com os resultados do “Diagnóstico de problemas/propostas de resolução” (UnB, 1998), obtidos a partir de um levantamento feito por um grupo de professores que compunham a comissão da Agenda 21, em parceria com o Departamento de Assuntos Comunitários. No que se refere à problemática do lixo, os resultados apontam para a existência de uma má conduta da comunidade acadêmica, que joga lixo nos gramados e áreas externas, mesmo em locais onde há lixeiras. Para esta problemática, a solução apontada seria a realização de campanhas educativas e a instalação de mais lixeiras, especialmente nos estacionamentos.

Um outro ponto levantado seria a ausência de destinação correta para o lixo e a

implementação de coleta seletiva no campus e a criação de um serviço de compostagem/equipamento (depósitos e pessoal capacitado) como possíveis soluções.

Nesta versão preliminar nada foi dito com relação à diminuição da quantidade de resíduos gerados, principalmente relativos ao uso de descartáveis. Tampouco houve referência à destinação do material recolhido pelos catadores cooperados.

Durante os anos de 1998 a 2001, a Comissão da Agenda Ambiental da UnB realizou várias ações no campus universitário Darcy Ribeiro. Para chamar a comunidade a participar da Agenda 21, foi criado o slogan “Participe da Construção da Agenda 21 da UnB - Comprometa-se com a questão ambiental”. Com isso, foram instaladas em pontos estratégicos espalhados pelo campus, vinte e cinco urnas onde a comunidade acadêmica, em formulários próprios, pudesse apontar as condições ambientais do campus e, com isso, identificar os temas mais relevantes e prioritários a serem tratados naquele momento. Pretendia-se com esta ação realizar um levantamento das questões ambientais que deveriam orientar a definição da Política Ambiental da UnB. Estas urnas ficaram instaladas durante dois meses, e em seguida os dados foram analisados pela comissão.

Com base nos resultados obtidos, em junho de 1999 foi realizado um seminário intitulado “Agenda 21 da UnB”, coordenado pelo Decanato de Extensão. O seminário contou com a participação de aproximadamente 200 pessoas integrantes da comunidade acadêmica, e foram discutidas as questões socioambientais da Universidade.

A discussão se deu com a realização de um ciclo de palestras e mesas redondas e, após essa etapa foram organizados grupos de trabalho divididos por áreas temáticas. Ao final do seminário, cada grupo apresentou o que foi discutido entre eles, apontou os diversos problemas detectados na universidade e suas respectivas propostas de soluções.

Ao final, cinco pontos foram eleitos pela comunidade como sendo prioritários: água, energia, áreas verdes, resíduos sólidos e alimentação e saúde. A partir deste seminário, e com base nestes cinco pontos prioritários, foram formados Grupos de Trabalho (GTs) que deveriam atuar na universidade. Cada grupo de trabalho ficou sobre a responsabilidade de um ou dois professores. Porém, dentre esse cinco, apenas dois GTs foram consolidados por meio das Resoluções nº 001/2000 e 002/2000, do Decanato de Assuntos Comunitários: o Grupo de Trabalho da Alimentação e Saúde e o Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos.

#### 5.4.2 GT de Resíduos Sólidos (1999 / 2000) – principais resultados

De acordo com os relatórios elaborados pelo Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos, no ano de 1999 foi feito um levantamento sobre os resíduos gerados na universidade, que classificou os resíduos conforme o tipo: resíduos de construção civil, resíduos de serviço de saúde, resíduos perigosos (químicos ou radioativos), resíduos de áreas verdes e resíduos domésticos (resíduo orgânico, plástico, papel, vidros e metais). No entanto, nesta caracterização, os resíduos gerados tanto no Restaurante Universitário como na Colina e na Casa do Estudante não foram classificados, por apresentarem características diferentes das demais unidades.

Após o levantamento e a classificação do tipo de resíduo encontrado no campus, em 2000 as ações se concentraram no restaurante universitário. Seu resíduo foi classificado como bastante diferenciado ao do restante do campus, pois a maior parte foi composta por resíduos orgânicos e plásticos. O trabalho realizado durante esse ano consistiu em:

1. Observação da rotina do Restaurante Universitário (identificação das fontes geradoras, classificação dos tipos de resíduos gerados, local de acondicionamento do resíduo, descarte e percurso do resíduo).
2. Análise dos dados obtidos na etapa anterior (agrupamento das fontes geradoras de lixo em setores).
3. Caracterização do lixo (pesagem dos resíduos e classificação em 14 categorias).

Com relação ao item 2, os setores classificados foram:

#### Quadro 01 – Agrupamento das fontes geradoras de lixo em setores

Setor	Unidades Geradoras
Pós-consumo	Refeitórios
Produção da cozinha	Cozinha
Almoxarifado	Almoxarifado
Banheiro	Banheiro para a comunidade geral e os dos funcionários
Cafezinho	Hall superior e inferior
Administração	Escritórios, sala de administração

Fonte: GT de resíduos sólidos. Relatório de atividade ano 2000

Com relação à caracterização do lixo, a classificação resultou em quatorze categorias: papelão, papel úmido, papel de escritório, papel de embalagem, vidro, alumínio, aço, comida, fibras têxteis, e diversos tipos de plásticos.

Os dados obtidos a partir deste levantamento apontaram que o RU produzia cerca de 398 quilos de resíduos por dia, o equivalente a 8,7 toneladas por mês. Com relação ao peso, os resíduos orgânicos representaram 77,72% do total, seguido do plástico, com 10,26%, do papel, com 8,67%, dos metais, com 0,98%, do vidro, com 0,95%, e das fibras têxteis, com 0,98%.

Com relação ao tipo de material, foi constatado que o resíduo orgânico representava a maior parte de resíduos gerada, com 48,20%, seguido pelo plástico, com 24,15% do total de resíduos gerados pelo RU. Já com relação ao volume, o plástico disparou na frente dos outros, com 77,16%, enquanto o resíduo orgânico representou apenas 15,55%.

As conclusões deste levantamento, segundo o próprio GT, foram que o setor classificado como pós-consumo foi o que apresentou maior contribuição para o lixo gerado, quando comparado o volume. Os materiais plásticos descartáveis (copos, sacos para talheres e guardanapos) são praticamente os únicos que compõem o lixo gerado por este setor. Na época, eram utilizados cerca de 20.000 copos descartáveis de 200ml, sendo 10.000 para o cafezinho e o restante para suco ou água; 14.000 sacos plásticos para talheres; 15.000 guardanapos de papel, além de 6 a 7 galões de material plástico de suco, por semana.

Após esta análise, o grupo chegou ao consenso de que, prioritariamente, dever-se-ia ter como principal alvo o setor de pós-consumo para a execução das ações que seriam propostas, visando diminuir o desperdício neste setor, mobilizando a comunidade para a redução, ou até mesmo, possível substituição dos copos descartáveis por copos de vidro.

### **5.4.3 A Nova organização da Comissão da Agenda Ambiental da UnB e a criação do Núcleo da Agenda Ambiental**

Em 2001, o grupo que se encarregava de realizar as ações da Agenda 21 foi desfeito e, até 2007 não houve ações visando à gestão ambiental na universidade. Durante os anos em que a Comissão da Agenda 21 atuou, foi elaborado um plano de ação, porém este plano não foi colocado em prática. O que se sugere é que faltou mobilização da comunidade acadêmica e maior apoio institucional por parte da Universidade.

O Núcleo da Agenda Ambiental da UnB - NAA, criado em março de 2007, pretendeu retomar a iniciativa proposta pela Agenda 21 da UnB buscando ressignificar e ampliar a discussão iniciada anteriormente pela mesma. Juntamente à criação do Núcleo, foi estabelecida uma nova Comissão da Agenda Ambiental. A Comissão era composta por 34 membros, nomeada em ato da reitoria pelo Reitor da UnB em 2008. Esta Comissão tinha



como missão discutir e planejar, de forma participativa, as ações socioambientais que seriam desenvolvidas nos *campi* da UnB. Porém, consta em documentos do Núcleo da Agenda Ambiental que a Comissão foi um tanto quanto omissa com relação às suas responsabilidades, visto que grande parte dos seus membros não compareceu sequer uma vez às reuniões marcadas e apenas a coordenadora da Agenda Ambiental obteve cem por cento (100%) de presença às reuniões.

Em 2009 foi nomeada uma nova Comissão da Agenda Ambiental, tendo como coordenadora a mesma da equipe anterior, e sendo composta por 15 membros, dentre os quais se incluem representantes da reitoria, da prefeitura, dos outros *campi* da UnB, dos estudantes e dos professores. A nova equipe da Comissão foi estrategicamente diminuída com relação ao número dos membros que a compõem, pois se acreditava que um grupo menor teria uma melhor organização, além de uma efetiva participação na construção coletiva da gestão socioambiental da UnB. Para a seleção dos novos membros desta Comissão, foram usados critérios que deveriam ser seguidos por todo o grupo, como interesse, compromisso, envolvimento prévio com a causa e disponibilidade para comparecimento às reuniões mensais. Uma comissão assídua e participante é fundamental para o andamento das propostas da Agenda.

Em junho de 2009, foi realizado um segundo seminário, organizado para discutir as propostas relativas à gestão socioambiental da Universidade de Brasília. O seminário objetivou rediscutir as propostas encaminhadas no primeiro seminário organizado pelo NAA dez anos antes. A partir deste seminário, estruturou-se um documento intitulado “Políticas Públicas para Gestão Sociambiental Sustentável na Universidade de Brasília”, formulado a partir das discussões realizadas pelos GTs (Por todos ou pelo de resíduos sólidos?). As propostas apresentadas neste documento foram elaboradas originalmente por membros da Comissão da Agenda Ambiental e conjunto com a equipe do NAA.

O seminário reuniu uma comunidade bastante abrangente entre cientistas, ambientalistas, representantes do Poder Legislativo, do Terceiro Setor, imprensa e comunidade acadêmica. Segundo o documento, “os resultados dessa audiência pública foram incorporados ao documento-base e resultaram em um conjunto de propostas que têm como objetivo subsidiar a elaboração de políticas públicas socioambientais para a Universidade de Brasília.” (UNB, 2009) A elaboração do documento de Declaração Final foi submetida à apreciação e deliberação durante a plenária final do seminário, realizada no dia 5 de junho de 2009.

#### **5.4.4 “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo Não aos Copos Descartáveis”**

Em setembro de 2007 a Agenda Ambiental realizou o *Fórum de Mobilização Permanente* e, na mesma ocasião, foi apresentado o edital *Mostre Seu Amor pela UnB*, lançado em outubro deste mesmo ano. Aberto a toda comunidade acadêmica, o edital pretendia incentivar a comunidade a construir uma UnB mais sustentável. O edital foi aberto a apenas três áreas temáticas, baseadas nos cinco pontos apontados como sendo prioritários durante o “Seminário Agenda 21 da UnB”. As áreas temáticas eram: *Resíduos Sólidos, Saúde e Nutrição e Mobilidade Sustentável*. As temáticas *Água e Energia, Áreas verdes e espaços de convivência e Comunicação e Educação Ambiental* não entraram neste primeiro edital, visto que já existiam GTs específicos atuando nesta temática na UnB, além de não haver demanda suficiente de projetos que pudessem concorrer.

Neste edital foram selecionados sete projetos que atuaram durante todo o ano de 2008. Os projetos receberam o apoio institucional da universidade, por meio do NAA/DEX, além de duas bolsas para estudantes de graduação e R\$ 5.000 reais para realizarem suas atividades. Foram selecionados projetos das três áreas temáticas dispostas no edital. Um dos projetos selecionados foi o projeto *Tome Consciência*, cujo principal foco estava na campanha de substituição dos copos descartáveis por canecas no campus universitário Darcy Ribeiro. Esse projeto já vinha atuando na UnB desde 2007, com ações de educação ambiental no *campus* Darcy Ribeiro antes mesmo do lançamento do edital. Em 2008 a campanha de diminuição dos descartáveis e a substituição por canecas focalizou suas ações no Restaurante Universitário. Realizada neste ano juntamente ao NAA, a campanha tinha como público alvo os usuários do Restaurante Universitário. Foram utilizadas estratégias de educação ambiental que pudessem contribuir para a formação de uma consciência mais crítica e responsável com relação ao número de descartáveis gerados no RU, principalmente àqueles advindos dos copos descartáveis usados para servir o suco.

Nesse sentido, atreladas às campanhas de educação ambiental, foram distribuídas mais de 4.000 canecas aos frequentadores do RU durante dois semestres consecutivos, para substituir os copos descartáveis do RU. Esperava-se, com isso, que os usuários assumissem a responsabilidade do impacto de suas ações no ambiente e que usassem as canecas não somente no RU, como também em qualquer outro local que necessitassem, no campus e fora dele.

A Campanha foi nomeada “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo Não aos Copos Descartáveis”, contemplando assim o mesmo nome dado a campanha realizada pelo GT de resíduos sólidos em 1999 e, desta maneira, dando a ideia de continuidade das ações. No ano de 2008 a campanha continuou, porém agora assumida institucionalmente pela universidade, por meio do NAA.

Pela primeira vez, no segundo semestre de 2009, foram distribuídas 1.500 canecas aos calouros, no próprio *kit* calouro entregue a estes ingressos na universidade. Houve mais duas distribuições neste ano, totalizando com o somatório de todas as distribuições mais de 6.000 canecas. Em setembro de 2009 foi realizada a última distribuição de canecas no RU e, durante as últimas campanhas, foi informado aos usuários que a partir de 2010 já não haveria mais o fornecimento de copos descartáveis no restaurante.

Em setembro de 2009, portanto, foi iniciada uma redução gradativa do fornecimento dos copos descartáveis no RU, com o slogan “Dia da Caneca no RU”. Iniciou-se pelas sextas-feiras sem copos descartáveis. A partir de Outubro, estendeu-se o “Dia da Caneca no RU” para as quintas-feiras e, durante o curso de verão, em janeiro de 2010, o “Dia da Caneca no RU” foi estendido para as quartas-feiras também. Cartazes informativos foram colados em todo o restaurante para esclarecer aos usuários a respeito do uso da caneca.

Um dos entraves apontados para que campanhas anteriores realizadas no RU não fossem bem sucedidas era a percepção de não haver um apoio institucional. No caso da UnB, este apoio não existia nem da própria instituição, nem dos responsáveis pelo Restaurante Universitário. Segundo pesquisa realizada por Siqueira (2002), tanto os funcionários do RU quanto os próprios usuários do restaurante, fundamentavam seus argumentos de resistência à substituição dos copos descartáveis na crença de que outros copos de materiais duráveis não seriam tão higiênicos quanto os de material descartável. Siqueira ainda afirma que “O imaginário dominante sustenta que a limpeza é mantida pelo afastamento do que é considerado sujo, e que o material descartável representa higiene, praticidade e necessidade, num rito social que reforça o individualismo” (RESUMO). Para ele, os padrões de comportamento relacionados ao uso de materiais descartáveis são justificados por acreditar-se que usando descartáveis evita-se sujeira e diminui-se o risco de contaminação.

Desta maneira, a hipótese de se adotar canecas individuais era vista negativamente, visto que se temia que em havendo qualquer intoxicação alimentar em qualquer usuário devido à má higienização da caneca, o RU seria responsabilizado. Entretanto, essa campanha representou um novo momento institucional, obtendo a adesão da administração do RU, que

instalou novas pias em todos os refeitórios para facilitar a limpeza das canecas e colocou próximos a elas informativos sobre a higienização das canecas. O objetivo era que os usuários pudessem lavar suas canecas, antes e após o seu uso e, assim, evitar o risco de contaminação por falta de higiene. Cartazes informando os dias em que os copos descartáveis não seriam disponibilizados foram espalhados por todo o RU (ver anexo 01).



Figura 01: Pias adaptadas e exclusivas para a higienização das canecas

Para acompanhar a campanha e, ao mesmo tempo, atender as críticas e sugestões dos usuários do RU, desde o início da campanha foi montado um balcão de atendimento no primeiro andar do restaurante, próximo aos banheiros, visto que este foi considerado um local estratégico pela própria administração do restaurante. Nos dias em que não eram disponibilizados os copos descartáveis, havia pelo menos um integrante do NAA atendendo aos usuários, porém apenas durante o horário do almoço, horário com maior frequência de usuários. E, caso houvesse alguma crítica a ser feita nos dias ou horários em que não houvesse integrantes do NAA, foi disponibilizada uma urna fornecida pela prefeitura. Esta urna foi exposta logo acima do balcão, com a devida sinalização, e para onde era encaminhado, pelos próprios funcionários do RU, o usuário que porventura tivesse qualquer reclamação ou sugestão a ser feita. Nela os usuários poderiam depositar suas críticas, suas sugestões e seus questionamentos para posterior esclarecimento pela equipe. Considera-se que esta estratégia tenha sido de extrema relevância para a campanha, visto que permitiu a compreensão das reações dos usuários à substituição dos copos descartáveis e, conseqüentemente, a proposição de novas estratégias para o ano de 2010.

Em outubro de 2009, quase um mês após o início do “Dia da Caneca no RU”, foi realizada uma reunião com a coordenadora administrativa do restaurante. Ela fez um relato do andamento da campanha, na visão da administração do RU, e dos principais problemas e das sugestões levantadas por eles. Segundo ela, os maiores problemas enfrentados estavam sendo com os servidores e professores, e não com os estudantes, como era esperado. Ela nos informou que a administração do RU estava elaborando um teste que seria feito com as canecas para verificar a resistência da mesma durante a lavagem na máquina de lavar louça, visto que esta máquina utiliza no seu processo de lavagem uma água com temperatura superior a 100° graus Celsius, o que poderia causar danos ao plástico da caneca.

Outros dois pontos levantados por ela foram, em primeiro lugar, a questão dos copinhos plásticos utilizados no cafezinho servido no primeiro andar do RU e, em segundo, a questão dos visitantes. Esse último refere-se aos usuários de fora que, normalmente, não estão informados sobre a campanha e, por isso, não possuem suas canecas. Nesta reunião foi destacada, pelo NAA, a possibilidade da venda das canecas a preço de custo, no próprio RU ou em um local próximo, propondo-se que o dinheiro arrecadado fosse totalmente revertido para a compra de novas canecas, e buscando com isso atender aqueles que porventura não possuíssem ou não estivessem com suas canecas e desejassem beber o suco durante a refeição. Foi discutida também a importância de chamar os usuários para a responsabilidade individual da ação que o mesmo realiza, e enfatizou-se a necessidade de melhorar as estratégias de informação, sugerindo-se que fossem pregados cartazes também no Instituto Central de Ciências, local de grande circulação da comunidade do campus, e que se trabalhasse juntamente com os Centros Acadêmicos.

As reuniões e as ações do NAA, juntamente com a direção do RU, continuaram durante todo o segundo semestre de 2009, porém, durante as férias, não houve continuidade, visto que não havia público. O ano de 2010 iniciou com a distribuição da segunda remessa de canecas aos calouros, também incluída no kit calouro. Desta vez a abrangência foi ainda maior. Foram disponibilizadas canecas para todos os calouros, incluindo todos os *campi* da UnB, e não apenas o campus Darcy Ribeiro, como da outra vez.

No entanto, o ano de 2010 foi marcado por grandes conturbações na universidade, devido a uma greve prolongada dos servidores, que comprometeu as ações de substituição dos copos descartáveis. Em diversos momentos essas ações tiveram que ser interrompidas, em decorrência do fechamento do restaurante pelo movimento grevista.

Em julho de 2010 começaram as intervenções educativas com os personagens criados pelo NAA exclusivamente para a campanha – o Canecão e a Canecona. Os personagens andavam pelos refeitórios conversando com os usuários a respeito da campanha. A primeira semana com os personagens foi muito interessante. Na época estava acontecendo também o Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia – ENEPE, e, por isso, o restaurante estava mais cheio do que o normal. Devido a esse encontro, por solicitação da direção do RU, foram disponibilizados copos descartáveis no restaurante durante todos os dias. Porém, todos os estudantes participantes do encontro receberam uma garrafinha onde poderiam beber tanto água quanto o suco disponibilizado no RU. Além das intervenções, histórias em quadrinho que trabalhavam o tema resíduos sólidos foram coladas em todas as mesas do restaurante.



Figura 02: Histórias em quadrinho com o tema resíduos sólidos coladas nas mesas do RU

Os personagens permaneceram no RU até a eliminação completa dos copos descartáveis, mas apenas nos dias em que os copos não eram disponibilizados. Estes conversavam com o público de maneira bastante interativa. Os atores que representavam o Canecão e a Canecona foram devidamente informados a respeito dos objetivos e das metas da campanha, das futuras ações do NAA, e da problemática do uso dos copos descartáveis, chamando a atenção para a quantidade de resíduos gerados no RU devido ao uso destes. Os usuários questionavam os personagens principalmente sobre quando haveria uma nova

distribuição de canecas e se os calouros que não pegaram o kit calouro distribuído no início do semestre ainda poderiam pegar.



Figura 03: Personagens “Canecão” “Canecona” conversando com os usuários na fila do RU

Em julho de 2010 iniciou-se a contagem regressiva para a retirada definitiva dos copos descartáveis do RU. Foi fixado um cartaz (ver anexo 02) na área central do RU escrito **“Faltam 30 dias para o fim dos copos descartáveis no RU”** e, logo abaixo, **“Não esqueça de trazer sua caneca pessoal! Sua resposta faz a diferença”**. Além deste cartaz central, foram fixados outros sete cartazes, distribuídos em todos os andares, atrás de cada máquina de suco, e um na bancada de informações do NAA. A colocação desses cartazes durante o horário de almoço chamou muita atenção dos usuários. Muitos tiraram fotos, ou mesmo indagaram ao Canecão e à Canecona se os copos descartáveis iriam realmente acabar. Acompanhado dos personagens, havia sempre um representante da equipe do NAA para auxiliá-los nas informações.



Figura 04: Cartaz menor fixado para a contagem regressiva do fim dos copos descartáveis

Na última sexta-feira com fornecimento de copos descartáveis, foi feita uma encenação da “morte dos copos descartáveis no RU”. Os copos descartáveis foram eliminados de vez do RU em agosto de 2010. Durante a primeira semana totalmente sem os copos descartáveis, foram realizadas diversas atividades para celebração do acontecimento e para chamar ainda mais a atenção da comunidade universitária para este fato marcante na história da universidade, incentivando com isso o uso da caneca pessoal de material durável. A semana de comemoração contou com uma exposição de fotos e *banners* sobre a campanha, um debate com usuários realizado no próprio RU e, por fim, uma *happy hour*, nomeada “Canecaça”, organizado em parceria com o Centro Acadêmico do curso de Comunicação.



Figura 05: Encenação da morte dos copos descartáveis no RU





Figura 06: Fotos expostas no RU na semana em comemoração ao fim dos copos descartáveis

## **CAPÍTULO 06**

### **MÉTODO**

Esse capítulo relata o método utilizado no estudo. Nele são apresentados o contexto da pesquisa, as etapas realizadas, as características dos participantes, os instrumentos utilizados, os procedimentos adotados e as análises dos dados utilizadas. Para a elaboração deste estudo, foi utilizado o método misto, constituído tanto por abordagens qualitativas como quantitativas. As estratégias utilizadas foram: análise documental, observação simples, questionário e entrevistas semi-estruturadas .

#### **6.1 Contextualização do ambiente de pesquisa**

A Universidade de Brasília foi fundada em 21 de abril de 1962 e, atualmente, conta com cerca de 1.800 professores, 2.230 servidores e mais de 28 mil estudantes distribuídos entre os vários cursos oferecidos nos seus quatro campi. Oferece no total: 94 cursos de graduação, 67 de mestrado, 51 de doutorado e outros cursos de especialização. O campus principal é o Campus Universitário Darcy Ribeiro, que está localizado na área central da capital do país e ocupa 3.960.579 m<sup>2</sup>, onde, desse total, 470.289 m<sup>2</sup> são de área construída e 1.650.000 m<sup>2</sup> de área gramada.

O Campus Universitário Darcy Ribeiro é o único dentre os campi da UnB que conta com um Restaurante Universitário – RU, o qual iniciou suas atividades apenas em 1975. Hoje o restaurante possui cerca de 180 funcionários, e tem capacidade para fornecer, após as reformas realizadas em 2009/2010, até 10.000 refeições por turno. Segundo dados do próprio RU, em abril de 2008 foram atendidos 83.307 usuários, correspondendo ao atendimento, em média, por dia, durante o almoço 4.000 usuários e durante o jantar 900. O almoço é servido das 11h às 14h e o jantar das 17h às 19h. Durante a refeição é ofertado suco como acompanhamento.

Antes da finalização das reformas ocorridas no RU, desde o início da Campanha “Sou UnB, Jogo Limpo: Digo Não aos Copos Descartáveis”, o suco era servido por um funcionário do próprio restaurante. O funcionário usava um recipiente plástico para servir o suco aos usuários, e assim, o copo ou a caneca não estabelecia contato direto com a máquina de suco. Esta estratégia do RU foi pensada como forma de prevenção à gripe H1N1, quando, na época, havia grande preocupação com a sua disseminação. Uma das exigências para que se tivesse o apoio do RU na campanha foi que se alertasse a comunidade universitária, juntamente com a entrega das canecas, sobre a importância de não se compartilhar canecas, mantê-las sempre limpas, lavar as mãos, entre outras precauções higiênicas para que se evitasse a proliferação do vírus. Após as reformas, as máquinas de suco foram adaptadas, não sendo mais necessário contato com o copo ou a caneca, que passaram a ser diretamente conectados à máquina, e, desta maneira, o próprio usuário pode servir-se do suco apenas acionando um botão, dispensando assim também a interface com o funcionário. A figura 07 ilustra a máquina de suco para uso direto pelos usuários do RU.



Figura 07: Usuário servindo-se de suco com a caneca pessoal

Em 2011 uma nova regra foi adotada pelo RU e os usuários foram proibidos de usarem também as garrafas nas máquinas de suco. Esta medida foi adotada para manutenção da limpeza dos espaços em volta das máquinas de suco, visto que pelo fato de a garrafa ter um tamanho desproporcional ao da máquina, ocorriam muitos derramamentos de suco.

Antes do início da campanha realizada pela Agenda Ambiental da UnB eram utilizados, em média, 120 mil copos descartáveis por mês, o que equivalia a mais ou menos 6 mil copos por dia. O plástico que constitui os copos descartáveis demora em média 100 anos para se decompor. A baixa degradabilidade do material constituinte do copo descartável, a destinação incorreta e o crescente uso desse tipo de produto, inclusive em locais públicos, e os impactos socioambientais gerados justificam a realização de pesquisas que visam contribuir com a diminuição da geração de resíduos sólidos por meio de estratégias de reflexão e conscientização.

## 6.2 Amostra

Os participantes desse estudo estão organizados em dois grupos, conforme a etapa de pesquisa desenvolvida. O primeiro grupo foi composto por 203 usuários do Restaurante Universitário da Universidade de Brasília, sendo 55,7% homens e 44,3% mulheres, com média de idade de 22,72 que responderam um questionário. Já o segundo grupo foi composto por oito usuários distintos do primeiro grupo, que responderam a uma entrevista.

Quanto ao grau de escolaridade da amostra, 1,5% declararam ter apenas nível fundamental, 4,9% nível médio, 83,3% nível superior incompleto, 3,9% nível superior

completo e 5,9% pós-graduação. Deste total, 87,2% eram estudantes da UnB. A amostra foi voluntária e teve a garantia de sigilo e anonimato nas respostas.

### **6.3 Instrumentos**

Para adequar-se ao caráter qualitativo e quantitativo da pesquisa, os instrumentos empregados tiveram que abordar ambas as propostas. Para tanto, os instrumentos utilizados foram: Um questionário composto por uma escala de crenças ambientais e uma escala de comportamentos ecológicos, ambas associadas ao contexto de substituição de copos descartáveis e uso de utensílios permanentes, como a caneca, finalizado pelas variáveis demográficas; quatro roteiros de entrevistas semi-estruturadas – diferenciados de acordo com a categoria funcional do sujeito pesquisado na Universidade.

#### **6.3.1 Questionário**

O questionário aplicado na pesquisa foi único para todos os participantes e composto por uma escala de crenças ambientais e uma escala de comportamento ecológico, além das variáveis demográficas de interesse do estudo.

As escalas foram adaptadas de Pato (2004) para este estudo, baseadas no levantamento de crenças e de comportamentos feito durante a etapa de observação.

Foi utilizada a escala do tipo Likert em ambas as escalas (crenças ambientais e comportamentos ecológicos), compostas por um conjunto de assertivas onde os participantes não são forçados a se polarizar. A quantidade de assertivas presentes no questionário está relacionada às crenças e comportamentos observados durante a etapa de observação.

Ao final do questionário foram incluídas três perguntas fechadas específicas sobre o ativismo ambiental, onde o sujeito tinha apenas duas opções de respostas (1 = sim; 2 = não) e apenas uma questão aberta, a qual era decorrente de umas das três perguntas fechadas. Nestas três últimas questões o participante deveria responder se possui uma caneca durável, se é favorável a substituição do copo descartável por uma caneca de material durável e por que, e se já participou de alguma atividade que tivesse como objetivo a proteção ao meio ambiente. Por último foram colocadas as variáveis sociodemográficas, a fim de caracterizar os participantes do estudo.

### **6.3.1.1 Escala de Crenças Ambientais**

Para o estudo das crenças ambientais foi feita uma adaptação da escala de crenças de Pato (2004). As crenças utilizadas na escala deste estudo foram elencadas durante a etapa da observação. A escala de crenças é composta por 12 itens os quais medem as crenças dos usuários do RU com relação à substituição dos copos descartáveis por canecas de material durável. A escala utilizada foi do tipo Likert com 5 pontos (1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo em parte; 3 = Discordo nem concordo; 4 = Concordo em parte; 5 = Concordo totalmente). Exemplo: A maior parte dos resíduos gerados no Campus tem destinação adequada; A substituição dos copos descartáveis no RU é uma estratégia para a diminuição de gastos da Universidade.

### **6.3.1.2 Escala de Comportamentos Ecológicos de Uso de Caneca**

A escala de comportamento ecológico de uso da caneca é composta por 11 itens que medem comportamentos relativos ao uso do copo descartável e da caneca de material durável que o usuário tem quando está no Restaurante Universitário. Utilizou-se também uma escala tipo Likert de 6 pontos (1 = Nunca; 2 = Quase nunca; 3 = De vez e quando; 4 = Quase sempre; 5 = Sempre; 6 = Não se aplica). Exemplo: Evito desperdiçar água quando lavo a caneca no restaurante universitário; Uso um copo descartável novo cada vez que me sirvo de suco (ou água).

### **6.3.1.3 Variáveis Sociodemográficas**

Por último foi solicitado que os usuários respondessem a algumas variáveis com o intuito de obter-se alguns dados sociodemográficos dos participantes, como sexo, idade, escolaridade e categoria de inserção na Universidade (estudante da UnB, curso e período; servidor da UnB; professor da UnB; visitante; outros).

### **6.3.2 Roteiros de Entrevista**

Foram elaborados quatro roteiros de entrevistas semi-estruturadas para este estudo. Os roteiros de entrevista continham questões sobre a percepção dos usuários a respeito da substituição dos copos descartáveis no RU por canecas de materiais duráveis. Cada um dos roteiros de entrevista foi direcionado a uma categoria de sujeito, de acordo com a sua inserção na universidade, visto que possivelmente cada uma das categorias percebeu e vivenciou a

campanha de forma diferenciada. As quatro categorias entrevistadas foram: estudante calouro, estudante veterano, funcionário do RU e visitante.

O roteiro de entrevista direcionado ao estudante calouro conteve oito questões, ao estudante veterano dez questões, ao funcionário do RU treze questões e ao visitante dez questões. Além das questões contidas no roteiro, outras questões surgiram ao longo das entrevistas. (Ver apêndice 2)

#### **6.4 Procedimentos**

Inicialmente foi realizado um levantamento das principais crenças ambientais e dos comportamentos ecológicos dos usuários do Restaurante Universitário relativos ao uso do copo descartável. Esta primeira etapa se deu por meio de observações simples, conversas informais com usuários e funcionários do RU e registro escrito das notas críticas elaboradas pelos usuários e depositadas em urnas localizadas no RU. Em seguida foram elaborados e aplicados os questionários e, por fim, foram realizadas as entrevistas.

Abaixo segue a organização das estratégias utilizadas, em etapas:

##### **1ª etapa:**

- Observação simples durante o horário do almoço, incluindo dias em que eram disponibilizados copos descartáveis no RU e dias em que estes não eram disponibilizados.
- Levantamento das principais crenças e de comportamentos dos usuários com relação à substituição dos copos descartáveis pelas canecas de material durável (por meio das observações e registros escritos de notas críticas depositadas pelos usuários em uma urna localizada no RU).
- Análise documental de materiais do arquivo do Núcleo da Agenda Ambiental da UnB e do antigo GT de Resíduos Sólidos da UnB.

##### **2ª etapa:**

- Elaboração do questionário com base nos dados obtidos durante a observação e análise das notas críticas realizadas no primeiro momento.
  - Aplicação dos questionários.

##### **3ª etapa:**

- Elaboração de quatro roteiros de entrevistas semi-estruturadas.

Realização das entrevistas

Uma urna permaneceu no restaurante durante todo o período da campanha para que os usuários do RU pudessem manifestar críticas, comentários e sugestões a respeito da

campanha, ou mesmo tirar dúvidas. Os usuários poderiam depositar suas notas críticas em qualquer horário em que o restaurante estivesse aberto. Nos dias em que os copos descartáveis não eram disponibilizados havia um integrante do Núcleo da Agenda Ambiental – NAA ao lado da urna, localizada no balcão de informações do NAA, atendendo a qualquer dúvida, sugestão ou reclamação dos usuários.

As observações foram realizadas no RU durante o período de retirada dos copos descartáveis do Restaurante. Tal observação durou em média dois semestres letivos, correspondente ao segundo semestre de 2009 e primeiro semestre de 2010, variando entre os dias da semana em que eram disponibilizados copos descartáveis e em que os mesmos não eram disponibilizados. A pesquisadora frequentava o restaurante anotando qualquer comportamento ou comentário relevante e conversava com os funcionários e usuários a respeito do que eles observavam e percebiam sobre a campanha e, especialmente, sobre os comportamentos dos usuários.

Após um mês do início da campanha, no mês de outubro de 2009, em uma quinta-feira, durante o horário do almoço, foi realizado um levantamento do número de usuários portando canecas, ou outro utensílio que substituísse este, como: copos de vidro, garrafinhas, entre outros, para usufruírem do suco. Neste dia ainda estavam sendo disponibilizados os copos descartáveis. Para a realização de tal levantamento, a equipe do NAA pediu permissão à administração do RU e, em parceria com esta, foi informado aos funcionários responsáveis por servir o suco no dia a respeito do levantamento que estava sendo realizado e o propósito do mesmo. Os funcionários foram orientados a fazerem o registro dos usuários que serviam o suco, a fim de verificar os que estavam portando a caneca, ou um outro recipiente durável.

Um segundo levantamento foi realizado três semanas após a realização do primeiro levantamento. O dia foi escolhido por também ser uma quinta-feira, o que caracterizou uma amostragem parecida de usuários. Além disso, também levou-se em consideração o fato de ser a terceira semana sem o fornecimento dos copos descartáveis, o que se pressupunha que os usuários não seriam mais surpreendidos com a falta de copos descartáveis, como afirmavam alguns no início. O procedimento para a realização do levantamento foi o mesmo adotado no primeiro dia.

Em seguida, foram aplicados os questionários aos usuários do RU. Os participantes não foram identificados, sendo-lhes garantido que suas respostas seriam anônimas e sigilosas. O questionário foi autopreenchido e aplicado no Restaurante Universitário durante uma semana, de segunda-feira à sexta-feira, no horário de almoço. Em cada dia da semana a pesquisadora

contou com mais dois colaboradores para aplicação dos questionários, que foram orientados previamente a respeito dos critérios de abordagem dos sujeitos e aplicação dos questionários. Foram considerados como critérios para abordagem dos sujeitos estes estarem sentados dentro do RU, sozinhos e já terem almoçado.

Foram aplicados 211 questionários, sendo que deste total, oito foram descartados por não terem sido respondidos no verso. A aplicação dos questionários aconteceu durante cinco dias consecutivos no mês de agosto de 2010, contemplando assim usuários em todos os dias de maior movimento do restaurante. Dos dias de funcionamento do restaurante, apenas o sábado foi excluído, por não ser considerado um dia de grande movimento de usuários. O horário da pesquisa foi de 12h às 13h40. Em média, foram aplicados 41 questionários por dia. Nesta época ainda eram disponibilizados copos descartáveis em alguns dias da semana.

Devido à greve dos servidores da Universidade de Brasília, ocorrida durante o segundo semestre letivo de 2010, o Restaurante Universitário não exerceu suas atividades normais de atendimento e, por isso, não atendeu dentro da média prevista de atendimento de 4000 usuários durante o almoço. Este fator influenciou na coleta de dados, a qual, inicialmente, deveria ter sido coletada nas filas do restaurante.

Por fim, foram entrevistados oito sujeitos, entre calouros, veteranos, visitantes e funcionários do RU. As entrevistas foram realizadas em janeiro de 2011. Os sujeitos foram entrevistados no próprio RU, seguindo os mesmos critérios de escolha utilizados na aplicação dos questionários. O sujeito deveria estar sentado dentro do RU, sozinho e já ter almoçado. Além desses critérios para a realização da entrevista, buscava-se uma diversidade de usuários, a fim de complementar e aprofundar a compreensão acerca das crenças e dos comportamentos associados ao uso de copo descartável no RU, bem como a percepção desses sujeitos a respeito das mudanças implementadas pelo RU relativas ao uso desse utensílio. Nesse sentido, sujeitos inicialmente abordados tiveram que ser rejeitados até que a amostra de entrevistados compreendendo os diversos segmentos de usuários do RU estivesse completa. Nenhum dos sujeitos entrevistados participou da etapa de preenchimento do questionário.

As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora. Não foi pedido aos sujeitos que se identificassem pelo nome, mas alguns se identificaram ou deram nomes fictícios. Os únicos sujeitos entrevistados após o horário de almoço foram os funcionários do RU, visto o horário de almoço ser o horário de trabalho mais intenso deles. Todas as entrevistas foram gravadas apenas com o gravador e autorizadas pelos participantes. As entrevistas obtiveram em média 10min cada uma.



## **6.5 Análise dos dados**

Considerando a diversidade de métodos e de instrumentos de coleta de dados utilizados foram realizadas análises compatíveis com cada uma das estratégias adotadas na pesquisa. Nesse sentido, foram realizadas análises descritivas, inferenciais e categóricas, conforme os tipos de dados obtidos.

Para os dados das observações realizadas no início da pesquisa, das conversas informais e das notas críticas deixadas pelos usuários na urna foram utilizadas análises descritivas e categóricas, visando identificar os comportamentos manifestos nesse contexto e as crenças subjacentes às reclamações e sugestões deixadas nas urnas, bem como expressas verbalmente durante o processo de implementação da campanha de retirada dos copos descartáveis.

Os dados dos questionários foram analisados por meio do programa estatístico *Statistical Package for the Social Science* – SPSS. Foram utilizadas análises descritivas, análises fatoriais exploratórias, análises de correlação bivariada e análises de regressão múltipla padrão a fim de verificar a confiabilidade das escalas de medidas e as relações entre as crenças ambientais e os comportamentos ecológicos associados ao uso ou não de copos descartáveis no contexto do RU.

As entrevistas seguiram a estrutura da técnica de análise de conteúdo de Bardin, porém com adaptações.

### **6.5.1 Observação, conversas informais e notas críticas**

Foi realizada uma análise descritiva e categórica das observações feitas para elaboração da escala de comportamentos. Após esta análise, foram elencadas as principais crenças ambientais relacionadas ao uso da caneca de material durável e dos copos descartáveis para elaboração da escala de crenças.

### **6.5.2 Questionário**

A análise dos questionários foi realizada com o uso do programa estatístico *Statistical Package for the Social Science* – SPSS, versão 14.0. As análises descritivas foram realizadas para a verificação das características variáveis e para a frequência das características de crenças e comportamentos. As assertivas em sentido negativo foram recodificadas para que ficassem todas na mesma direção.

Inicialmente foi realizada uma análise exploratória para verificação da consistência dos dados e dos pressupostos para as análises multivariadas. Utilizaram-se estatísticas descritivas a fim de verificar-se a distribuição das variáveis. Checou-se a normalidade, a linearidade, casos extremos univariados e a presença de casos extremos multivariados.

Após esta primeira análise, foram realizadas análises fatoriais exploratórias em ambas as escalas. Utilizou-se para tanto o método de extração de fatores Principal Axis Factoring – PAF, indicando que a matriz de correlações é fatorável. O ponto de corte para a inclusão de uma variável foi 0,30.

### **6.5.3 Entrevistas**

Para análise das entrevistas, optou-se por uma adaptação da técnica de análise de conteúdo definida e estudada por Bardin. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é “[...]um conjunto de técnicas de análises das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” (p.40). Ainda segundo a autora, “[...]qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo.” (BARDIN, p.34). De acordo com Bardin, dentro dos domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo encontram-se as discussões, entrevistas, conversas em grupo, entre outros, procurando decifrar aquilo que está por trás das palavras. É conveniente ainda ressaltar que muitas vezes, nesse tipo de análise, o analisador não se limita ao conteúdo, podendo ser uma análise dos significados, mas também dos significantes.

As entrevistas foram, inicialmente categorizadas e, em seguida, divididas em classes de acordo com a variação semântica das falas dos entrevistados.

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa.

## **CAPÍTULO 07**

### **RESULTADOS**

Os resultados serão apresentados na ordem em que os dados foram coletados, respeitando-se a sequência das estratégias metodológicas adotadas, a fim de facilitar a compreensão da realidade investigada.

## **7.1 – Resultados das observações, conversas informais e notas críticas**

Os resultados obtidos durante este acompanhamento foram bastante significativos. Percebeu-se que no início as críticas negativas eram mais frequentes, chegando-se até a presenciar comportamentos agressivos contra funcionários do RU. Segundo a administração do Restaurante, a maior parte das reclamações era devido à falta de informações sobre a campanha, pois, segundo a mesma, os usuários afirmavam desconhecer o “Dia da Caneca” e, por isso, eram surpreendidos com a falta dos copos descartáveis. A sugestão feita por ela foi que, além dos cartazes informativos já distribuídos no restaurante, houvesse também faixas informativas nas entradas do Restaurante Universitário e pessoas informando.

Os funcionários que serviam o suco foram os que mais receberam reclamações de usuários. Em uma das conversas informais realizadas com um dos funcionários do RU, este relatou que muitas vezes percebia que o usuário estava com a caneca presa à mochila, mas, mesmo assim, usava um copo descartável. Para este funcionário as pessoas só usavam mesmo a caneca quando não tinham outra solução.

Uma das reclamações frequentemente dirigidas aos funcionários do RU era com relação ao preço pago quando se compra o ticket para a refeição. Os usuários afirmavam que ao comprar este ticket já estava incluso o suco e, portanto, não era justo que lhes fossem negado o suco por não terem um copo. Alguns frequentadores acreditavam também que a campanha estava associada à necessidade de diminuição dos gastos do RU.

Observou-se que, logo após o início da campanha, nos dias em que não eram disponibilizados os copos descartáveis, aumentou-se o consumo de refrigerante pelos usuários no restaurante. Pode-se imaginar que este comportamento se deve ao fato de que as pessoas começaram a pedir copos descartáveis nas lanchonetes próximas, porém, por sua vez, as lanchonetes provavelmente limitaram o fornecimento do copo descartável àqueles que comprassem um refrigerante.

Outro comportamento observado é que um número razoável de pessoas que não possuíam canecas passou a trazer outros copos de casa, inclusive copos de vidro. No entanto, ainda se presenciava usuários questionando quando iria acontecer uma nova distribuição e, quando informados de que não haveria outra distribuição, apenas a venda no próximo semestre, e se sugeria que trouxessem um copo ou caneca de casa, a pessoa resistia à sugestão, acreditando que o propósito da campanha é que se usasse apenas a “caneca da UnB”.

Durante as observações, percebeu-se ainda diversos comportamentos distintos dos usuários com relação ao uso da caneca de material durável e do copo descartável. Neste período, verificou-se que os usuários utilizam para servir-se de suco as canecas distribuídas pelo NAA, outro tipo de caneca ou copo também de material durável, garrafas plásticas, copos descartáveis conseguidos nas lanchonetes do campus e, até mesmo, os saquinhos usados para embalagem dos talheres.

Com o passar das semanas, percebeu-se que o número de reclamações diminuiu demasiadamente, fato este também confirmado pela administração do restaurante. Percebeu-se, além disso, que os usuários começaram a se acostumar com a falta dos copos descartáveis no RU, mas ainda assim esqueciam suas canecas. No entanto, ainda se observava pessoas que, mesmo portando suas canecas, reclamavam por terem que carregá-las.

O primeiro levantamento realizado após o início da campanha para verificação do número de usuários portando canecas de material durável ou outro recipiente também de material durável, e o segundo levantamento realizado, três semanas após a realização do primeiro levantamento, apresentaram os resultados conforme mostra a tabela 1:

**Tabela nº 02 – Número de usuários portando um recipiente de material durável por refeitório – etapa 1 e etapa 2**

Levantamento 01		Levantamento 02	
Refeitório	N	Refeitório	N
01	67	01	136
02	44	02	139
03	83	03	234
04	40	04	255
05	51	05	164
06	82	06	121
Total	367	Total	1.249

Nota: N significa o número de usuários portando a caneca ou algum outro recipiente de material durável.

Verifica-se na Tabela 02 um número crescente de usuários portando a caneca, ou um outro recipiente de material durável, entre um levantamento e outro.

Com relação às notas críticas depositadas pelos usuários na urna, percebeu-se uma variação muito grande de declarações, variando entre sugestões à campanha e ao RU, críticas de usuários que apoiam à campanha e críticas de usuários que não apoiam à campanha.

Abaixo segue os quadros que representam estas três categorias.

**Quadro 1: Categoria 1 – Sugestões dos usuários sobre a campanha**

<b>CLASSES</b>	<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>
<b>COPOS DURÁVEIS DISPONIBILIZADOS NO PRÓPRIO RU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Comprem copos para o RU!</li> <li>➤ Eu acho que as canecas deveriam fazer parte do conjunto de talheres do RU</li> <li>➤ Usem copos de vidro que possam ser lavados no RU</li> </ul>	2
<b>DISTRIBUIÇÃO DE CANECAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sugiro que canecas de plástico sejam distribuídas</li> <li>➤ Distribuir canecas dobráveis</li> </ul>	2
<b>MELHORAR A ESTÉTICA DAS CANECAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Façam canecas coloridas! Rosas, vermelhas, roxas, amarelas</li> </ul>	1
<b>ELIMINAR TAMBÉM O USO DE OUTROS MATERIAIS PLÁSTICOS NO RU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eliminar definitivamente todos os saquinhos plásticos usados para os talheres</li> </ul>	1
<b>REDUÇÃO DO PREÇO DA REFEIÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Proponho uma redução no custo do almoço</li> </ul>	1
<b>IMPEDIR A ENTRADA DE USUÁRIOS PORTANDO COPOS DESCARTÁVEIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Se é para acabar com o uso do copo descartável, por que permitem a entrada com copos plásticos?</li> </ul>	1

O quadro 1 representa as sugestões dos usuários para o aperfeiçoamento da campanha de redução de resíduos no RU. Como demonstrado na tabela, a disponibilização de copos de material durável seria uma das opções que mais agradariam aos usuários, visto que uma das reclamações mais presentes referem-se ao incomodo de se carregar as canecas e o próprio esquecimento das mesmas pelos usuários.

**Quadro 2: Categoria 2 – Críticas de usuários que apoiam a campanha**

<b>CLASSES</b>	<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>
<b>QUESTÃO AMBIENTAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eu sou contra o copo descartável porque sou a favor do nosso planeta.</li> </ul>	2

➤ Chega de copo descartável, sim a atitude e ao comprometimento com um mundo melhor!	
<b>OUTROS</b>	
➤ Eu achei muito boa essa ideia de bloquear os copos descartáveis.	2
➤ O dia das canecas deveria ser todos os dias da semana!	
<b>CRÍTICA AO CARÁTER AUTORITÁRIO</b>	1
➤ Adoro a iniciativa, porém o caráter autoritário do meio não é o ideal.	

O quadro 2 mostra que a maioria dos usuários que apoiam a campanha tem como principal fator gerador de mobilização a questão ambiental. Nas críticas classificadas em “outros” não foi possível identificar o que levou os usuários ao apoio da campanha. Estes apenas afirmam que apoiam e a que a iniciativa é interessante.

### Quadro 3: Categoria 3 – Críticas de usuários que não apoiam a campanha

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>IMPOSIÇÃO</b>		
➤ Me parece descabido impor uma atitude ecológica aos usuários		2
➤ Não concordo, isso não é campanha, é imposição!		
<b>FALTA DE INFORMAÇÃO</b>		1
➤ Falta informação ao visitante quanto ao programa.		
<b>RESPONSABILIDADE</b>		1
➤ Quem acaba com o meio ambiente são as indústrias.		
<b>OUTROS</b>		1
➤ Queremos os copos de volta!		

Com relação ao quadro 3, percebe-se que uma das falas mais recorrentes dos usuários é com relação a um caráter “impositivo” que, segundo os usuários, foi assumido pelos responsáveis pela realização da campanha e pela própria direção do RU. De acordo com os usuários, este caráter impositivo foi bastante visível pelo fato dos usuários não terem tido poder de escolha entre a continuidade do fornecimento dos copos descartáveis no restaurante.

## 7.2 – Resultados dos questionários

Algumas variáveis foram recodificadas para que a escala ficasse com todos os itens na mesma direção. Desta forma, os valores numéricos mais altos representam maior adesão a

determinada crença ou comportamento. Os valores ausentes foram inferiores a 5% e foram substituídos pela média em cada variável.

### 7.2.1 – Escala de crenças ambientais

A escala de crenças ambientais não manteve a mesma estrutura fatorial da escala original de Pato (2004), que tinha dois fatores. Devido às características específicas do público e do local pesquisado, os itens foram modificados e alguns eliminados. Na adaptação elaborada para esse estudo houve redução de itens em relação à escala original, tendo em vista a especificidade das crenças relacionadas ao uso ou não de caneca no RU.

Foram realizadas análises fatoriais exploratórias. As variáveis foram testadas para dois e três fatores, no entanto, a melhor solução fatorial encontrada foi a de dois fatores, sendo estes “crenças favoráveis ao uso da caneca” e “crenças desfavoráveis ao uso da caneca”.

O índice Kaiser-Meyer-Olkin – KMO (medida de adequação da amostra) para a escala de crenças ambientais foi de 0,65 e o Bartlett’s Test foi de  $X^2 = 270,660$ ,  $df = 66$ ,  $p = 000$ . Esses resultados revelaram que a amostra é relativamente pequena e possivelmente não se adequa de modo satisfatório para a realização das análises multivariadas, fato este que justifica-se pela greve ocorrida na Universidade durante a coleta de dados. Outro fator que influenciou nos resultados foi o momento de transição no qual a pesquisa foi realizada. Entende-se por esse fato que muitos usuários ainda não tinham uma opinião completamente formada a respeito do uso das canecas e dos copos descartáveis.

Após a análise fatorial, a escala de crenças, inicialmente com 12 itens, permaneceu com 8 itens. O fator “crenças favoráveis ao uso da caneca” agrupou 4 itens ( $\alpha = 0,54$ ) e o fator “crenças desfavoráveis ao uso da caneca” 4 itens ( $\alpha = 0,58$ ). Do total de itens, 8 obtiveram carga fatorial significativa, o que contribuiu para a explicação dos fatores. Os itens que não apresentaram carga fatorial acima do ponto de corte de 0,30 foram removidos.

A solução fatorial está apresentada na Tabela 04 com os dois fatores. As variáveis foram ordenadas e agrupadas de acordo com o tamanho das cargas a fim de facilitar a interpretação.

**Tabela nº 04 – Cargas fatoriais (F1, F2) e comunalidades (h2) das crenças ambientais**

Itens da escala	F1	F2	h2
Cr8 - Manter a caneca higienizada quando estou na UnB é fácil	0,851		0,291
Cr5 - É incomodo carregar a caneca quando estou na UnB	0,498		0,355

Cr9 - Usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental	0,344		0,200
Cr1 - Usar uma caneca de material durável diminuiu o gasto de água	0,312		0,134
Cr11 - O problema do lixo na cidade é muito maior e é indiferente a UnB reduzir o volume		0,565	0,355
Cr10 - Há exageros nos problemas ambientais associados ao uso do copo descartável		0,563	0,361
Cr4 - O uso da caneca de material durável compromete a higiene		0,435	0,274
Cr3 - A maior parte dos resíduos gerados no campus tem destinação adequada		0,302	0,095
% de variância	14,90	7,17	

Nota: F1 Crenças favoráveis ao uso da caneca; F2 Crenças desfavoráveis ao uso da caneca

O fator que diz respeito às “crenças favoráveis ao uso da caneca” (F1) está associado às crenças ecocêntrica, as quais são caracterizadas pela preocupação do sujeito para com o meio ambiente e sua inter-relação de dependência com o mesmo. Está de acordo com ideias do tipo: “cuidar do meio ambiente é dever e necessidade de todos”, “um ambiente limpo contribuiu para a qualidade de vida”.

Já o fator “crenças desfavoráveis ao uso da caneca” (F2), está associado às crenças antropocêntricas, as quais se caracterizam pela relação de dominação do homem sobre a natureza, onde a natureza é vista como meio a ser explorado. Nesta visão, homem e natureza são independentes entre si. Ideias do tipo: “consumir embalagens descartáveis não polui o meio ambiente, pois são recicláveis” e “diminuir o consumo de água ao tomar banho é indiferente, pois os recursos naturais são infinitos” são características de pessoas com esse tipo de crenças.

A Tabela 05 destaca os dois fatores, com suas respectivas médias e desvios padrão.

**Tabela nº 05 – Média e desvio padrão por fatores das crenças ambientais**

Fatores		M	DP
<b>F1</b>	Cr8 - Manter a caneca higienizada quando estou na UnB é fácil	3,38	1,43
	Cr5 - É incomodo carregar a caneca quando estou na UnB	3,26	1,59
	Cr9 - Usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental	4,52	0,79
	Cr1 - Usar uma caneca de material durável diminuiu o gasto de água	2,94	1,46
	Cr11 - O problema do lixo na cidade é muito maior e é indiferente a UnB reduzir o volume	4,28	1,23



<b>F2</b>	Cr10 - Há exageros nos problemas ambientais associados ao uso do copo descartável	3,49	1,46
	Cr4 - O uso da caneca de material durável compromete a higiene	4,03	1,30
	Cr3 - A maior parte dos resíduos gerados no campus tem destinação adequada	3,59	1,02

As tabelas a seguir demonstram as crenças ambientais que representaram os maiores índices de frequência nas opções “Concordo Totalmente” e “Concordo em Parte” ou nas opções “Discordo Totalmente” e “Discordo em Parte”.

**Tabela nº 06 – Usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental**

Pontos na Escala	N	%
<b>Discordo totalmente</b>	3	1,5
<b>Discordo em parte</b>	5	2,5
<b>Não discordo e nem concordo</b>	6	3,0
<b>Concordo em parte</b>	58	28,6
<b>Concordo Totalmente</b>	130	64,0
<b>Sem resposta</b>	1	5,0
<b>Total</b>	203	100

A tabela acima apresenta os dados encontrados referente à crença “Usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental”. Nesta tabela verifica-se que 92% dos usuários afirmam que “Concordam totalmente” ou “Concordam em parte” que usar uma caneca pessoal de material durável contribui para diminuição do impacto ambiental, visto que ao usar a caneca, estão deixando de usar copos descartáveis e, com isso, deixando de gerar resíduos.

**Tabela nº 07 – Manter a caneca higienizada quando estou na UnB é fácil**

Pontos na Escala	N	%
<b>Discordo totalmente</b>	27	13,3
<b>Discordo em parte</b>	45	22,2

<b>Não discordo e nem concordo</b>	11	5,4
<b>Concordo em parte</b>	61	30,0
<b>Concordo Totalmente</b>	57	28,1
<b>Sem resposta</b>	2	1,0
<b>Total</b>	203	100

Na Tabela 07 observamos que 58,1% dos usuários afirmam que “Concordam totalmente” ou “Concordam em parte” que manter a caneca higienizada quando estes encontram-se no ambiente universitário é uma tarefa fácil. Este dado revela que muitos usuários ainda possuem dificuldade em manter sua caneca pessoal higienizada, apesar da maioria acreditar que isso é possível.

**Tabela nº 08 – O uso da caneca de material durável compromete a higiene**

<b>Pontos na Escala</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Discordo totalmente</b>	111	54,7
<b>Discordo em parte</b>	40	19,7
<b>Não discordo e nem concordo</b>	9	4,4
<b>Concordo em parte</b>	31	15,3
<b>Concordo Totalmente</b>	11	5,4
<b>Sem resposta</b>	1	5,0
<b>Total</b>	203	100

Esta tabela revela que a maioria dos usuários (74,4%) acredita que o uso da caneca não compromete a higiene. Verifica-se aqui que os usuários possivelmente atribuem a higiene pessoal a uma responsabilidade individual e, portanto, o uso da caneca dependeria do uso que este usuário faria dela.

### 7.2.2 – Escala de Comportamento Ecológico

A escala de comportamento ecológico foi baseada no modelo utilizado por Pato (2004) – escala comportamento ecológico (ECE). Diferentemente da escala original, a escala utilizada não possui itens de desejabilidade social.

A escala de comportamento ecológico associado ao uso do copo descartável descreve algumas ações relacionadas ao uso do copo descartável e da caneca de material durável quando o usuário encontra-se no Restaurante Universitário.

A escala original deste estudo era composta por 11 itens e, após a análise fatorial, permaneceram 7. Tal fator denominado “comportamento ecológico”, explicou 26,68% da variância da escala. O KMO foi significativo, sendo igual a 0,72 e o Bartlett’s Test igual a  $X^2 = 255,396$ ,  $df = 28$ ,  $p = 000$ . A escala não apresentou problemas de multicolinearidade, singularidade e fatorabilidade.

O ponto de corte para a inclusão de uma variável dentro do fator foi de 0,30. Uma nova análise fatorial foi feita após a retirada das variáveis que não apresentaram carga fatorial suficiente. As variáveis foram ordenadas com base no tamanho das cargas a fim de facilitar a interpretação.

**Tabela nº 09 – Cargas fatoriais e comunalidades das variáveis da escala de comportamento ecológico**

Itens da escala	F1	h2
CE5 - Se esqueço minha caneca utilizo um copo descartável	0,664	0,389
CE9 – Compartilho a caneca com outra pessoa quando esqueço a minha	0,593	0,302
CE10 - Utilizo minha caneca em outros ambientes fora do RU	0,553	0,291
CE7 - Uso minha caneca independente dos meus colegas estarem usando copo descartável	0,507	0,210
CE1 - Evito desperdiçar água quando lavo a caneca no RU	0,472	0,193
CE4 - Deixo de beber suco quando esqueço a caneca	0,415	0,192
CE2 – recodificado (NÃO) Uso copos descartáveis sempre que estão disponíveis	0,334	0,198

Nota: F1 = comportamento ecológico

A Tabela 10 apresenta as médias e os desvios padrão dos itens da escala de comportamento ecológico.

**Tabela nº 10 – Média e desvio padrão do fator comportamento ecológico**

<b>Itens da escala</b>	<b>M</b>	<b>DP</b>
CE7 - Uso minha caneca independente dos meus colegas estarem usando copo descartável	4,62	1,27
CE1 - Evito desperdiçar água quando lavo a caneca no RU	4,32	1,27
CE10 - Utilizo minha caneca em outros ambientes fora do RU	3,66	1,67
CE4 - Deixo de beber suco quando esqueço a caneca	3,33	1,80
CE9 - Compartilho a caneca com outra pessoa quando esqueço a minha	2,56	1,81
CE2 – recodificado (NÃO) Uso copos descartáveis sempre que estão disponíveis	2,53	1,43
CE5 - Se esqueço minha caneca utilizo um copo descartável	2,43	1,72

As Tabelas 11 e 12 apresentam os comportamentos com maior frequência nos pontos “Sempre” e “Quase sempre” ou “Nunca” e “Quase Nunca”.

**Tabela nº 11 – Compartilho a caneca com outra pessoal quando esqueço a minha**

<b>Pontos na Escala</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	90	44,3
<b>Quase nunca</b>	29	14,3
<b>De vez em quando</b>	31	15,3
<b>Quase sempre</b>	9	4,4
<b>Sempre</b>	14	6,9
<b>Sem resposta</b>	2	1,0
<b>Total</b>	203	100,0

Verifica-se na tabela acima que a maioria dos usuários não compartilha uma caneca com um colega quando não estão ou não possuem a sua própria. Talvez um dos fatores que levaram a esse resultado seja devido à campanha de prevenção do vírus H1N1 que foi realizada juntamente a campanha de redução dos copos descartáveis e que visava, entre outros objetivos o não compartilhamento de objetos pessoais como a caneca.

**Tabela nº 12 – Se esqueço minha caneca utilizo um copo descartável**

<b>Pontos na Escala</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Nunca</b>	90	44,3
<b>Quase nunca</b>	29	14,3
<b>De vez em quando</b>	31	15,3
<b>Quase sempre</b>	9	4,4
<b>Sempre</b>	14	6,9
<b>Sem resposta</b>	2	1,0
<b>Total</b>	203	100,0

Na Tabela 12 percebe-se a maioria dos usuários (58,6 %) não utiliza um copo descartável quando não estão com as suas canecas pessoais. Porém, os dados revelam que a amostra ainda encontra-se bastante dividida com relação a este comportamento.

### **7.2.3 – Variáveis específicas**

Após a análise dos questionários percebeu-se a omissão de algumas respostas, visto que os participantes, em poucos casos, deixaram de marcar alguns itens. A variável “idade” foi recodificada a fim de facilitar a análise.

As questões fechadas específicas sobre o ativismo ambiental foram analisadas de modo descritivo obtendo-se os seguintes resultados:

**Tabela nº 13 – Sujeitos favoráveis à Campanha de substituição de copos descartáveis por canecas**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Sim</b>	171	84,2
<b>Não</b>	30	14,8
<b>Sem resposta</b>	2	1
<b>Total</b>	203	100

Esta tabela representa os sujeitos que se declaram favoráveis à campanha de substituição de copos descartáveis por canecas de material durável. De acordo com os

resultados, 84,2 % dos respondentes disseram ser favoráveis à campanha, um número bastante significativo.

**Tabela nº 14 – Usuários que possuem a caneca pessoal de material durável**

	N	%
<b>Sim</b>	142	70
<b>Não</b>	60	29,6
<b>Sem resposta</b>	1	0,5
<b>Total</b>	203	100

Neste item os usuários deveriam declarar se possuem uma caneca pessoal de material durável. Segundo os dados acima expostos, 70% dos usuários frequentadores do RU possuem a caneca. Porém, verifica-se que ainda existem usuários que não possuem sua caneca de material durável, tendo, portanto, que deixar de beber o suco, compartilhar a caneca com outra pessoa, usar uma garrafa ou trazer um copo descartável.

**Tabela nº 15 – Usuários que já participaram de atividades cujo objetivo foi a proteção ambiental**

	N	%
<b>Sim</b>	118	58,1
<b>Não</b>	81	39,9
<b>Sem resposta</b>	4	2
<b>Total</b>	203	100

Nesta tabela percebe-se que a maior parte dos usuários (58,1%) declarou já ter participado de alguma atividade cujo objetivo tenha sido a proteção ambiental. Existe hoje uma crescente demanda por atividades, pesquisas, congressos, entre outros, que busquem a proteção ambiental ou mesmo discussões sobre questões relativas ao meio ambiente.

### **7.3 – Resultados das entrevistas**

De acordo com a análise elaborada neste trabalho, os resultados apontados foram dispostos em oito categorias. Cada uma das categorias encontradas agrupa classes, as quais foram organizadas de acordo com a relação semântica dos termos encontrados nas respostas dadas pelos participantes da pesquisa. O número de ocorrências corresponde ao número de

respostas que os participantes deram. Cada participante poderá apresentar mais de uma resposta para cada classe, ou mesmo deixar de apresentar respostas. Portanto, o número de ocorrências por categoria não necessariamente corresponderá ao mesmo número de participantes entrevistados.

Foram entrevistados ao todo oito sujeitos distribuídos, de acordo com a categoria situacional na Universidade, sendo estes: três estudantes veteranos, dois visitantes, dois funcionários do RU e um estudante calouro.

As questões representadas nos Quadros 1, 5, 6, 7, 8 foram feitas a todos os sujeitos participantes da pesquisa; as questões dispostas nos Quadros 2, 3 e 4 foram feitas apenas aos sujeitos enquadrados nas categorias situacionais estudante veterano, funcionário do RU e visitante.

**Quadro 4: Categoria 4 – Percepção quanto a substituição dos copos descartáveis por canecas no RU/UnB**

<b>CLASSES</b>	<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>
<b>PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Preserva mais o meio ambiente.</li> <li>➤ Reduz o impacto ambiental.</li> <li>➤ É uma ideia boa.</li> <li>➤ Polui menos.</li> <li>➤ Acho legal.</li> </ul>	5
<b>ASPECTOS HIGIÊNICOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Acho copos descartáveis nojentos.</li> <li>➤ Desconfio que os copos descartáveis sejam reutilizados.</li> <li>➤ Não ter copo descartável é limpeza.</li> <li>➤ Diminui a sujeira do campus.</li> </ul>	3
<b>ASPECTOS ECONÔMICOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Reduz muito os gastos do RU.</li> <li>➤ Diminui o desperdício de café.</li> </ul>	2
<b>QUALIDADE E ESTÉTICA DO MATERIAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A caneca é mais segura, mais bem trabalhada, o material é de primeira.</li> </ul>	1

O Quadro 4 apresenta as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa sobre a percepção dos mesmos acerca da substituição dos copos descartáveis por canecas de material durável no Restaurante Universitário. A seguinte pergunta “**O que você acha da substituição dos copos**

**descartáveis por canecas aqui no RU**” foi realizada a todos os 8 entrevistados, e nenhum deixou de respondê-la.

De acordo com os resultados encontrados, percebe-se que todos os entrevistados avaliaram positivamente a ação, e que a maioria dos respondentes alia esta campanha à classe **“Preservação do Meio Ambiente”**.

Algumas falas como a do estudante calouro JE *“Eu acho legal! Eu acho que gasta menos petróleo. Preserva mais o meio ambiente. Também, o copo durável que a UnB dá, pode ser reutilizado.”* destacam a relação feita pelos próprios usuários entre o fato de se preservar o meio ambiente aos fatos de se extrair menos petróleo da natureza reutilizando-se copos duráveis (mesmo que estes também sejam fabricados com o material plástico) e deixando-se de usar copos descartáveis.

Mesmo que muitos não percebam esta mesma relação feita pelo calouro JE, o que pode ser percebido muitas vezes nas frases curtas dadas pelos participantes, como *“Eu acho legal a ideia.”* (veterano MA) ou mesmo, *“Eu acho que é uma ideia boa [...]”* (visitante JO), respostas estas dadas sem maiores explicações, entende-se que os sujeitos percebem que há uma relação, mas não sabem como traduzi-la de maneira clara e explícita. Percebe-se claramente isto na fala do funcionário SE quando o mesmo tenta explicar uma possível relação, mas confunde-se: *“Como é que se chama, que pode acontecer ou provocar o plástico?”*. O entrevistado tenta explicar a relação entre o uso do copo descartável e a demora na degradação do material quando este é depositado na natureza, mas não consegue ser objetivo na sua resposta, não conseguindo expressar o que realmente gostaria.

A classe **“Aspectos Higiênicos”** também chama a atenção, visto que 3 dos 8 entrevistados levantaram esta questão em suas falas. Uma declaração que merece destaque é a da estudante veterana SA. Segundo ela, a retirada dos copos descartáveis foi um ganho muito grande. A estudante afirmou já ter presenciado lugares onde os copos descartáveis são reutilizados, após serem lavados e, por isso, acredita que seja possível que no RU aconteça o mesmo. Para ela o uso do copo descartável é uma ação extremamente anti-higiênica, pois não se sabe ao certo a procedência dos mesmos.

*Eu achei a melhor forma assim sabe, porque, na verdade, eu acho copo descartável muito nojento, né, porque você não sabe onde eles estavam, se são mesmo novos ou não, sabe, é meio complicado, porque já fui em festinhas que eles lavavam os copos descartáveis e reutilizavam. (estudante veterana SA)*



**Quadro 5: Categoria 5 – Pontos positivos percebidos durante o processo de substituição dos copos descartáveis por canecas**

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>REDUÇÃO DE RESÍDUOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Antes as lixeiras estavam sempre cheias.</li> <li>➤ Foi bom retirar os copos e nunca mais voltar.</li> <li>➤ Diminuiu a sujeira no RU e no campus.</li> <li>➤ Observei que já não tinha mais aquele volume de lixo.</li> </ul>	4
<b>ADAPTAÇÃO AOS NOVOS HÁBITOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ E aí eles se viravam de outra forma.</li> <li>➤ Copo descartável já era.</li> </ul>	2
<b>GEROU REFLEXÃO SOBRE O ASSUNTO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ As pessoas começaram a conversar sobre o assunto, o que gerou uma certa curiosidade.</li> </ul>	1
<b>MAIS HIGIENE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ A caneca é fantástica, é bem mais higiênica que o copo descartável.</li> </ul>	1
<b>AUMENTO DA DIVULGAÇÃO E INFORMAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Avisam com antecedência os dias que não teriam copos descartáveis.</li> </ul>	1
<b>REDUÇÃO DOS GASTOS DO RU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Reduziu inclusive o desperdício de café no RU.</li> </ul>	1

A pergunta traduzida nos Quadros 5 e 6 não foi feita aos calouros, visto que por estes terem ingressado na Universidade após o início da campanha, não puderam acompanhar o processo de retirada dos copos descartáveis do RU. Desta forma, excluído o calouro, os 7 restantes participantes responderam à pergunta “**Quais foram os pontos positivos que você observou durante o processo de substituição dos copos descartáveis por canecas? E os negativos?**”. O Quadro 2 revela as respostas dadas pelos participantes a respeito dos pontos positivos, e o Quadro 3 refere-se aos pontos negativos observados.

De acordo com a análise das entrevistas, pode-se levantar alguns dos principais pontos positivos relacionados à campanha de substituição dos copos descartáveis por canecas, segundo os próprios usuários e funcionários do RU. A classe com maior número de ocorrências, ou seja, citada por 4 dos 7 entrevistados, é relativa à “**Redução de Resíduos**”, principalmente dos resíduos advindos do Restaurante Universitário.

De acordo com as falas dos entrevistados, a diminuição dos resíduos sólidos no restaurante foi notável. As falas, em sua maioria, dizem respeito à redução dos resíduos nas

lixeiros dentro do restaurante, e mesmo ao redor deste. A estudante veterana SA, por exemplo, observou que muitos usuários tinham o costume de sair com o copo descartável do restaurante e descartá-lo em locais impróprios como jardins ou calçadas próximas ao RU. Segundo a estudante “[...] as pessoas elas vão saindo do RU com o copo na mão bebendo, alguma coisa assim, aí vão e jogam. As lixeiras sempre estavam cheias ou coisa do tipo.”

Outra fala que merece destaque é a do visitante JO:

*[...] ah, querendo ou não só de você passar em um prédio desses e vê aquele tanto de copo descartável que, querendo ou não, ocupa o maior volume, só de você observar que já não tinha mais aquele volume, acho que gera uma coisa boa né, que mesmo quem achava que era uma coisa ruim, só de prestar atenção nessas coisas pensava que tava valendo a pena, né. (visitante JO)*

Para JO, a retirada dos copos descartáveis do RU não apenas reduziu o volume dos resíduos nas lixeiras do restaurante, como gerou uma reflexão nas pessoas acerca da problemática. O veterano acredita que esta ação pode ter influenciado inclusive na mudança de valores, crenças ou atitudes dos usuários.

**Quadro 6: Categoria 6 - Pontos negativos percebidos durante o processo de substituição dos copos descartáveis por canecas**

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>RECLAMAÇÕES DOS USUÁRIOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem reclama é quem não sabe.</li> <li>➤ Reclamação tem dos alunos, chegam e pedem o copo pra nós.</li> <li>➤ Eles pensam que a gente não quer dar o copo.</li> <li>➤ Vi muita gente falando isso, que achava que a caneca ocupava um lugar indesejável na mochila.</li> </ul>	4
<b>FALTA DE HÁBITO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Por falta de hábito acabava esquecendo a caneca.</li> <li>➤ No começo era assim, ninguém estava acostumado, e acaba esquecendo.</li> </ul>	2

O Quadro 7 é decorrente de uma extensão da mesma pergunta já exposta no Quadro 6, portanto também não foi feita ao estudante calouro. Neste quadro estão expostos os pontos negativos percebidos pelos entrevistados durante o processo da eliminação dos copos descartáveis no restaurante. Dos 7 entrevistados, 5 elencaram pontos negativos relacionados a campanha, e apenas duas classes foram identificadas, sendo elas: **“Reclamações dos**

**Usuários**” e a **“Falta de Hábito”**. Esta última classe, segundo os entrevistados, incomodava muitos usuários, visto que estes muitas vezes tinham que deixar de beber suco por terem esquecido sua caneca.

A classe com maior número de ocorrências foi a **“Reclamações dos usuários”**. Segundo os entrevistados, as reclamações observadas dizem respeito não apenas às reclamações feitas aos funcionários do RU, como também às reclamações trocadas espontaneamente com colegas, por exemplo, durante os momentos em que se encontravam no Restaurante Universitário.

O visitante JO observou que um fato que incomodava bastante aos usuários era a dificuldade de se carregar a caneca, seja na mochila, seja em outro local.

*[...] muita gente achava que ocupava um espaço indesejável. Apesar de que eu não acho que era tanto espaço assim, a caneca eu acho não pega muito. Mas vi muita gente falando isso, que ocupava um espaço a mais ali. [...] Pois então sua mochila não cabe nem um livro né, se não cabe uma caneca dentro. Eu acho que era mais desculpa mesmo. (visitante JO)*

Mas, ainda assim, percebe-se que aqueles mais sofreram com as reclamações foram os funcionários do restaurante. Segunda a funcionária JA, era comum que os estudantes os interrogassem com perguntas como: *“Ah, não tem copo mais não? Por que, acabou o copo descartável? Ai a gente fala: vocês têm que trazer seus copos, como a gente também tem que trazer o nosso.”* (funcionária JA). Para a funcionária, era importante demonstrar aos usuários que eles, funcionários, não tinham privilégios quanto ao uso dos copos descartáveis. Segunda ela, era sempre reforçado que esta era uma decisão superior, e cabia a todos colaborar com a campanha.

**Quadro 7: Categoria 7 - Percepção quanto às mudança nos comportamentos dos usuários do RU, após a eliminação dos copos descartáveis**

CIASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<p><b>PASSARAM A USAR A CANECA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Se não todos, mas a grande maioria, já anda com a sua caneca.</li> <li>➤ A medida que o tempo foi passando, eles perceberam que não tinham outra opção e trouxeram suas canecas.</li> <li>➤ Alguns amigos meus usam a caneca agora sempre.</li> <li>➤ Cada um se vira como pode, traz sua própria caneca, já tá conformado.</li> <li>➤ Aumentou o número de pessoas usando essa caneca com esse logotipo.</li> </ul>		6

<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Tem muita gente carregando aquelas canecas na mochila agora.</li> </ul>	
<p><b>PASSARAM A USAR OUTRO RECIPIENTE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Trazem sua própria garrafinha d'água.</li> <li>➤ A maioria pega uma garrafa porque muitos não tem copo.</li> <li>➤ Aumentou bastante o número de garrafinhas.</li> </ul>	4
<p><b>PASSARAM A TER MAIS CONSCIÊNCIA SOBRE AS QUESTÕES AMBIENTAIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quem mais usa canecas são aqueles que têm essa consciência de que copo descartável prejudica o meio ambiente.</li> <li>➤ Eles estão mais conscientes agora de que é melhor usar a caneca.</li> </ul>	2
<p><b>DEIXARAM DE BEBER O SUCO DO RU</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ As pessoas preferem deixar de beber suco do que usar a caneca.</li> </ul>	1
<p><b>PASSARAM A TRAZER COPOS DESCARTÁVEIS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Elas vão, compram alguma coisa, e trazem seu copo descartável.</li> </ul>	1
<p><b>PASSARAM A DISCUTIR SOBRE O ASSUNTO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ As pessoas passaram a conversar sobre o uso do copo descartável.</li> </ul>	1

O Quadro 7 refere-se a pergunta **“Você observou alguma mudança nos comportamentos das pessoas que frequentam o RU após a eliminação dos copos descartáveis? Quais? Dê alguns exemplos”**. Esta pergunta também não foi feita aos calouros pelo mesmo motivo apresentado na questão anterior. Todos os 7 entrevistados levantaram possíveis mudanças de comportamento percebidas nos usuários após a retirada dos copos descartáveis do RU.

A classe com maior número de ocorrência nessa categoria é referente à mudança de comportamento dos usuários que, segundo os entrevistados, **“Passaram a usar a caneca”**. Foram identificadas 6 ocorrências para esta classe. A segunda classe, também bastante citada com 4 ocorrências, é referente aos usuários **“Passarem a usar outro recipiente”** como garrafas d'água, copos ou canecas diferentes da com a logo da UnB, entre outros. Ambas as classes estão intrinsecamente ligadas visto que, pela indisponibilidade dos copos descartáveis no RU, os usuários tiveram que adaptar-se às novas regras utilizando-se para tanto das **“canecas da UnB”**, ou outros tipos de recipientes, com a mesma função da caneca. Segundo algumas falas dos entrevistados, muitos usuários passaram a usar outro tipo de recipiente porque não tinham a caneca fornecida pela UnB, seja por não a terem recebido, seja por tê-la perdido.

**Quadro 8: Categoria 8 – Percepção quanto ao uso da caneca ou outros recipientes em outros espaços da Universidade**

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>NOS CORREDORES EM GERAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ As pessoas sempre andam com sua garrafinha de água.</li> <li>➤ Bastante gente usa, aqui na UnB toda, em geral.</li> <li>➤ Aqui você consegue constantemente ver alguém usando uma caneca.</li> </ul>	3
<b>DURANTE AS AULAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Durante o horário de aula as pessoas saem para encher os copos e voltam com eles cheios.</li> <li>➤ Na sala de aula normalmente as pessoas têm garrafinha, que é enchida durante o dia.</li> </ul>	2
<b>NAS LANCHONETES DO CAMPUS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quando compro café, peço para usar meu copo.</li> </ul>	1
<b>NOS CA'S</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Em alguns CA's você vai passando e repara.</li> </ul>	1
<b>NOS ESPAÇOS VERDES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ali do lado de fora nos espaços verdes.</li> </ul>	1
<b>NOS EVENTOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Nos eventos na FAU, na Florestal.</li> </ul>	1

O Quadro 8 expõe as percepções dos usuários quanto ao uso da caneca ou de outros recipiente em outros espaços da Universidade fora do RU.

A pergunta **“E fora do RU, você tem observado pessoas usando canecas? Em que espaços? Você acredita que esse número tenha aumentado após a eliminação dos copos descartáveis no restaurante?”** foi feita a todos os 8 entrevistados. De acordo com as declarações dos usuários, é comum ver estudantes usando canecas durante a aula. Nos corredores percebe-se com frequência o uso de garrafas d'água, as quais são reutilizadas várias vezes durante certo período.

O visitante DA informou que almoça no RU pelo menos três vezes por semana e que, por participar de um grupo de música, sempre frequenta diversos outros locais da Universidade. Para ele *“[...] dentro da Universidade você consegue constantemente ver alguém usando uma caneca.”* (visitante DA). Ele informou ainda que observa que, além dos corredores, também percebe pessoas usando canecas em outros ambientes como os CA's e festas universitárias organizadas pelos estudantes.

Segundo o estudante calouro JE “Durante o horário de aula as pessoas saem para encher o copo e voltam com ele cheio.” (estudante calouro JE). O estudante afirmou que é comum durante todo o período de aula os colegas saírem com suas próprias canecas para enchê-la de água. O estudante afirma que o uso da caneca facilita muito aos estudantes, pois com ela não é preciso sair a todo o momento, interrompendo a participação na aula, para beber água nos bebedouros espalhados pelos corredores da Universidade.

**Quadro 9: Categoria 9 - Estratégias sugeridas para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB**

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>CONTINUAR COMO ESTÁ</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eu vejo que o RU já faz tudo, já está bom assim, o povo está aderindo.</li> <li>➤ Continuar o trabalho de conscientização que já estão fazendo.</li> <li>➤ Assim já está legal, já está funcionando.</li> <li>➤ Eu acho que essa caneca foi a melhor solução que teve até agora.</li> </ul>	4
<b>DAR CONTINUIDADE AO LONGO DO SEMESTRE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Acho que deveria ser feita uma campanha mais constante, de forma mais incisiva.</li> <li>➤ Devia ter uma continuidade, estar sempre conscientizando.</li> <li>➤ Não pode morrer, tem que estar sempre conscientizando.</li> </ul>	3
<b>EXPANDIR PARA OUTROS LOCAIS FORA DO RU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Ficou tudo muito restrito ao RU.</li> <li>➤ Um grupo deveria ir às turmas, ou então conversar com os CA's</li> </ul>	2
<b>AUMENTAR O NÚMERO DE INFORMAÇÕES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Sinto que as vezes as campanhas não explicam todos os detalhes.</li> </ul>	1
<b>DISTRIBUIR MAIS CANECAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Dar mais caneca pro pessoal que estuda aqui, porque pra mim essa garrafa é pior que o copo descartável.</li> </ul>	1
<b>DAR UMA MULTA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eu acho que deveria ser dada uma multa para essas pessoas que cometerem esse ato de destruição à natureza.</li> </ul>	1

No Quadro 9 estão expostas as sugestões dos entrevistados para aperfeiçoamento das estratégias de campanha. A todos os entrevistados foi feita a pergunta “**Que estratégias você sugere para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB?**”. Todos eles sugeriram algo, resultando assim em 6 classes diferentes de sugestões.

A maioria informou que acredita que as estratégias estão boas da maneira com que vem ocorrendo, mas, mesmo assim, creem que podem ser melhoradas. Este dado pode ser percebido na fala do visitante DA “Assim já tá legal, já tá funcionando! [...] Eu acho que cada ano pode ser melhor. Vocês vão se aperfeiçoando. Vocês não, nós. E aprendendo. Nós humanos nos aperfeiçoamos. E aprendemos que não podemos fazer mal à natureza.”. O entrevistado demonstrou estar satisfeito com a campanha, mas, mesmo achando que a mesma pode ser melhor, não encontrou novas ideias para sugerir no momento da entrevista.

Outra fala interessante foi a do estudante veterano MA:

*“Eu acho que se fosse feita uma campanha mais constante, que debatesse não só aquele papo chato, que tem que usar porque é bom e tal. Mas sim mostrar seus motivos, mostrar os reais fatos, de forma mais incisiva. Por exemplo, nesse semestre mesmo não vi alguém falando sobre isso e tal. Os calouros chegaram e já se depararam com o sistema assim né, então eles não sabem o porquê e tal.”* (estudante veterano MA)

O estudante expõe claramente a sua insatisfação com a formalidade de estratégias que utilizam-se apenas de exposições – sem diálogos com o público alvo – e, principalmente, com a descontinuidade da campanha ao longo dos semestres. Essa insatisfação foi percebida também em outras falas. Segundo os entrevistados, é importante que esse tipo de campanha seja mais constante, ou seja, que não seja esporádico, ocorrendo apenas em ocasiões especiais como a Recepção dos Calouros realizada no início de cada semestre.

**Quadro 10: Categoria 10 – Crenças sobre os possíveis motivos para o RU ter adotado o uso da caneca**

CLASSES	RESPOSTAS	Nº DE OCORRÊNCIAS
<b>QUESTÃO AMBIENTAL</b>		
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Acredito que pela necessidade social mesmo da coisa, é uma consciência ecológica.</li> <li>➤ Questão ambiental, com certeza.</li> <li>➤ Pela reciclagem mesmo dos copos.</li> <li>➤ Para defender a não destruição da natureza.</li> <li>➤ É uma ideia para tentar ser mais consciente, produzir menos lixo.</li> </ul>	5
<b>ECONÔMIA DE GASTOS</b>		
	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Porque eles viram que sai mais barato, com certeza.</li> <li>➤ Talvez por um motivo econômico.</li> <li>➤ O fator do custo influencia.</li> </ul>	3

<b>PRESSÃO DE GRUPOS DA UNIVERSIDADE</b>	
➤ Eu acredito que seja a pressão de grupos.	1
<b>REDUÇÃO DA SUJEIRA</b>	
➤ Eu via muito copo descartável espalhado por aqui, e agora está tudo limpinho.	1
<b>DIVULGAÇÃO DO RU</b>	
➤ Eu acho que o RU está ganhando, é melhor pra ele ter essa estampa, essa caneca.	1

As crenças dos entrevistados sobre os motivos para o RU ter adotado o uso da caneca foram categorizadas e expostas em 5 classes diferentes, conforme mostra o Quadro 10. A pergunta “**Quais os motivos você acredita ter levado o RU a adotar o uso das canecas?**” foi realizada a todos os entrevistados. Quando interrogados, em primeiro momento, muitos mostram-se duvidosos e receosos em responder a questão, afirmando nunca terem refletido sobre a temática antes. Porém, após um momento de reflexão, todos expuseram sua opinião.

A crença com maior número de ocorrências é relativa à “**Questão Ambiental**”. Dos 8 entrevistados, 5 acreditam que o fato do RU ter eliminado o uso do copo descartável em suas dependências e apoiado a campanha do uso da caneca está realmente ligada a preocupação ambiental de seus dirigentes quanto a excessiva produção de resíduos no restaurante, advindos principalmente do descarte dos copos descartáveis.

Segundo o estudante veterano MA, é comum as pessoas acreditarem que o fator da economia de gastos seja o principal motivo para o RU ter cessado a disponibilidade dos copos descartáveis para os usuários. Porém, para ele, isso não corresponde à realidade, visto que ao se deixar de fornecer copos descartáveis no restaurante não se gera uma economia considerada realmente relevante a ponto de realizar toda uma campanha para tanto.

*Bom, acredito que o motivo... Quando se fala nesse tipo de medida se pensa em motivos econômicos, mas acredito que não seja porque o uso de copos não geraria uma, digamos, despesa econômica muito grande assim. Acredito que pela necessidade social mesmo da coisa né. É uma consciência ecológica, uma coisa assim. (estudante veterano MA)*

A segunda classe mais citada, nesta categoria, é referente justamente a “**Economia de Gastos**” também colocada pelo estudante no trecho de fala acima. Nas falas dos entrevistados, pudemos observar que, apesar de alguns considerarem que o fator principal para a adoção das canecas no RU ser derivada da preocupação com a questão ambiental, o fator economia de gastos também influenciou nas decisões tomadas para o apoio da



campanha. A fala do visitante SI expõe esta ideia: “*Questão ambiental, com certeza. Mas, o fator de custo influencia.*” (visitante SI).

O discurso do estudante calouro JE demonstra claramente a hesitação do entrevistado em responder a tal questão. O estudante, primeiramente, diz não conhecer ao certo a história, depois afirma que houve pressão de grupos para que ocorresse tal ação – grupos estes não especificados pelo estudante – logo após pressupõe um número muito acima do real quanto ao consumo de copos descartáveis no restaurante e, por último, afirma que o fator principal é a economia de gastos.

*Eu não conheço bem a história, se foi a UnB ou se foi o RU. Eu acredito que seja a pressão de grupos e principalmente porque eles viram que sai mais barato, com certeza. Já pensou o tanto de copo descartável que você gasta no ano. Já me falaram que em média dois milhões por semana. É exagero? [...] Mas, pensa o tanto que eles poupam com isso. É, eu acho que o custo é o principal.* (estudante calouro JE)

**Quadro 11: Categoria 11 - Mudanças percebidas no próprio cotidiano quando está na Universidade, após a campanha das canecas**

<b>CIASSES</b>	<b>RESPOSTAS</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>
<b>PASSEI A SENTIR UMA SENSÇÃO BOA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ É uma sensação boa, você saber que está contribuindo.</li> <li>➤ Pra mim está uma paz após a retirada dos copos.</li> <li>➤ Senti mais amor né, conscientizando as pessoas.</li> </ul>	3
<b>PASSEI A USAR A CANECA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Antes eu não usava a caneca, agora estou sempre com ela.</li> <li>➤ Agora comecei a andar com a minha caneca.</li> </ul>	2
<b>AUMENTO NO CONSUMO DE ÁGUA QUANDO ESTÁ NA UNIVERSIDADE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eu mesmo comecei a beber mais água.</li> <li>➤ Agora toda hora eu estou tomando água.</li> </ul>	2
<b>PASSEI A REFLETIR MAIS SOBRE O ASSUNTO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Eu estava aqui pensando, o que será desse tanto de resíduo.</li> </ul>	1
<b>PASSEI A REUTILIZAR A GARRAFA DE ÁGUA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Agora eu uso muito mais a garrafa, a mesma garrafa durante um mês.</li> </ul>	1
<b>DEIXEI DE BEBER SUCO NO RU</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Deixei de beber suco no RU, mas continuo bebendo água.</li> </ul>	1

AJUDOU EM OUTRAS SITUAÇÕES	
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Incorporar esse hábito me ajudou muito em outras situações fora do RU.</li> </ul>	1

O Quadro 11 demonstra as mudanças de comportamento no cotidiano universitário dos entrevistados, percebidas por eles próprios, após a campanha realizada que culminou na retirada dos copos descartáveis do RU. Para levantamento de tais dados, foi elaborada a seguinte questão **“Você percebeu alguma mudança em você e em seu cotidiano universitário (dia a dia) após entrar na UnB e conhecer a campanha?”**. Apenas um entrevistado revelou não ter percebido nenhuma mudança. Os demais perceberam, na maioria das vezes, mais de uma.

De acordo com a análise elaborada para compor esta tabela percebeu-se durante as entrevistas que, muitas vezes, aqueles que foram identificados na classe **“Passei a sentir uma sensação boa”** apresentaram respostas semelhantes, porém fugazes para uma resposta realmente consistente quanto às reais mudanças percebidas, as quais os entrevistados não conseguiram identificar e especificar ao certo no momento. As respostas para esta pergunta foram bastante simplistas como se pôde identificar nas falas a seguir: *“Você saber que tá contribuindo, fazendo sua parte. Só uma sensação boa.”* (estudante veterano SI); *“Pra mim é uma paz, a melhoria da retirada dos copos e a boa ideia de vir as canecas.”* (funcionária JA); *“Senti mais amor né, conscientizar as pessoas.”* (visitante DA).

As outras classes identificadas apresentaram também, em sua maioria, características positivas como **“Passar a usar a caneca”**, **“Aumentar o consumo de água”**, **“Refletir mais sobre a questão ambiental”** e **“Passar a usar e reutilizar a garrafa d’água”**.

O entrevistado que acusou não ter percebido nenhuma mudança justificou sua resposta afirmando que *“[...] talvez pra mim não tenha feita tanta diferença porque eu já venho de lugares, universidade, onde o as pessoas já tinham esse uso de copo.”* (estudante veterano MA). Segundo o estudante, sua mudança para Brasília ocorreu há pouco tempo e, antes de mudar-se para cá, vivia em outra cidade na qual estudava em uma Universidade onde o uso de canecas pessoais era bastante comum no meio social em que convivia.

## **CAPÍTULO 08**

### **DISCUSSÃO**

Os resultados desse estudo apontam as crenças ambientais bem como os comportamentos ecológicos associados a estas dos usuários do Restaurante Universitário da Universidade de Brasília. Sugerem-se também possíveis estratégias para melhoramento ou aperfeiçoamento da campanha realizada, e para outras campanhas ou estratégias de educação ambiental/gestão ambiental futuras. Para Corral-Verdugo (1999), é de extrema importância ao se realizar uma pesquisa sobre o comportamento ambiental responsável, considerar-se as diferenças culturais desses sujeitos para que, desta forma, seja possível desenhar um quadro mais realista, compreensivo e de utilidade para a sociedade. Desta forma, a pesquisa foi realizada privilegiando-se os aspectos locais de realização da pesquisa e as características sociodemográficas dos sujeitos.

Segundo Pato (2004) se os valores forem tomados como sendo o centro da cultura, pode-se também considerar que os valores são antecedentes de comportamento e, portanto, antecedentes dos comportamentos ecológicos. Ao se compreender aspectos pessoais e culturais que estão relacionados às ações pró e contra o meio ambiente, poder-se-á obter um melhor esclarecimento a respeito da problemática ambiental vigente. Para a pesquisadora, nem sempre a relação entre os valores e o comportamento ecológico é direta, podendo-se ter mediação de outras variáveis, como, as crenças, o gênero, o nível de escolaridade, a área de atuação. A variável crença ambiental, especificamente, quando introduzida no modelo de estudo, pode vir a contribuir para a identificação das crenças que estão mais ou daquelas que se encontram menos associadas ao comportamento ecológico do indivíduo. Este estudo, portanto, buscou identificar a variável crença ambiental associada ao comportamento ecológico.

A etapa da pesquisa referente às observações e às notas críticas depositadas pelos usuários na urna revelou uma variedade de crenças ambientais dos usuários com relação ao uso da caneca. Nesta primeira etapa, hipotetizou-se que tais crenças influenciam os comportamentos ecológicos destes mesmos usuários. Além das crenças, nas urnas foram encontradas também diversas sugestões dos usuários para uma possível melhora na campanha.

As principais crenças levantadas nesta primeira etapa foram: a-) A de que “o uso da caneca pessoal não é higiênico”, visto que muitos usuários acreditavam que a caneca pessoal

não era bem higienizada, excluindo de si a responsabilidade individual da limpeza da mesma; b-) A de que “carregar a caneca é incomodo”. Percebeu-se que os usuários reclamavam, em geral, do tamanho da caneca e de não ter onde carregá-la. Observou-se esse tipo de reclamação, inclusive, de usuários que estavam com mochila e, portanto, tinham onde guardá-la; c-) A crença que “a campanha estava sendo realizada exclusivamente para a redução dos gastos do RU”. Esta crença gerou diversas discussões e críticas dos usuários para a própria direção do restaurante.

Já os comportamentos associados ao uso da caneca ou do copo descartável observados foram: a-) Usuários portando canecas pessoais, mesmo não sendo as distribuídas pelo NAA; b-) Usuários portando copos descartáveis de outros estabelecimentos, principalmente das lanchonetes do campus; c-) Usuários compartilhando canecas com outras pessoas; d-) Usuários utilizando sua caneca pessoal inclusive em outros ambientes. Tais comportamentos sugerem que durante o período de implantação da substituição de copos descartáveis pela caneca, caracterizado por um período de transição, algumas pessoas mantinham suas práticas antigas, continuando a usar copos descartáveis sempre que eram disponibilizados ou mesmo usando subterfúgios, como pegando nas lanchonetes vizinhas ao RU. Esse comportamento pode ser entendido, possivelmente, pela dificuldade de mudança de hábitos, sobretudo se associadas a crenças que inibiriam as mudanças esperadas. Isso é compatível com o que a literatura a respeito de crenças e de comportamentos demonstra, como os estudos de Pato (2004) e de Stern, Dietz, Kalof & Guagnano (1995). No entanto, percebeu-se também diversos usuários portando suas canecas pessoais, ou outros recipientes de material durável. Com a mudança de hábito do usuário de ter que passar a carregar sua caneca pessoal enquanto está na Universidade, muitos usuários passaram inclusive a usar suas canecas em outros ambientes como nas salas de aula, nas próprias lanchonetes do campus e em festas realizadas na Universidade.

De acordo com Corral-Verdugo (1999), durante as últimas décadas, o comportamento pró-ambiental – CPA tem sido um dos objetos de estudo que tem despertado maior interesse entre os pesquisadores da Psicologia Ambiental. Graças aos estudos realizados, tem sido possível levantar condições e características pessoais dos indivíduos que demonstram responsabilidade ambiental. O mesmo autor ainda coloca que trabalhos realizados por estudiosos da área como Borden e Schettino (1979), Hines, Hungerford e Tomera (1987) e Schahn e Holzer (1990) apontam que “[...] as pessoas mais propensas a cuidar de seu entorno são aquelas com conhecimento, atitudes favoráveis, motivadas, hábeis, com locus de controle

interno, responsáveis e com crenças pró-ambientais.” (Corral-Verdugo, 1999, p.8). Nesta afirmação destaca-se a importância das crenças pró-ambientais na escolha dos comportamentos a serem realizados pelos indivíduos.

As correlações obtidas entre as crenças ambientais e os comportamentos ecológicos revelaram que as crenças ambientais estão relacionadas com os comportamentos ecológicos associados ao uso da caneca ou do copo descartável. Entretanto, a amostra reduzida, resultante da interrupção do atendimento do RU aos usuários por longo período durante a greve geral da universidade, impossibilitou a realização de análises multivariadas, como a regressão múltipla, que permitissem testar um modelo preditivo das crenças sobre os comportamentos. Apesar disso, há uma tendência a essa relação preditiva, compatível com a literatura pertinente (Pato, 2004; Ros, 2011; Riesle, 2002), que é evidenciada pelas correlações entre as crenças ambientais e os comportamentos ecológicos desse estudo. Nesse sentido, sugere-se que em estudos futuros, sejam melhoradas as propriedades psicométricas das escalas de medidas, além de um aumento do tamanho da amostra, que permitam investigar a influência de crenças ambientais associadas ao uso de copo descartável e de canecas ou utensílios duráveis e os comportamentos ecológicos associados a elas.

Com relação às crenças ambientais, os resultados revelaram dois tipos de crenças (“crenças favoráveis ao uso da caneca” e “crenças desfavoráveis ao uso da caneca”), ambas associadas, respectivamente, às chamadas de crenças ecocêntricas e crenças antropocêntricas, conforme Pato (2004). As crenças ecocêntricas estão relacionadas à preocupação com o meio ambiente e à visão de interdependência entre homem/meio-ambiente. Já as crenças antropocêntricas estão relacionadas a uma visão utilitária do meio ambiente, onde o ser humano é visto como um ser superior a este. Desta forma, aqueles que possuem crenças ecocêntricas estariam mais propícios a realizarem comportamentos ecológicos.

Estudos como os realizados por Pato (2004) e Touguinha (2008) apontam para um resultado parecido com relação à proximidade existente entre crenças ambientais e comportamentos ecológicos. Os estudos de Pato (2004) apontam as predições dos valores e das crenças ambientais sobre os comportamentos ecológicos, confirmando a proximidade existente entre as crenças ambientais e tais comportamentos. Touguinha (2008), por sua vez, nos seus estudos, também confirmou a influência das crenças ambientais ecocêntricas sobre o comportamento ecológico em ambiente organizacional.

Corral-Verdugo e Pinheiro (1999) realizaram estudo que investiga a diferença cultural, utilizando-se a escala do “Novo Paradigma Ambiental”, a qual avalia as crenças

antropocêntricas e as ecocêntricas. Os resultados identificaram que os norte-americanos consideram a visão antropocêntrica como oposta à ecocêntrica, enquanto os brasileiros não enxergam uma contradição tão extrema assim entre essas duas visões. Corral-Verdugo e Armendáriz (2000) encontraram também esta visão holística entre os mexicanos, e sugerem que nas sociedades latino americanas, “os indivíduos podem estar ligados ao equilíbrio natural e, ao mesmo tempo, acreditar no controle humano sobre a natureza e estar interessados em possíveis lucros que possam obter da natureza” (Corral-Verdugo, 2005, p. 30). Tais autores lembram ainda que, coincidentemente, esta é uma descrição da doutrina do desenvolvimento sustentável, a qual procura certo equilíbrio entre a proteção do meio ambiente e a satisfação das necessidades humanas. Embora não tenha sido objeto do presente estudo verificar se essas crenças ambientais seriam ou não antagônicas, existem estudos que apontam a realidade brasileira, e a latinoamericana de modo geral, como contextos culturais que revelam crenças ambientais coexistentes e compatíveis, muito embora de paradigmas distintos.

Segundo estudiosos como Aguilar-Luzón e colaboradores (2006) a literatura referente aos valores, crenças, atitudes e comportamentos aponta que o comportamento ecológico pode ser explicado a partir dos valores e crenças gerais sobre o meio ambiente e do grau de conscientização, responsabilidade e normas pessoais ou morais. Pato (2004) aponta que a literatura sobre crenças ambientais demonstra que estas são consideradas como antecedentes às atitudes e aos comportamentos ecológicos. Segundo a mesma, o estudo das crenças é muito importante, visto que fornece subsídios para que se compreenda como e por que as pessoas se comportam de determinada maneira com relação ao meio ambiente.

Para aprofundamento dos dados obtidos com a aplicação dos questionários, optou-se então pela realização de entrevistas. A partir dos resultados das mesmas, pode-se aprofundar a percepção dos usuários e funcionários do RU a respeito das crenças ambientais e dos comportamentos ecológicos que eles observavam nos usuários e aqueles que eles próprios realizavam durante e após a campanha, bem como a visão que eles tinham da iniciativa promovida pelo Núcleo da Agenda Ambiental da UnB – NAA e sugestões que eles dariam para melhoramento desta.

Após a análise das entrevistas, constatou-se que os usuários avaliaram positivamente a ação promovida pelo NAA em parceria com o RU. Este resultado compatibiliza-se com os resultados obtidos por meio da análise dos questionários, onde a maioria dos entrevistados declarou-se a favor da campanha. Apesar das diversas queixas analisadas, como o incômodo em carregar a caneca diariamente pelo campus, a falta de higiene dessa prática ou a suspeita

de que a campanha era motivada por economia de recursos financeiros da instituição, sugerindo que tais usuários transferem a responsabilidade de seus próprios comportamentos para os outros ou desconhecem os objetivos e as ações dessa campanha, atribuindo motivações econômicas a ela ao invés de a identificarem como ações voltadas à conservação ambiental, é interessante perceber que ainda assim a maioria destes usuários declara-se a favor e apoia a campanha.

A percepção dos usuários entrevistados quanto à intenção da campanha variou dentro dos aspectos já explorados na escala de crenças do questionário, como: preservação do meio ambiente, higiene, economia de gastos, qualidade e estética da caneca. Essas percepções dos usuários também foram observadas durante a primeira etapa da pesquisa, tanto nas falas dos usuários, quanto nas notas críticas depositadas na urna.

Com a análise dos questionários, percebeu-se que as crenças mais aceitas pelos usuários foram as de que usar uma caneca pessoal contribui para a diminuição do impacto ambiental, manter a caneca pessoal higienizada é fácil quando o usuário encontra-se na UnB e, por último, que o uso da caneca de material durável não compromete a higiene. Duas das crenças mais aceitas pelos usuários referem-se à categoria higiene. Estas respostas evidenciam a importância que os usuários dão à saúde e, portanto, à manutenção da sua caneca pessoal higienizada, ação está que deve ser protagonizada pelo próprio usuário da caneca.

Durante a exploração das crenças nas entrevistas, os entrevistados levantaram ainda outras crenças além da questão ambiental e da economia dos gastos já exploradas anteriormente. Os entrevistados também levantaram as crenças de que o RU adotou o uso da caneca para se autopromover, por pressões de grupos internos da Universidade e para uma redução de sujeira no campus, sugerindo que existe ainda uma preocupação com a manutenção da limpeza no campus, o que, também, está relacionado à categoria higiene. Os grupos internos citados pelo entrevistado provavelmente são referentes aos diversos grupos ambientalistas atuantes na universidade, inclusive alguns ligados ao NAA por meio do edital “Mostre seu amor pela UnB”.

A categoria higiene foi a que gerou maior variação e até mesmo contradição entre as respostas dos usuários. Durante as observações e notas críticas, percebeu-se que os usuários aliavam a falta de higiene às canecas, acreditando que essas não eram bem higienizadas, possivelmente por seus próprios donos e, além disso, que o material poroso do plástico poderia acumular resíduos, o que é compatível com as respostas dadas aos questionários. No entanto, durante as entrevistas, percebeu-se que os entrevistados que citaram o aspecto

higiene em suas respostas aliaram a falta de higiene aos copos descartáveis, afirmando que os copos descartáveis não são higiênicos, pois, em muitos lugares, reutilizam-se estes após a sua lavagem, ou que, ao serem descartados em locais impróprios, poluem o meio ambiente.

No documento “Programa Agenda 21 da UnB: versão preliminar para discussão” (UnB, 1998), encontra-se um quadro com os resultados do “Diagnóstico de problemas/propostas de resolução”, obtidos a partir de um levantamento feito por um grupo de professores que compunham a comissão da Agenda 21 em parceria com o Departamento de Assuntos Comunitários e, no que se refere à problemática do lixo, os resultados apontam para a existência de uma má conduta da comunidade acadêmica que joga lixo nos gramados e áreas, mesmo em locais onde há lixeiras. Para esta problemática, a solução apontada seria a realização de campanhas educativas e a instalação de mais lixeiras, especialmente nos estacionamento. Um outro ponto levantado seria a ausência de destinação correta para o lixo e, sua respectiva possível solução seria a implementação de uma Coleta Seletiva de lixo no Campus e, a criação de um serviço de compostagem c/equipamento (depósitos e pessoal capacitado). Nesta versão preliminar nada foi dito com relação à diminuição da quantidade de resíduos gerados, principalmente relativos ao uso de descartáveis, apenas se falou em reciclagem.

Com relação às canecas, segundo o NAA, estas foram fabricadas de maneira a evitar o acúmulo de resíduos em seu interior, portanto, o seu material e o seu formato diminuem a probabilidade de aglomeração destes resíduos, facilitando a sua higienização. É necessário que os próprios usuários mantenham a sua caneca pessoal higienizada e se responsabilizem por isso. Para facilitar esta tarefa, em todos os refeitórios do restaurante foram instaladas pias específicas para a higienização da caneca.

Segundo uma pesquisa realizada por Barbosa e Campbell (2006), uma das entrevistadas comentou que “– parece... mais higiênico do que o plástico, o que é totalmente ilógico porque a gente sabe que não há razão para que o plástico não seja tão higiênico quanto o metal...” (p.99) Segundo os pesquisadores, esta citação indica as atitudes e as crenças dos consumidores em relação ao plástico. A porosidade palpável, em consequência da utilização, da durabilidade e do envelhecimento dos objetos plásticos, causa certo desconforto dos usuários de objetos fabricados com esse tipo de material. Essa propriedade fica ainda mais evidente à medida que os objetos de plástico vão sendo mais utilizados e envelhecem, tornando-se mais sujos e manchados. Essa propriedade física torna-se bastante relevante devido às ideias específicas sobre saúde e higiene que podem ser afetadas por esses fatores.



Segundo os autores, existe ainda a crença de que os plásticos são pegajosos, o que causa atitudes em relação aos plásticos que se relacionam com sua porosidade e exigem tanto um registro simbólico de ideias sobre saúde e higiene quanto um registro físico da materialidade dos plásticos. Para os autores

Todos os materiais tornam-se sujos, apesar de seu estado de limpeza original, como uma consequência inevitável de seu uso, mas as maneiras pelas quais os plásticos ficam assim parecem influenciar as atitudes em relação a eles de modo específico e conectá-los a certos conjuntos de ideias dos consumidores. (Barbosa e Campbell, 2006, p.99/100)

A categoria “aspectos econômicos” também chamou a atenção. Na primeira etapa da pesquisa, esta categoria foi relacionada à economia dos gastos do RU apenas com a compra dos copos descartáveis. No questionário a crença “A substituição dos copos descartáveis é uma estratégia para diminuir os gastos da UnB” também foi explorada, no entanto, constatou-se que 66,5% discorda totalmente ou discorda em parte desta afirmação. Durante as entrevistas, um outro ponto foi levantado. Segundo um dos funcionários do RU entrevistado, houve economia inclusive do consumo de café. De acordo com Barbosa e Campbell (2006), o consumo é caracterizado de certa forma como ambíguo, já que pode ser entendido tanto como uso e manipulação e experiência, ou como compra, exaustão, esgotamento e até realização. Desta forma, na questão consumo, a economia pode se dar em diversos pontos, inclusive na água ou energia (recursos usados na fabricação/reciclagem de copos descartáveis). Se ampliarmos nossa visão para uma dimensão mais ampla, percebemos que ao usarmos uma caneca ou copo de material durável, a longo prazo, deixamos de consumir copos descartáveis e, conseqüentemente, diminui-se a fabricação ou reciclagem de novos copos descartáveis.

Com relação ao consumo do plástico, Barbosa e Campbell (2006) colocam que a presença marcante dos plásticos em toda parte faz com que os consumidores não necessitem fazer muita distinção entre os materiais na hora de decidirem por suas compras, pois grande parte dos objetos consumidos hoje em dia só está disponível em plástico. Para os autores, desde que o plástico foi inventado, estes são frequentemente utilizados para imitar ou substituir outros materiais considerados mais “nobres”. Este é o caso dos copos ou canecas que, há pouco tempo, eram fabricados apenas com metal, vidro ou porcelana.

No entanto, ainda segundo os autores, existe também uma ideia negativa do plástico. Para eles, talvez isso aconteça em virtude do extenso período de tempo em que os plásticos foram utilizados para imitar ou substituir materiais mais nobres e, muitas vezes, não obteve sucesso. Desta forma, há evidência de que os consumidores ainda associem o plástico a um

tipo de material usado em bens de alguma forma mais inferiores. Os autores expõem também, contrapondo a ideia negativa, a ideia positiva do plástico segundo a literatura. Segundo eles, a literatura coloca que “os plásticos têm sido considerados intrinsecamente “progressistas”, associados a uma visão otimista de modernidade e, por vezes, entrado muito em moda tanto no mobiliário quanto no vestuário.” (Barbosa e Campbell, 2006, p.95) E, embora a literatura aponte que tais ideias possam influenciar ainda as atitudes dos consumidores, suas modulações atualmente são impactantes. Ambas as ideias expostas advindas da questão do consumo do plástico, parecem estar ligadas aos conceitos culturais que as envolvem.

Os pontos positivos percebidos pelos usuários durante a campanha foram explorados apenas nas entrevistas. De acordo com os resultados, a maioria dos entrevistados apontou como principal ponto positivo a redução dos resíduos no RU e no campus. Segundo os usuários, antes as lixeiras do RU encontravam-se sempre cheias e, além disso, era comum verificar copos espalhados pelo campus, principalmente nos locais próximos ao RU. Outros pontos positivos também relatados referem-se à adaptação dos usuários aos novos hábitos, à reflexão sobre o assunto, à divulgação de informações e, a outros dois pontos já citados nas crenças: maior higiene e redução dos gastos do RU.

Uma das maiores contribuições do movimento ambientalista foi a retomada de uma discussão que por muito tempo foi esquecida ou renegada, ou seja: “Como tornar viável, de forma perene, o desenvolvimento do homem em um sistema materialmente limitado?” (Figueiredo, 1995, p. 15). Sociedades que pretendem evoluir harmoniosamente no planeta precisam, necessariamente, passar por uma discussão profunda dos seus valores humanos, dos seus comportamentos, das suas crenças, repensando-os sobre as reais necessidades das populações, sobre a relação homem/natureza, sobre a utilização e preservação dos recursos naturais, entre outros, e desta maneira, reconstruí-los. Mudar um comportamento requer tempo e dedicação por parte dos sujeitos de interesse, sejam eles os sujeitos que realizam o comportamento, sejam eles os sujeitos de fora que pretendem a mudança de comportamento no outro. Neste contexto, a educação ambiental busca contribuir para uma re-educação comportamental ecológica e, para tanto, baseia-se no conhecimento dos valores, crenças e atitudes daquelas pessoas que se pretende mudar um comportamento, e assim, trabalha-se utilizando como ponto de partida esse conhecimento.

Segundo Corral-Verdugo, muitos psicólogos acreditam ser necessário estudar os fatores contextuais que possam influenciar na promoção de comportamentos pró-ambientais. Para tanto, o estudioso traz várias exemplificações de alguns casos concretos: a escassez de

recursos naturais aumenta a motivação para conservação, afetando assim positivamente o status do ambiente; experiências prévias de contato com o ambiente promovem afinidade emocional com a natureza, promovendo assim, conseqüentemente, a sua conservação; a percepção de desperdício de recursos gerada por outras pessoas influencia de maneira negativa o comportamento de conservação. “Em outras palavras, ao se estudar o efeito do comportamento sobre o ambiente, é igualmente necessário estudar quais influências ambientais são promotoras significativas de comportamento ambiental responsável, e assim por diante.” (Corral-Verdugo, 2005, p.74)

Com o resultado das entrevistas, pode-se perceber que os pontos negativos limitaram-se, segundo os usuários, basicamente às reclamações dos usuários e à falta de hábito dos mesmos, o que, porventura, ocasionava esquecimento das canecas e os usuários muitas vezes tinham que deixar de beber suco durante o almoço. Como discutido, essa mudança de comportamento requer certo tempo. Ao passar dos meses, percebeu-se que os usuários foram se adaptando as novas regras e o número de reclamações diminuiu.

De acordo com os entrevistados, algumas das mudanças de comportamento percebidas por eles durante a campanha foram que os usuários: passaram a usar a caneca, passaram a usar um outro recipiente de material durável para beber o suco, tomaram consciência sobre as questões ambientais, deixaram de beber o suco do RU, passaram a trazer copos descartáveis de outros locais e, passaram a discutir sobre o assunto. Estas mudanças refletem a mudança de hábitos dos usuários quando estes se encontraram diante da situação da não mais disponibilidade dos copos descartáveis no restaurante. Quando o RU passou a não fornecer mais os copos descartáveis, os usuários tiveram que se adaptar, cada qual a sua maneira, a estas novas regras. A maioria, segundo os entrevistados, passou a usar a caneca, porém, como exposto, outras mudanças no comportamento também foram percebidas.

Segundo Goffman (2010), por meio de estudos, os psiquiatras nos permitiram ser mais conscientes acerca de uma área importante na vida social: a do comportamento em lugares públicos e semipúblicos, como é o caso do restaurante. Apesar desta área não ter sido reconhecida como um domínio especial de investigação sociológica, as regras de conduta em ruas, parques, restaurantes, teatros, lojas, entre outros lugares de aglomeração de qualquer comunidade ou pessoas, nos dizem muito sobre suas formas de organização social. Determinado ato pode, é claro, ser apropriado ou inapropriado apenas de acordo com os juízos de um grupo social específico, no entanto, mesmo assim, é possível que se haja dissenso entre os membros deste grupo. No entanto, segundo o autor, há diversos problemas

em se usar a distinção entre comportamento apropriado e inapropriado, visto que o conceito de aprovação cobre uma gama de variáveis ainda pouco exploradas. Uma variável trata da força de aprovação pelo cumprimento da regra. Uma segunda variável se refere à consequência de não se cumprir a regra. Estas duas variáveis, de aprovação e desaprovação, “muitas vezes não se referem a tipos de atos concretos, [...] mas a classes de atos, cujos membros são fenomenalmente diferentes, mas normativamente equivalentes e substituíveis no ambiente.” (Goffman, 2010, p.17)

Além dos pontos negativos apontados pelos usuários, diversas estratégias para melhoramento ou aperfeiçoamento na campanha também foram sugeridas. Após a análise dos resultados obtidos com as notas críticas, percebeu-se quatro grupos diferenciados: um primeiro que apoia a campanha e não sugere nada para melhorá-la; um segundo que apoia a campanha, mas acredita que esta ainda pode ser melhor e por isso sugerem algo; um terceiro grupo que não apoia a campanha e que também não tem sugestões para dar; e, por último, um quarto grupo que não apoia a campanha, mas que sugere algo que possa contribuir para o desenvolvimento desta.

Com relação ao grupo que apoia a campanha, o maior número de ocorrências foi daqueles que apoiam à campanha, mas não sugerem nada. Para estes sujeitos a iniciativa é bastante interessante e está relacionada a uma preocupação ambiental. Estes demonstram que não há pontos a serem melhorados nas ações realizadas. O grupo que apoia a campanha, mas ainda assim sugere algo, acredita que apesar da campanha ser positiva, seu caráter autoritário dificulta a adesão de alguns usuários. As demais sugestões deste grupo estão relacionadas ao melhoramento da estética das canecas, a eliminar também o uso de saquinhos plásticos dos talheres e ao impedimento de usuários portando copos plásticos advindos de outros estabelecimentos.

O grupo que demonstrou não apoiar a campanha apontou que os principais pontos a serem trabalhados são o caráter impositivo assumido pela campanha quanto à retirada dos copos descartáveis do restaurante, e a falta de informação dos usuários a respeito da mesma, principalmente aos visitantes. Alguns afirmam ainda que esta ação é muito pequena perto dos resíduos gerados pelas grandes indústrias. As sugestões deste grupo referem-se também à adoção dos copos de material durável pelo próprio RU, à distribuição de um maior número de canecas aos usuários e à redução do preço da refeição no RU.

Com a análise das entrevistas, outras estratégias também foram sugeridas, no entanto a maioria acredita que as ações devem permanecer como já vem acontecendo. As sugestões

para melhoramento ou aperfeiçoamento da campanha foram: que as estratégias tenham continuidade também ao longo do semestre, que a campanha seja expandida para outros locais fora do restaurante, que se aumente o número de informações aos usuários, que se distribua mais canecas e, por último, que se aplique multas àqueles que não seguirem as regras.

Uma pesquisa realizada pelo Ministério do Meio Ambiente – MMA em 2006, intitulada “O que os Brasileiros Pensam Sobre a Biodiversidade”, pesquisa esta que pretendeu dar continuidade a uma série de três outras pesquisas iniciadas em 1992, Crespo (2006) afirma que a consciência ambiental vem crescendo em todo o país. A pesquisa teve como objetivo principal mapear as percepções da população brasileira adulta sobre as questões relativas à proteção da biodiversidade, entre outros temas ambientais de interesse. Segundo a pesquisadora, existe um enorme potencial para ser trabalhado o comprometimento ambiental das pessoas. Alguns resultados bastante interessantes revelados pela análise dos dados merecem destaque. Por exemplo, constatou-se que mais da metade da população está disposta a trabalhar voluntariamente e que, além disso, poderiam aderir a campanhas que fossem levadas à nível nacional, porém, a maioria não deseja se tornar membro de uma organização não-governamental e nem mesmo contribuiria com dinheiro para uma organização que trabalhe em prol da conservação ou preservação ambiental. Isto significa, segundo Crespo, um valioso impacto positivo, visto que temas como a coleta seletiva ou a diminuição do consumo de água seriam dois dos grandes beneficiados. Esta pesquisa demonstra o potencial para mudança em comportamento das pessoas a partir do conhecimento e interesse que as mesmas possuem acerca das questões ambientais.

Ainda com resquícios dos comportamentos da sociedade modernista dos anos 60, o modelo de consumo hoje, e as indústrias, ainda primam pela praticidade e a comodidade, porém inclui-se também agora a descartabilidade. Uma mudança de comportamento requer tempo. Não é fácil mudar comportamentos de pessoas habituadas a exercê-los há bastante tempo. Percebe-se a existência de crenças ambientais, muitas advindas do senso comum, que por já se encontrarem tão interiorizadas às pessoas, torna-se difícil uma abertura a algo novo e diferente.

Neste contexto, a educação ambiental tem papel fundamental de sensibilização e mobilização da comunidade universitária. Ao invés de um caráter impositivo, a campanha deve ser vista como algo democrático e construído com a comunidade. O que falta não são apenas informações, mas sim uma campanha educativa que trabalhe a questão socioambiental da problemática vivenciada na Universidade com relação aos resíduos sólidos, levando em

consideração as normas pessoais e sociais, as crenças a respeito dessa problemática e os comportamentos a elas associados, além de envolver a comunidade, de forma efetiva. Para Carvalho (2008) a educação ambiental “[...]constitui uma proposta pedagógica concebida como nova orientação em educação a partir da consciência da crise ambiental.” (p.54) Desta forma, esta não deve ser desvinculada da realidade de seu público alvo.

Para futuras ações e estratégias de educação ambiental e planos de gestão de resíduos, sugere-se então levar em consideração a participação da comunidade na construção destas estratégias. Sugere-se ainda uma divulgação ampla da campanha, em diversos meios de comunicação, além de cartazes, informando a comunidade os objetivos da ação e como as pessoas podem contribuir com a mesma. Levantar dados importantes sobre o público alvo também é considerado de extrema relevância, visto que os conhecimentos sobre os dados sociodemográficos e as crenças, por exemplo, fornecem subsídios bastante relevantes para a formulação estratégica e específica de ações para a problemática em questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR-LUZÓN, María del Carmem, et al. **El modelo del valor, las normas y las creencias hacia el medio ambiente en la conducta ecológica: Medio Ambiente y Comportamiento Humano.** 2006.

ALVES, José Eustáquio Diniz. O (ecologicamente) insustentável déficit público americano. **Jornal da Ciência da SBPC**, Rio de Janeiro, mar. 2010.p. 1 - 3, 04

ANJOS, Maria Anita. Retrospectiva da Economia Brasileira nos últimos 45 anos. Industrialização, desenvolvimento, crises, políticas neoliberais e injustiça social caracterizam a evolução da economia no país. **Revista FAE BUSINESS**, nº4, dez/2002.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (organizadores). **Cultura, consumo e identidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 204p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/38954430/Analise-de-Conteudo-1>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2011

BRASIL. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1.998 e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 22 p, 3 de agosto de 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **A intervenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil.** Porto Alegre: UFRGS, 2005

CORRAL-VERDUGO, Víctor. **Psicologia Ambiental: Objeto, “Realidades” Sócio-Físicas e Visões de Culturais de Interações Ambiente-Comportamento.** Universidade de Sonora, México, 2005.

CORRAL-VERDUGO, Víctor e PINHEIRO, José Q. **Condições para o estudo de comportamento pró-ambiental.** Estudos de Psicologia, 1999, p.7-22, 1999.

CHAYB, Lúcia. Diretora da ECO•21, Entrevista com Samyra Crespo, **O que os brasileiros pensam sobre a biodiversidade**. Eco.21, 2006.

COSTA, Lúcio. Relatório do Plano Piloto de Brasília, 1957.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Alexander Montero; SILVA, Dirceu. **Construção e validação de um questionário de atitudes frente as relações CTS**. Florianópolis, VII Enpec, 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida. JK, Uma modernização conservadora. **História viva**, Ano III / nº 27. Jan/2006.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge. **A sociedade do lixo: os resíduos, a questão energética e a crise ambiental**. 2ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro : LTC Editora, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos**; tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUTIERREZ, Francisco e PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico, 2008. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/municipios\\_estimados\\_2007.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/municipios_estimados_2007.pdf) Acesso em: 09 de fevereiro



LARAIA, Roque. **Cultura: Um conceito antropológico**. 24ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

KORNIS, Mônica Almeida. Os anos dourados? **Revista Nossa História**, Ano 2 / nº23. Set/2005.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Um salto para o futuro. **Revista Nossa História**, Ano 2 / nº23. Set/2005.

MORIN, Edgar. **O Método 1 - A natureza da natureza**. 2ed. Portugal: Publicações Europa-América, Ltda, 1977.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**: tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

PATO, Cláudia. **Comportamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. Universidade de Brasília, 2004.

BRASIL. PROJETO DE LEI 1991/07, Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e dá outras providências.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROKEACH, Milton. **Crenças, Atitudes e Valores**. Tradução de Angela Maria Magnan Barbosa; revisão de Helmut Ricardo Krüger. Rio de Janeiro: E. Interciência, 1981.  
Tradução de: Beliefs attitudes and values: a theory of organization and change

SABAGE, Juliana. **Integração econômica e o surgimento da sociedade de consumo em massa**. 2009

SIQUEIRA, Leandro. **Produção de Resíduos no Restaurante Universitário: Diagnósticos para ações de Educação Ambiental no Programa Agenda 21 da Universidade de Brasília**. Universidade de Brasília, 2002.

TAMAYO, Álvaro; PORTO, Juliana Barreiros (orgs.). **Valores e comportamento nas organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

**UNB. Políticas Públicas para Gestão Socioambiental Sustentável na Universidade de Brasília, 2009.**

**UNB. Programa Agenda 21 da UnB: versão preliminar para discussão, 1998**

**TOUGUINHA, Suely. Valores pessoais, crenças ambientais e comportamentos ecológicos em órgão público. Universidade de Brasília, 2008.**

**ZANETI, Izabel; MOURÃO, Laís. A educação ambiental como instrumento de mudança na concepção de gestão dos resíduos sólidos domiciliares e na preservação do meio ambiente.**

# APÊNDICES

## APÊNDICE 01 – INSTRUMENTO APLICADO AOS USUÁRIOS DO RU (QUESTIONÁRIO)

Esse questionário é parte de uma pesquisa de mestrado no campus universitário Darcy Ribeiro. Aqui você encontrará algumas afirmações sobre situações que fazem parte da vida universitária. Nesse questionário não existem respostas certas ou erradas. O importante é *a sua opinião*.

É muito importante que você responda **TODO** o questionário. Suas respostas serão anônimas e sigilosas e tratadas exclusivamente no âmbito da pesquisa.

Procure ler as frases com atenção e escolha a primeira resposta que vier a sua cabeça. Marque apenas uma única resposta em cada frase.

Marina Bicalho  
Pesquisadora  
maribicalho@gmail.com

Claudia Pato  
Orientadora  
claudiap@unb.br

Indique o quanto você concorda ou não com cada uma das afirmações listadas abaixo. Marque o número que corresponde a sua avaliação. Observe que quanto maior o número mais você indica que concorda com a frase em questão.

		1 Discordo totalmente	2 Discordo em parte	3 Não discordo nem concordo	4 Concordo em parte	5 Concordo totalmente
1	Usar uma caneca de material durável diminui o gasto de água.					
2	Usar produtos descartáveis gera maior renda aos catadores de resíduos.					
3	A maior parte dos resíduos gerados no Campus tem destinação adequada.					
4	O uso da caneca pessoal de material durável compromete a higiene.					
5	É incômodo carregar a caneca quando estou na Universidade.					
6	A substituição dos copos descartáveis no RU é uma estratégia para a diminuição de gastos da Universidade.					
7	Apenas ações coletivas são capazes de reduzir impactos socioambientais.					
8	Manter a caneca pessoal higienizada durante o período que estou na UnB é fácil.					
9	Usar caneca pessoal de material durável contribui para diminuição do impacto ambiental.					
10	Há um exagero nos problemas ambientais associados ao uso de copo descartável.					
11	O problema do lixo na cidade é muito maior e é indiferente a universidade reduzir o volume do lixo que produz.					
12	Se o RU fornecesse copos de material durável aos usuários, os impactos ambientais referentes à geração de descartáveis na UnB estariam sanados.					

A seguir, avalie quantas vezes o que está escrito em cada frase acontece com você. Para facilitar, lembre-se das coisas que você costuma fazer quando está no restaurante universitário.

		1 Nunca	2 Quase Nunca	3 De vez em quando	4 Quase sempre	5 Sempre	Não se Aplica
1	Evito desperdiçar água quando lavo a caneca no restaurante universitário.						
2	Uso copos descartáveis sempre que estão disponíveis.						
3	Uso um copo descartável novo cada vez que me sirvo de suco (ou água).						
4	Deixo de beber suco quando esqueço a caneca.						
5	Se esqueço minha caneca utilizo um copo descartável.						
6	Converso com meus colegas sobre a importância do uso da caneca						
7	Uso minha caneca independente de meus colegas estarem usando copo descartável.						
8	Peço copo descartável nas lanchonetes do campus quando não é disponibilizado no RU.						
9	Compartilho a caneca com outra pessoa quando esqueço a minha.						
10	Utilizo minha caneca em outros ambientes fora do RU.						
11	Quando não é disponibilizado copos descartáveis, utilizo outros recipientes como garrafas, copos de vidro.						

Por favor, responda as perguntas abaixo:

1-) Você possui uma caneca pessoal de material durável?

( ) sim ( ) não

2-) Você é favorável à campanha de substituição dos copos descartáveis no RU?

( ) sim ( ) não

Por que? \_\_\_\_\_

Para finalizar, preciso de algumas informações para caracterizar os participantes da pesquisa.

Sexo: ( ) feminino ( ) masculino Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: ( ) nível fundamental ( ) nível médio ( ) graduação incompleta

( ) graduação completa ( ) pós-graduação ( ) outro: \_\_\_\_\_

Em qual das categorias abaixo você se insere:

( ) Estudante da UnB Curso: \_\_\_\_\_ Período: \_\_\_\_\_ ( ) Servidor da UnB

( ) Professor da UnB Área: \_\_\_\_\_ ( ) Visitante ( ) Outros \_\_\_\_\_

Você já participou de alguma atividade que tivesse como objetivo a proteção ambiental?

( ) sim ( ) não

POR FAVOR, VERIFIQUE SE RESPONDEU TODAS AS PERGUNTAS ANTES DE ENTREGAR.

Muito obrigada pela sua colaboração!

## **APÊNDICE 02 – INSTRUMENTO APLICADO AOS USUÁRIOS DO RU (ROTEIROS DE ENTREVISTA)**

### **ESTUDANTE VETERANO E VISITANTE**

**01-)** O que você acha da substituição dos copos descartáveis por canecas de material durável aqui no RU?

**02-)** Você acompanhou o processo dessa substituição?

**03-)** Se sim, quais foram os pontos positivos que você observou durante o processo? E os negativos?

**04-)** Você observou alguma mudança nos comportamentos das pessoas que freqüentam o RU após a eliminação dos copos descartáveis? Quais? (Dê alguns exemplos).

**05-)** E fora do RU, você tem observado pessoas usando canecas? Em que espaços? (Cite exemplos) Você acredita que esse número tenha aumentado após a eliminação dos copos descartáveis no restaurante?

**06-)** Você acredita que há a adesão dos usuários do restaurante com relação ao uso da caneca? Como você percebe isso?

**07-)** Que estratégias você sugere para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB?

**08-)** Quais os motivos você acredita ter levado o RU a adotar o uso das canecas?

**09-)** E você, possui uma caneca de material durável? Caso tenha, você a usa no RU? Com que freqüência? E em outros espaços da UnB e até mesmo fora dela?

**10-)** Que mudanças você percebeu em você e em seu cotidiano (dia a dia) no RU a partir dessa campanha? E fora do RU, você percebeu alguma mudança em você?

## **ESTUDANTE CALOURO**

**01-)** O que você acha da substituição dos copos descartáveis por canecas aqui no RU?

**02-)** Você acompanhou o processo dessa substituição?

**03-)** Você acredita que há a adesão dos usuários do restaurante com relação ao uso da caneca? Como você percebe isso?

**04-)** E fora do RU, você tem observado pessoas usando canecas? Em que espaços? Cite exemplos.

**05-)** Que estratégias você sugere para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB?

**06-)** Quais os motivos você acredita ter levado o RU a adotar o uso das canecas?

**07-)** E você, possui uma caneca de material durável? Caso tenha, você a usa no RU? Com que frequência? E em outros espaços da UnB e até mesmo fora dela? E quando você está sem a caneca, o que você faz?

**08-)** Você percebeu alguma mudança em você e em seu cotidiano (dia a dia) após entrar na UnB e conhecer a campanha? E fora da Universidade?

## **FUNCIONÁRIO DO RU**

**01-)** O que você acha da substituição dos copos descartáveis por canecas de material durável aqui no RU?

**02-)** Você acompanhou o processo dessa substituição?

**03-)** Se sim, quais foram os pontos positivos que você observou durante o processo? E os negativos?

**04-)** Antes do início da campanha, vocês receberam informações sobre ela?

**05-)** Inicialmente, como você percebeu a aceitação dos funcionários para colaborarem com a campanha?

**06-)** Como os usuários do restaurante reagiam com os funcionários do RU durante o processo? Você tem algum caso que queira citar?

**07-)** Você observou alguma mudança nos comportamentos das pessoas que freqüentam o RU após a eliminação dos copos descartáveis? Quais? (Dê alguns exemplos).

**08-)** Você acredita que há a adesão dos usuários do restaurante com relação ao uso da caneca? Como você percebe isso?

**09-)** Você observou se houve redução dos resíduos gerados aqui no RU? Para você, esse fato trouxe alguma mudança no seu trabalho?

**10-)** Que estratégias você sugere para melhorar ou aperfeiçoar a campanha de uso das canecas no RU e na UnB?

**11-)** Quais os motivos você acredita ter levado o RU a adotar o uso das canecas?

**12-)** E você, possui uma caneca de material durável? Caso tenha, você a usa no RU? Com que freqüência? E em outros espaços da UnB e até mesmo fora dela?

**12-)** Que mudanças você percebeu em você e em seu cotidiano (dia a dia) no RU a partir dessa campanha? E fora do RU, você percebeu alguma mudança em você?

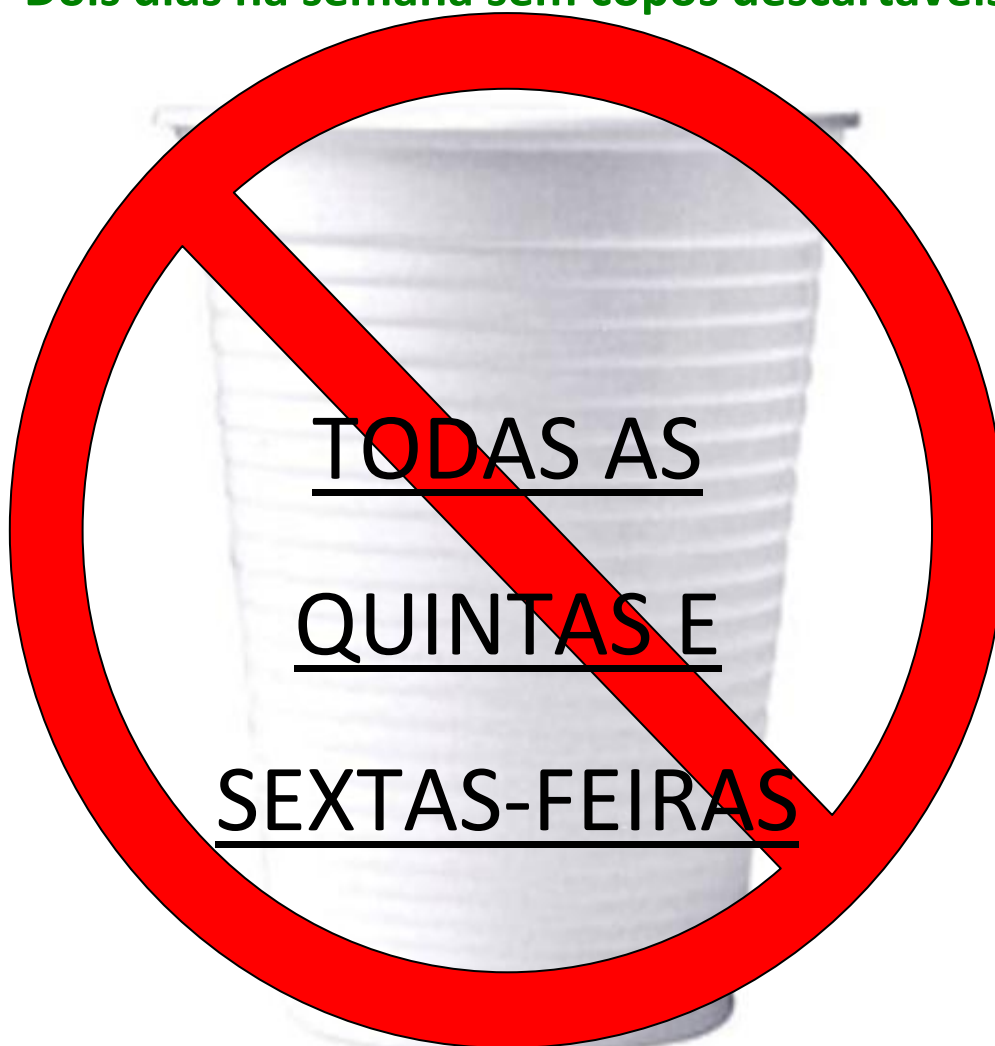


# **ANEXOS**

**ANEXO 01 – CARTAZ FIXADO NO RU INFORMANDO OS DIAS QUE NÃO ERAM  
DISPONIBILIZADOS COPOS DESCARTÁVEIS**

**“Dia da Caneca”**

**Dois dias na semana sem copos descartáveis**



**Ajude a preservar nosso planeta.  
Sua atitude faz a diferença. Diminua o consumo de  
descartáveis.**

**Traga sempre sua caneca para o RU!**



Restaurante Universitário/DAC



Universidade de Brasília



**ANEXO 02 – CARTAZ FIXADO NO RU INFORMANDO A CONTAGEM  
REGRESSIVA PARA O FIM DOS COPOS DESCARTÁVEIS NO RU**



# "DIA DA CANECA"



Realização:

